

A Revista Portuguesa de Psicanálise é o órgão oficial da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. Publica artigos originais de natureza teórica e clínica, no campo estrito da Psicanálise, e artigos de Psicanálise Aplicada, nomeadamente à Literatura e à Arte.

Está aberta a contribuições complementares ou adjacentes, de natureza científica, filosófica ou histórica, e ainda a elaborações literárias relevantes para o pensamento psicanalítico. Publica não só artigos de autoria portuguesa mas também trabalhos oriundos de outros países.

39

REVISTA PORTUGUESA DE PSICANÁLISE

ÓRGÃO OFICIAL DA
SOCIEDADE PORTUGUESA
DE PSICANÁLISE

**Cem anos de
escrita analítica**

**Entrevista a Dana
Birksted-Breen**

ANA MÓNICA DIAS
TERESA SANTOS NEVES

**Theo's Cavern: Where
Do We Live Today?**

MARTIN GAUTHIER

**AMOR DE PERDIÇÃO
em AGUSTINA
BESSA-LUÍS**

CELESTE MALPIQUE



Editorial

Maria Fernanda Alexandre

A direcção e o corpo editorial da Revista Portuguesa de Psicanálise (RPP) gostariam de partilhar com os seus leitores a celebração do centenário do *International Journal of Psychoanalysis* (1918–2019), evento que nos mostra o desenvolvimento e a evolução do pensamento analítico. Este jornal (IJP) — conhecido e de leitura obrigatória entre os analistas — tem acompanhado a história do pensamento psicanalítico ao longo dos últimos cem anos. Tornou-se, assim, desde o tempo de Freud até aos nossos dias, num espaço de debate e de controvérsias que surge a partir das diferentes descobertas que se fazem no campo da investigação clínica. O pensamento psicanalítico tem sofrido — como pode ser constatado a partir duma leitura mais aprofundada do IJP — ao longo dos anos uma constante evolução, e apercebemo-nos de como os diferentes conceitos psicanalíticos tiveram assinaláveis desenvolvimentos desde a sua origem. A investigação clínica mostra-nos diferentes patologias — sobretudo do agir — e como presenciamos uma significativa evolução e transformação teórica do sentido de certos conceitos. Assim, parafraseando Freud (1917), «o nosso trabalho deve avançar com base não em dúvidas, mas nas nossas descobertas». Desta forma, esta celebração surge, como salienta Birksted-Breen, com «um tempo de reflexão e de balanço do nosso conhecimento de forma a olhar para o futuro».

Assim, a RPP pensou, no contexto desta comemoração, fazer uma entrevista à actual editora chefe do *International Journal of Psychoanalysis*, Dana Birksted-Breen, que dirige uma equipa que integra quatro regiões e cem membros. Como não podia deixar de ser, abordámos, de entre outros aspectos, o processo criativo da escrita analítica. Foi-nos dado, assim, um testemunho pessoal da sua maneira de elaborar e pensar através da escrita psicanalítica: «espero que algo me aconteça no meu trabalho clínico, às vezes é algo muito pequeno... eu tomo nota disso e, passados meses ou até anos, retomo... e escrevo».

Também, ainda neste contexto, apresentamos um artigo de Ana Mónica Dias — «A escrita psicanalítica na formação do analista» —, no qual considera, através duma revisão bibliográfica, que o acto de escrever funciona como «um pilar decisivo no caminho de se “tornar psicanalista”». Mostra também como a escrita é um processo indissociável da formação do psicanalista, pois é através dela que o analista se pode reencontrar consigo próprio” (Gabbard & Ogden, 2011).

Apresentamos também um trabalho de Filipe Leão Miranda, em que descreve a conferência realizada em Londres aquando da comemoração do centenário do IJP. Desenvolve e narra a história da construção desta revista científica e acrescenta, duma forma sintética, o objectivo deste evento, através das palavras da actual editora Dana Birksted-Breen, que conduziu a ordem de trabalhos «daquela que seria uma conferência de tributo ao passado, mas com uma preocupação colocada no futuro».

Na segunda parte deste número da RPP, publicamos as diferentes conferências e comunicações que se realizaram no Colóquio da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, cujo título foi: «Espaço (In) finito: Psicanálise e interseção de lugares». Assim, divulgamos a conferência de Martin Gauthier, «*Theo’s Cavern: Where Do We Live Today?*», bem como o comentário feito por Conceição Tavares Almeida.

Publicamos também as diferentes comunicações que se realizaram neste Colóquio, como sejam: «Espaço Psíquico do Encontro Analítico: O Sonho Como Modelo», de Maria Fernanda Alexandre; «Acolher o estrangeiro, sonhar o que ainda não aconteceu», de Maria Teresa Sá; «Espaço do Sonho e de Outros Lugares em Psicanálise: Deriva a Partir da Poética Pessoana», de Manuela Fleming; «Psicanálise e Física moderna: o fim da ditadura da razão», de Maria Luís Borges de Castro; «O través da casa: Desenraizamento e dor psíquica», de Tiago Pires Marques.

Numa terceira parte, apresentamos textos clínicos e teóricos como: «Origem da vida psíquica, nascimento psíquico e originário», de Maria José Gonçalves; «Este corpo é meu ou da minha mãe? — O impacto da gravidez da analista na elaboração da relação das mulheres com o corpo», de Ana Teresa Vale.

Também apresentamos, neste número da revista, dois artigos que fazem uma ponte entre a psicanálise e a cultura. São os seguintes: «Psicanálise e Criação Literária», de Maria José Martins de Azevedo; e «Amor de Perdição» em Agustina Bessa-Luís, de Celeste Malpique.

A equipa editorial agradece a participação de todos os colaboradores deste número da RPP, esperando que a sua leitura seja um forte incentivo para investigar e escrever acerca da evolução do pensamento psicanalítico.

3 Editorial
Maria Fernanda Alexandre

Cem anos de escrita analítica

7 Entrevista com Dana Birksted-Breen
Ana Mónica Dias
Teresa Santos Neves

13 A Escrita Psicanalítica na Formação do Psicanalista
Ana Mónica Dias

19 Cem anos IJP, Testemunho: Primeiro Centenário e Conferência de Londres do *International Journal of Psychoanalysis*
Filipe Leão Miranda

XXIX Colóquio SPP ESPAÇO (IN)FINITO: Psicanálise e Interseção de Lugares

24 *Theo’s Cavern: Where Do We Live Today?*
Martin Gauthier

30 Comentário à Conferência de Martin Gauthier: «*Theo’s Cavern: Where Do We Live Today?*»
Psicanálise: entre ciência e arte
Conceição Tavares de Almeida

35 Espaço Psíquico do Encontro Analítico: O Sonho como Modelo
Maria Fernanda Alexandre

39 Espaço do Sonho e de Outros Lugares em Psicanálise: Deriva a Partir da Poética Pessoana
Manuela Fleming

42 Acolher o estrangeiro, sonhar o que ainda não aconteceu
Maria Teresa Sá

46 Psicanálise e Física Moderna: o fim da ditadura da razão.
Maria Luís Borges de Castro

54 O través da casa: Desenraizamento e dor psíquica
Tiago Pires Marques

Artigos temáticos

62 Origem da vida psíquica, nascimento psíquico e originário
Maria José Gonçalves

69 Este corpo é meu ou da minha mãe? — O impacto da gravidez da analista na elaboração da relação das mulheres com o corpo
Ana Teresa Vale

75 Psicanálise e Criação Literária
Maria José Martins de Azevedo

81 AMOR DE PERDIÇÃO em AGUSTINA BESSA-LUÍS
Celeste Malpique

Recensões

86 Este meu filho que eu não tive: A adopção e os seus problemas
Ana Catarina Duarte Silva

88 A Casa e o Mundo
António de Castro Caeiro

94 Desenho Infantil: Espelho do Mundo Interno da Criança
Maria Fernanda Gonçalves Alexandre

REVISTA PORTUGUESA DE PSICANÁLISE
Número de Registo na ERC: 108631
Órgão oficial da Sociedade Portuguesa de Psicanálise
39 [2] – Julho a Dezembro de 2019
Periodicidade: bianual

DIRECTORA: Maria Fernanda Alexandra (SPP)
DIRECTOR-ADJUNTO: Vasco Santos (SPP)

ASSISTENTES EDITORIAIS:
Ana Mónica Dias (SPP), Conceição Simões (SPP),
Edviges Espada Guerreiro (SPP), Teresa Santos
Neves (SPP)

ANTERIORES DIRECTORES:
Francisco Alvim (1977–1978), João dos Santos e
Carlos Amaral Dias (1985–1986), Carlos Amaral
Dias e Jaime Milheiro (1987–1989), Carlos Amaral
Dias (1990–1994), Jaime Milheiro (1996–2003), Rui
Coelho e Manuel Matos (2004–2005), Rui Coelho e
António Coimbra de Matos (2006–2008), Rui Coelho,
Manuela Ferraz da Costa (2008–2012) e Rui Aragão
Oliveira (2013–2015).

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

A Revista Portuguesa de Psicanálise é o órgão oficial da Sociedade Portuguesa de Psicanálise e sua propriedade. Publica artigos originais de natureza teórica, teórico-clínica e clínica, no campo estrito da Psicanálise, mas também artigos de Psicanálise Aplicada, nomeadamente a Literatura e à Arte.

Os artigos recebidos estão sujeitos ao sistema de arbitragem anónima por *referees* (avaliadores externos).

Os artigos serão posteriormente sujeitos a uma revisão técnica de modo que se ajuste cada artigo às normas exigidas para publicação, sendo sempre da responsabilidade do autor a opção de manter ou adaptar o texto após essa verificação.

Os artigos originais devem ser enviados por *e-mail* para revportpsicanalise@gmail.com, em ficheiro Word (ou compatível) e em separado, sem identificação pessoal. Nesse *e-mail*, deve constar a identificação dos autores, morada institucional, contactos, o título do artigo, a declaração de intenção de publicar na RPP, assumindo ter conhecimento e concordância com as normas da RPP, bem como declarar não haver conflito de interesses na publicação do artigo encaminhado.

Os artigos não podem exceder as 30 páginas, em letra Times New Roman, tamanho 12 a 1,5 espaços.

Os artigos devem ser acompanhados de resumos em português e inglês (e da tradução do título nestas línguas), que não devem exceder as 200 palavras. Devem ainda ser indicadas entre três a cinco

CONSELHO CIENTÍFICO
MEMBROS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICANÁLISE: Carlos Farate, Celeste Malpique, Conceição Tavares de Almeida, Cristina Fabião, Emílio Salgueiro, Eurico Figueiredo, Jaime Milheiro, José Carlos Dias Cordeiro, Luisa Vicente, Maria do Carmo Sousa Lima, Manuela Fleming, Maria Fernanda Alexandre, Maria José Gonçalves, Orlando Fialho, Orlando Von Doellinger, Rui Aragão Oliveira, Rui Coelho, Conceição Tavares de Almeida.

MEMBROS DE SOCIEDADES PSICANALÍTICAS
ESTRANGEIRAS: Anna Potamianou (Grécia), Anette Blaya Luz (Brasil), Antonino Ferro (Itália), Charles Hanly (Toronto), Cláudio Laks Eizirik (Brasil), Eulália Torras de Beà (Espanha), Florence Guignard (França), Gunther Perdigão (Nova Orleães), Juan Coderch (Espanha), Leda Herrmann (Brasil), Paul Denis (Paris), Pedro Gomes (Brasil) Peter Fonagy (USA), Robert Hinshelwood (Inglaterra).

palavras-chave (em português e em inglês) que facilitem a indexação do artigo.

O título, o resumo e as palavras-chave em inglês devem constar do final do artigo, antes da Bibliografia.

As notas de fim de página e o uso de termos em itálico devem ser evitados.

Os quadros e figuras deverão ser usados apenas se contribuírem fortemente para a clarificação ou encurtamento do texto. As figuras devem possuir elevada qualidade gráfica, de modo que permita a sua reprodução sem perda apreciável de nitidez e a sua eventual redução.

A direcção da Revista reserva-se ao direito de decisão quanto à formação editorial.

As referências bibliográficas no texto devem ser indicadas do seguinte modo:
(Ambrosiano, B., 2005); (Fonagy, P., 2001); (Joseph, N., & Widlocher, S., 1976); ou (Leichsenring *et al.*, 2005) se corresponder a três ou mais autores.

No final do artigo, devem ser listadas alfabeticamente e por ordem cronológica de publicação as referências bibliográficas (apenas as obras referidas no texto), obedecendo aos seguintes modelos:
Ambrosiano, L. (2005). «The analyst: His professional novel». *International Journal of Psychoanalysis*, 86(6): 1611–1626.

200 words. The author should provide between 3 to 5 keywords (in Portuguese and in English) for indexing purposes. The title, abstract and keywords in English must appear at the end of the article, before the bibliography.

Endnotes page and the use of terms in italics should be avoided.

Tables and figures should be used only if they strongly contribute to the clarification or shortening of the text. Figures must have high quality graphics, in order to allow reproduction without appreciable loss of sharpness, and its possible reduction.

The Board of the RPP reserves the right to decide on the editorial publication rules.

References in the text should be indicated as follows: (Ambrosiano, B., 2005); (Fonagy, P., 2001); (Joseph, N., & Widlocher, S., 1976); ou (Leichsenring *et al.*, 2005) when corresponding to three or more authors.

At the end of the paper, bibliographic references should be listed in alphabetically and chronological order of publication (only those quoted in the text), according to the following models:
Ambrosiano, L. (2005). "The analyst: His professional novel". *International Journal of Psychoanalysis*, 86(6): 1611-1626.

MEMBROS DE OUTRAS SOCIEDADES CIENTÍFICAS: Albano Cordeiro Estrela, Anselmo Borges, António Damásio, António Nóvoa, C. Hipólito-Reis, Cerqueira Gonçalves, Eduardo Lourenço, Isabel Allegro de Magalhães, João Gomes-Pedro, João Maria André, José Barata-Moura, Luís Sobrinho, Maria Rita Mendes Leal, Marie-Hélène Piwnik, Oswaldo Market, Rui Mota Cardoso, Sebastião Formosinho, Vasco Pinto de Magalhães.

A Revista Portuguesa de Psicanálise está incluída no directório e catálogo do Latindex, o Sistema Regional de Informação em Linha para Revistas Científicas da América Latina, Caraíbas, Espanha e Portugal, com o número de Folio 5072.

Propriedade: Sociedade Portuguesa de Psicanálise
Av. da República, n.º 97, 5.º, 1050–190 Lisboa.

Joseph, E. D., Widlöcher, D. (1976). *L'identité du psychanalyste*. Paris: Presses Universitaires de France, 43–58.
McDougal, J. (2004). «Freud and female sexualities». In I. Matthis (Ed.), *Dialogues on sexuality, gender and psychoanalysis*. Londres: Karnac Books.

As referências bibliográficas devem ser escritas por extenso, sem abreviaturas. Deve ser evitado o uso de *bold*.

As referências de consultas na Internet devem aparecer após a Bibliografia, numa secção diferenciada e por ordem alfabética, contendo o endereço completo do sítio.

Aceitam-se resenhas de livros, filmes ou peças de teatro que devem ter até 1500 palavras, identificando título, editora, cidade e ano de edição e tradutor.

Os artigos e notas para publicação ou as obras de resensão, assim como notícias de reuniões científicas ou outros acontecimentos de relevo para a Psicanálise, devem ser enviados para:

Direcção da Revista Portuguesa de Psicanálise
Avenida da República, n.º 97, 5.º,
1050–190 Lisboa
Telf.: (+351) 217 972 108
Fax: (+351) 217 396 224
revportpsicanalise@gmail.com

Joseph, E. D., Widlöcher, D. (1976). *L'identité du psychanalyste*. Paris: Presses Universitaires de France, 43–58.
McDougal, J. (2004). "Freud and female sexualities", In I. Matthis (Ed.), *Dialogues on sexuality, gender and psychoanalysis*. London: Karnac Books.

Bibliographic references should be written in full, without abbreviations. The use of bold lettering should be avoided.

Bibliographic references to queries from the internet should appear after the bibliography, in a section differentiated alphabetically containing the full address of the site.

We accept reviews of books, movies or theatres, which should be up to 1.500 words, identifying title, publisher, city, publication year, and translator.

Papers and notes for publication as well as notices regarding scientific meetings or events with interest to Psychoanalysis should be sent to:

Direcção da Revista Portuguesa de Psicanálise
Avenida da República, n.º 97, 5.º,
1050–190 Lisboa
Telf.: (+351) 217 972 108
Fax: (+351) 217 396 224
revportpsicanalise@gmail.com

INSTRUCTIONS TO AUTHORS

The Portuguese Journal of Psychoanalysis (Revista Portuguesa de Psicanálise – RPP) is the official organ of the Portuguese Psychoanalytic Society, and its property. It publishes original theoretical, theoretical-clinical and clinical research in the restricted field of psychoanalysis, but also articles of applied psychoanalysis, in particular to Literature and Art.

Papers received are subjected to the arbitration system by anonymous referees (external evaluators).

Papers are subjected to a technical review to adjust each paper to the standards required for publication. It is always the author's responsibility to maintain the text in its original form or adapt it after the editorial review.

Original papers should be sent to revportpsicanalise@gmail.com in word file (or compatible) and pdf in a separate document, without personal identification. The identification must be only in the email, with institutional and email address to where it must contain intention to publish the RPP, assuming to have knowledge and agreement with the standards of the RPP, as well as declare no conflicts of interest in the publication paper sent.

Papers may not exceed 30 pages in Times New Roman font, size 12 to 1.5 spaces.

Papers should be accompanied by summaries in Portuguese and English (as well as the translation of the title in these languages), which should not exceed

INSTRUCTIONS AUX AUTEURS

La Revue Portugaise de Psychanalyse est l'organe officiel de la Société Portugaise de Psychanalyse. Elle contient des articles originaux de nature théorique, théorico-clinique et clinique, dans le domaine strict de la Psychanalyse, mais aussi des articles de Psychanalyse appliquée, particulièrement, à la littérature et à l'art.

Les articles reçus sont soumis à l'appréciation anonyme par des referees (évaluateurs externes). Postérieurement les articles sont soumis à une révision technique afin d'ajuster chaque article aux normes exigées pour publication, étant toujours de la responsabilité de l'auteur le choix de maintenir ou d'adapter le texte après cette vérification.

Les articles doivent être envoyés par e-mail en fichier WORD (ou compatible) et pdf comme document séparé, sans identification personnel. L'identification doit être envoyée sur le document proprement dit, avec l'adresse institutionnelle et par e-mail à l'adresse revportpsicanalise@gmail.com ou doit être compris l'intention de publier dans la RPP, en assumant avoir pris connaissance et être en accord avec les normes de la RPP, ainsi comme déclarer ne pas exister de conflit d'intérêt dans la publication de l'article adressé.

Les articles ne peuvent pas excéder les 30 pages, en police Times New Roman, taille 12 et 1,5 d'interligne.

Les articles doivent être accompagnés de résumés en français et anglais (aussi bien traduire le titre dans ces langues), qui ne doivent pas excéder les 200 mots. Entre

3 et 5 mots-clés qui facilitent l'indexation de l'article doivent être indiqués (aussi en français et anglais). Les notes de fin de page doivent être évitées. L'utilisation de l'italique doit être également évitée, mais les mots qui soient indispensables dans ce format doivent être soulignés dans le texte original. Les tableaux et les figures doivent être utilisés à peine s'ils contribuent fortement à l'éclaircissement ou raccourcissement du texte. Les images doivent avoir une qualité graphique élevée, de manière à permettre leur reproduction sans perte appréciable de netteté, et leur éventuelle réduction. La direction de la Revue se réserve le droit de décision sur la formation éditoriale. Les références bibliographiques sur le texte doivent être indiquées de la façon suivante : (Ambrosiano, B., 2005); (Fonagy, P., 2001); (Joseph, N., & Widlocher, S., 1976); ou (Leichsenring et al., 2005) si elles correspondent à trois ou plus auteurs.

À la fin de l'article on doit lister alphabétiquement et par ordre chronologique les références bibliographiques (seulement les ouvrages référés), obéissant aux modèles suivants: Ambrosiano, L. (2005). "The analyst: His professional novel". *International Journal of Psychoanalysis*, 86(6): 1611-1626. Joseph, E. D., Widlöcher, D. (1976). *L'identité*

du psychanalyste. Paris: Presses Universitaires de France, 43-58. McDougal, J. (2004). "Freud and female sexualities". In I. Matthis (Ed.), *Dialogues on sexuality, gender and psychoanalysis*. London: Karnac Books.

Les références bibliographiques doivent être écrites en toutes lettres, sans abréviatures. Il se doit d'éviter l'utilisation du bold. Les références de consultations de l'internet doivent apparaître après la Bibliographie, dans une section différenciée et par ordre alphabétique, contenant l'adresse électronique complète. La Revue accepte des comptes rendus de livres, films ou pièces de théâtre qui doivent avoir jusqu'à 1500 mots, identifiant le titre, la ville et l'année de l'édition et du traducteur. Les articles et notes destinés à publication, ainsi que les nouvelles de réunions scientifiques ou d'autres événements importants pour la Psychanalyse, et les œuvres destinées à recension, devront être envoyé à:

Direcção da Revista Portuguesa de Psicanálise
Avenida da República, n.º 97, 5.º,
1050-190 Lisboa
Telf.: (+351) 217 972 108
Fax: (+351) 217 396 224
revportpsicanalise@gmail.com

NORMAS DE PUBLICACIÓN

La Revista Portuguesa de Psicanálise es el órgano oficial de la Sociedad Portuguesa de Psicoanálisis, y de su propiedad. Publica artículos originales de naturaleza teórica, teórico-clínica y clínica, estrictamente sobre Psicoanálisis, y también trabajos de psicoanálisis aplicado, especialmente, a la literatura y al arte.

Los manuscritos enviados serán sujetos al sistema de revisión de pares anónimos (evaluadores externos). Los manuscritos son posteriormente sujetos a una revisión técnica, de modo a ajustar cada trabajo a las normas exigidas para su publicación, siendo siempre de la responsabilidad del autor la opción de mantener o adaptar el texto después de esa revisión.

Los artículos deben ser enviados por email en fichero Word (o compatible) e pdf en un documento separado, sin identificación personal. La identificación debe ser enviada en otro documento con su dirección institucional y email para revportpsicanalise@gmail.com donde debe constar la intención de publicar en la RPP, asumiendo estar informado y de acuerdo con las normas de la RPP, así como también declarar que no hay conflictos de intereses en la publicación del artículo enviado.

Los manuscritos no pueden exceder las 30 páginas, con letra Times New Roman, tamaño 12, con espacio de 1,5 entre líneas.

Los manuscritos deben ser acompañados de resúmenes en portugués e inglés (y de la traducción

del título en esos idiomas), que no deberán exceder las 200 palabras. Además deben ser indicadas entre 3 y 5 palabras claves (en portugués e inglés) para facilitar la indexación del manuscrito. El título, el resumen y las palabras clave en inglés deben constar en el final del texto, antes de la bibliografía. Las notas de fin de página y el uso de términos en itálico deben ser evitados. Los cuadros y figuras deberán ser usados solamente se contribuyen decisivamente para la clarificación o para reducir el texto. Las figuras deben poseer elevada calidad gráfica, de modo a permitir su reproducción sin la pérdida significativa de nitidez, y para su eventual reducción. La dirección de la revista se reserva el derecho de decisión cuanto a la formación editorial. Las referencias bibliográficas en el texto deben ser indicadas del siguiente modo: (Ambrosiano, B., 2005); (Fonagy, P., 2001); (Joseph, N., & Widlocher, S., 1976); ou (Leichsenring et al., 2005) si corresponde a tres o más autores.

En el final del artículo deben ser listadas por orden alfabética y cronológica de publicación, las referencias bibliográficas (solamente las obras referidas en el texto), obedeciendo a los siguientes modelos: Ambrosiano, L. (2005). "The analyst: His professional novel". *International Journal of Psychoanalysis*, 86(6): 1611-1626.

Joseph, E. D., Widlöcher, D. (1976). *L'identité du psychanalyste*. Paris: Presses Universitaires de France, 43-58. McDougal, J. (2004). "Freud and female sexualities". In I. Matthis (Ed.), *Dialogues on sexuality, gender and psychoanalysis*. London: Karnac Books.

Las referencias bibliográficas deben ser escritas por extenso, sin abreviaturas. Debe ser evitado el uso de bold. Las referencias de consultas en la internet deben aparecer después de la bibliografía, en una sección diferente y por orden alfabético, incluyendo la dirección electrónica completa del sitio. Se aceptan reseñas de libros, cine o teatro. Deben tener hasta 1500 palabras, identificando el título, editorial, ciudad y año de edición, y traductor. Los artículos y notas para publicación, así como las noticias de reuniones científicas, y otros eventos de relieve para el Psicoanálisis, como también las obras de reseña deben ser enviadas para:

Direcção da Revista Portuguesa de Psicanálise
Avenida da República, n.º 97, 5.º,
1050-190 Lisboa
Telf.: (+351) 217 972 108
Fax (+351) 217 396 224
revportpsicanalise@gmail.com

A A B B C C
F G H I I J
M N N O P P
S T T U V W
a a a b b c c c
é è f f g g h h
j j j k k l l l
n n n o o o o P
r r r r s s s t
v v v w w x x y
1 1 2 2 3 3
6 6 7 7 8 8

Cem anos de escrita analítica

ENTREVISTA A/INTERVIEW WITH

Dana Birksted-Breen

Ana Mónica Dias¹Teresa Santos Neves²

1

Associate Member at the Portuguese Psychoanalytic Society and IPA. Member of the Editorial Board of the Portuguese Review of Psychoanalysis. *E-mail:* ana.monica.dias@gmail.com

2

Associate Member at the Portuguese Psychoanalytic Society and IPA. Member of the Editorial Board of the Portuguese Review of Psychoanalysis. *E-mail:* teresasantosneves@sapo.pt

BIOGRAPHY

Dana Birksted-Breen L-ès-L PhD is a training and supervising psychoanalyst of the British Psychoanalytical Society, working in private practice. She was the General Editor of The New Library of Psychoanalysis series of books from 2000 to 2010 and since 2010 she is the Editor-in- Chief of the *International Journal of Psychoanalysis*. Dana Birksted-Breen has lectured and leads workshops internationally. Her publications include *The Gender Conundrum*, New Library, Routledge (1993), "Phallus, Penis and Mental Space" (*Int. J. Psychoanalysis*, 1996, Vol 77, Part 4.) for which she won the 1995 Sacerdoti Prize and "Biocularity, the functioning mind of the psychoanalyst" (*Int. J. Psychoanalysis* 2016 Vol 97 part 1). She collaborated on *Reading French Psychoanalysis*, published in the New Library of Psychoanalysis Teaching series in 2010, and in 2016 she published *The Work of Psychoanalysis: Sexuality, Time and the Psychoanalytic Mind* in the New Library of Psychoanalysis, Routledge. Her most recent paper "Pathways of the Unconscious: When the Body is the Receiver/ Instrument" will be published in the special Centenary Issue of the International Journal 2019. Dana Birksted-Breen is the co-curator of an exhibition at the Freud Museum, London, "The Enigma of the Hour, One Hundred Years of Psychoanalytic Thought" (5 June to 4 August 2019) which she conceived in honour of the Centenary of the *International Journal of Psychoanalysis*.

AMD E TSN: As you said in an interview writing a paper is a journey, a dialogue with others and with oneself. How do you see the creative process of writing a paper in psychoanalysis? According to you what sort of mental work is mobilized by this process and which are the specificities of writing about clinical material? How do you think we can develop writing skills during the training of psychoanalysis? What kind of seminars/workshops should the referred training address to prepare future analysts to write more about their clinical experience? On the other hand and from an editor's perspective, what sort of challenges and anxieties are associated to the editing process?

DB: There are many things in your question. I will say from the start that I love writing, the process of putting ideas together, creating a 'whole' out of disparate things, the melody and beauty of a sentence which can convey an experience. I wrote my first book in my mid-twenties. It does help to love writing which doesn't mean that it is not agony at times as with any creative process. However, it is possible to learn to write a paper even if one doesn't have that love or natural desire. There are two aspects to writing a psychoanalytic paper, one is about having an idea and the other is about constructing a paper. Papers start differently, and this depends on



circumstance but also on personality. A paper might be started because of a conference theme. Some people use the theme of an IPA or an EPF conference to work on a paper. This is not a bad way to start (though I myself don't do that) even just as an exercise which may or may not lead to a submission. This could lead to starting by writing a page of whatever comes to mind about the subject, then doing a literature search (starting with recent papers on the subject so as not to be submerged), and little by little an idea might develop. Or of course one might be asked to contribute to a conference on a subject and one would proceed similarly. If the paper is aimed at an *International Journal of Psychoanalysis* submission the emphasis would be on showing that one is adding something to the existing literature and showing the validity of what one is adding.

I, myself, usually work a different way around. I wait for something to strike me in my clinical work, sometimes it is something very small. I make a note of it. I often don't come back to it for many months (or even years) but then something else similar might come to join it, and it 'works on me', until I eventually decide to think about it further (maybe I've been asked to give a paper so need to think of something), and then I start writing and looking up the literature without necessarily knowing where I'm going. Some people need to know exactly what they are going to say when they write, for me the inspiration comes as I am writing, and as I start to clarify my own ideas, so the writing carries me in different directions. It is only at a late stage that I have a clear idea of what I want to say and can start to construct the paper. Then I write many versions of it, moving things around, cutting things out etc... So, as you can see, there is often the fantasy that other people can just sit down and write a paper but it is a very laborious process even for experienced writers. The final stage will involve other people making comments on the paper which can then be used to rework it because one needs an external view.

In terms of learning and teaching candidates, I think meeting as a group, and every participant in turn having to produce a paper to be discussed is essential. I also encourage my candidates to put a lot of thought in the very short reports they are asked to send on their training cases once a term: being aware of the perspective of the reader, conveying the essential while at the same time exemplifying.

Something authors of papers which get submitted to the Journal have problems with is that they give too many irrelevant details and they also don't sufficiently connect the ideas presented with the clinical material so it reads as theory and then an example which doesn't appear really connected. We get very attached to our clinical material and can find it difficult to just pick out the essential elements.

AMD E TSN: In addition to your vast clinical practice as psychoanalyst you have also a long and significant experience as Editor of the *International Journal of Psychoanalysis* and of the New Library of Psychoanalysis (two of the most important vehicles of the psychoanalytic knowledge). How do you see the relation between your practice as analyst and your role as editor? According to you, is there some analogy between the work of the analyst and the editing process?

DB: I see the two things, my clinical work and my work as Editor as both intimately connected and at the same time in counterpoint to each other. It is linked in so far as the work I am editing is psychoanalytic and makes use of my concern with preserving a psychoanalytic perspective in what is being published, in particular preserving the centrality of the unconscious as the core of what is psychoanalytic. In that sense for instance when thinking about papers on research, it won't be just a question of the validity of the research but whether the methods and discussion truly involve a psychoanalytic perspective. It is very different from my work as a psychoanalyst because the frame of mind

is very different. As a clinician, I have a state of mind of ‘evenly suspended attention’, or Bion’s ‘without memory or desire’, and of reverie, as much as possible. As an editor I am very focussed, analytic, logical. While I think that the capacity to abstract is also important for a clinician, it is also very different from the focussed and critical functions necessary for an editor. Another thing is different, as an analyst one is working on one’s own, even if one’s internal objects are with one; as Editor of the *International Journal* I work with a large team of associate editors and board members. Not only are they an essential part of the work but I really enjoy and value my discussions with them and the sense of working together. Also as Editor in Chief, I am involved in all aspects of the administration, planning, production and vision for the Journal, and enjoy making the whole thing ‘work’ – much as a conductor with an orchestra, encouraging different instruments and voices to work in harmony.

In fact I value the two different activities, clinical and editing because they offer a counterpoint to each other, in Eastern terms one could say Yin and Yang of which a balance is important.

One aspect does link them, which is that both as an analyst and as the editor of an *International Journal*, I am mindful of the perspective of the ‘other’, and of a wish to communicate and bring together similarities and differences between psychoanalytic cultures.

AMD E TSN: In July, the centenary of the *International Journal of Psychoanalysis* will be celebrated. In the editorial section of volume 100, you emphasized the role of the IPJ as a guardian of the psychoanalytic traditions as well as a space of multilingualism and discussion of different traditions. However, multilingualism is particularly challenging and poses several difficulties, bringing the issue of translation between theories to the heart of the discussion. How do you see the tension between multiculturalism, tradition and integration in the psychoanalytic domain? What kind of initiatives have been promoted by the IJP in order to spread and to promote dialogue between those different psychoanalytic traditions and cultures? Also, how is the equilibrium between the referred psychoanalytic cultures achieved?

DB: The theme I chose overall for the Centenary year was Transformation-Process- Translation, in other words a specific focus on translation and on temporality, as being at the heart of psychoanalysis and at the heart of the development of the Journal. By translation and transformation I mean translation from unconscious to conscious, from dream thought into image, beta elements into alpha elements etc. But also of course the question of linguistic translation. Translating Freud’s concepts was a central project at the inception of the Journal and still a theoretical preoccupation to this day. We can keep developing ideas from his texts.

In terms of translation intra and inter cultural, this is also a never ending work. Promoting dialogue between different psychoanalytic cultures and traditions needs constant attention. Multiple perspectives does not mean that ‘anything goes’; a frame needs to be maintained as to what can be understood as being ‘psychoanalytic’. For the Centenary year we arranged a conference in New York and in London on the Unconscious Core.

Alongside this I conceived of and co-curated an exhibition at the Freud Museum. *The Enigma of the Hour, One Hundred Years of Psychoanalytic Thought* presented the research findings of a group of international psychoanalysts and researchers who I invited to explore with me a number of archives. Alongside an archival display, an art exhibition with artworks, in resonance with specific themes we focussed on in the archival presentation: the prehistory of the Journal (with Freud), its beginnings, the ‘Bloomsbury Editors’, a section on translation presenting also glossaries prepared in the 1920’s and 1940’. There was also a special focus on four women who played an important but unrecognised role in the early days of the Journal, in relation to editing and

translating. There was a section also to do with author-editor and colleague relationship. The Freud Museum itself became one of the ‘exhibits’.

(A review of the exhibition in Spanish appeared here: https://elpais.com/elpais/2019/07/19/icon_design/1563538806_369521.html)

The conference papers and the research will be published in a Special Centenary Issue of the Journal at the end of this year.

AMD E TSN: Jorge Ahumada argues that writing is an effort to inscribe psychoanalysis into culture, alongside with the history of writing in humankind. How do you feel the IPJ has contributed for this inscription of psychoanalysis into culture and which are the major contemporary areas where our field of knowledge needs further research and writing?

DB: The *International Journal of Psychoanalysis* is the Journal of record. It was established in 1920 as the organ of the International Psychoanalytic Association thanks to the efforts of Ernest Jones and under the direction of Sigmund Freud. They had been in discussion about it for a number of years. As soon as the First World War ended in 1918 Jones wrote to Freud telling him that the time was now ripe to start an English language Journal, and started working on the task. The Journal has published all important authors and the obituary of the most significant. It holds the history of psychoanalysis and for that reason is very precious. Moving forward it needs to tackle many contemporary subjects in the field of gender, social issues, neuroscience, as well as to continue its strong tradition in publishing theoretical and clinical thinking and development.

AMD E TSN: According to you what are the overall major challenges for the *International Journal of Psychoanalysis* in the near future? Which are the main editorial policies that you envisage within psychoanalysis and also within the editorial sector? What is your perspective of the huge pressure to publish in scientific field? The so called “publish or perish”? How do you see the open access policy, the scientific journal ranking system and the use of bibliometric indicators to assess the quality of a journal such as the impact factor? What sort of consequences can this have for psychoanalysis as a discipline?

DB: We need to make sure to continue with our strong tradition of peer review and publish papers which are well argued, sound clinically and add something to the existing literature. In psychoanalysis and in publishing not ‘anything goes’. We also believe in developing authorship, via our letters which explain in detail what the authors need to do to make their paper publishable, and we also post submissions on IJP Open with the reviews so that it is possible to see what reviewers are looking for. Impact factor is not a very good measure according to me. It may work for the hard sciences or medical Journals where new discoveries are incorporated very quickly into new papers. In our field, while it is important to read the most recent literature, we also rely on our historical writings. The impact factor only takes account of citations in the last two years and do not really reflect the importance of the Journal in question. We sometimes reject papers which would attract a lot of citations but are not sufficiently psychoanalytic to be published in IJP, or are problematic in other ways. It is important not to use impact factor or ranking as a criterion for publication of a paper.

Research papers for instance attract citations and research is important but the research needs to be psychoanalytic and using psychoanalytic methods and this is something which is still not well developed.

AMD E TSN: The setting is one of your areas of research. As you said in your book ‘The Work of Psychoanalysis’, “The setting marks the rules both spatial and temporal”. Nowadays, technology has brought other rules. As such technology has become for psychoanalysis an important vehicle to keep or to start psychoanalytical processes with patients who, otherwise, would not have that opportunity. This is perhaps one of the new contemporary controversies in psychoanalysis. We would like to have your view regarding the changes in the setting that this kind of processes involves.

DB: The bodily presence of the patient, and actually of both parties, is important; so much intuition is based on nonverbal elements, just the way someone comes into the room can say a lot; sometimes I have a thought in a flash as a person comes in which proves important, to take just one example; it is also difficult to be in a state of reverie when using technology. While something can take place remotely which may be helpful, and it may be the only possibility at times, I think we have to recognize that it is not the same.

AMD E TSN: One of your first research projects and area of interest regarded first pregnancies. In the last decades huge changes occurred in the area of Medically Assisted Procreation (the last European Psychoanalytical Federation Bulletin is fully dedicated to this theme). Having in mind your interest in the masculine and feminine elements in both sexes, how do you see the several alternatives that women and men have nowadays regarding the access to motherhood and fatherhood?

DB: Obviously medical advances can relieve suffering in some cases but I have not enough experience in this area to really respond with knowledge of its psychoanalytic impact and ramifications. I remember many years ago an obstetrician telling me about the significant number of women who came for IVF, desperate to have a child and once they were pregnant they asked for an abortion. We can’t look at things in a generalized or ‘apparent’ way but, as psychoanalysts, in every case to consider the unconscious dynamics. 🐾

A Escrita Psicanalítica na Formação do Analista¹

Ana Mónica Dias²

1

Artigo recebido em 24 de Fevereiro de 2019 e aceite para publicação em 31 de Maio de 2019.

2

Psicanalista. Membro associado da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Membro do Conselho Editorial da Revista Portuguesa de Psicanálise. *E-mail*: ana.monica.dias@gmail.com

RESUMO

Após uma delimitação conceptual deste tipo particular de escrita ou «género literário» — a escrita psicanalítica —, a autora contextualiza as raízes históricas do texto escrito na evolução da humanidade, inscrevendo a escrita psicanalítica na construção cultural da psicanálise. Percorre as ideias de autores psicanalíticos acerca do papel da escrita na formação e construção progressiva da identidade do analista e da sua «voz própria», considerando o acto de escrever um pilar decisivo no caminho de se «tornar psicanalista». Identifica modalidades de resistências à escrita, com o objectivo de as inscrever em conceitos psicanalíticos e ajudar o leitor a discriminar a natureza das suas próprias resistências.

PALAVRAS-CHAVE

Escrita psicanalítica
Formação do analista
Identidade do analista
Resistências

INTRODUÇÃO

Que papel desempenha a escrita na formação/ construção da identidade do psicanalista? Que nos faz escrever e que nos faz escrever em psicanálise? Estas são as interrogações orientadoras deste trabalho, que nos acompanham nos momentos em que é importante atravessar esse fosso entre o inconsciente e a palavra escrita lançada para o «papel/ecrã», cuja tinta/imagem pictórica, outrora subjectiva, se objectiva e se enraíza no texto.

Damos início à demanda através de uma descrição deste tipo particular de escrita ou «género literário», nas palavras de Ogden (2005). Em seguida, focamos a nossa atenção no papel da escrita na formação do analista, quer em termos da formação teórica/clínica de base, quer em termos da formação contínua e construção progressiva da identidade do analista. Partilhamos de seguida com o leitor as diversas modalidades de resistências à escrita — panóplia recheada de armadilhas mentais — com o objectivo de o ajudar a identificar a natureza das suas próprias resistências.

EPÍGRAFE

«O alfabeto é apenas um meio para aprender a pensar. À medida que se exerce, este movimento do alfabeto acresce ao seu próprio dispositivo, inventando e integrando novas letras no seu corpo.» (Gil, J., 2000 [1968])

ESCRITA PSICANALÍTICA

Partimos da sugestão criativa de Ogden (2005) assumindo que estamos a referir-nos a um género literário especial: o da escrita psicanalítica. A escrita psicanalítica, para este autor, é um género literário que envolve a conjugação de uma interpretação e uma obra de arte; um diálogo entre uma ideia analítica e a criação, em palavras, de algo como uma experiência analítica. Obra de arte uma vez que o escritor tem de usar a linguagem de forma «artística», se pretender criar no leitor uma experiência de leitura que abarque os elementos críticos da experiência analítica que o escritor viveu com um paciente, mas também a música do que aconteceu nessa experiência. Refere-se às ideias que saem da

nossa caneta, como se estivéssemos a observá-las a desenvolverem-se de forma não planeada — «com muita frequência, ao escrever, não escrevemos o que pensamos, pensamos o que escrevemos» (Gabbard, G. & Ogden, T. H., 2011, p. 125).

Freud inaugurou este caminho através de uma escrita até então inexistente, dando-lhe um cunho pessoal, algures entre o modelo literário e o modelo científico. Para Mahoney (1990), «longe de ser um mero veículo para uma reportagem retrospectiva ou um meio de armazenar ou recuperar informações, a escrita foi um traço indispensável, da mais profunda importância, na auto-análise de Freud [...] que foi proeminentemente não uma cura pela fala mas uma cura pela escrita» (pp. 555–556).

Inscrevendo a escrita psicanalítica na dimensão da criatividade, também Markson (1966) se dirigiu ao processo criativo da humanidade como uma ferramenta projectiva única que pode servir-nos como forma de acesso a uma maior compreensão de nós próprios, bem como a conflitos intrapsíquicos não reconhecidos do criador. No processo, o desejo e a transgressão emergem como fontes necessárias que alimentam este acto de transmissão que constitui o escrito clínico específico em psicanálise — «Escrever, para o psicanalista, é tentar dominar uma experiência difícil de dizer [...] apoderar-se de algo, cercar, imprimir, inscrever, tanto o que o obceca como o que lhe escapa» (Delorenzo, R. M. T., Mezan, R. & Cezarotto, O., 2000, p. 107).

Tomando agora a escrita num contexto mais vasto e a escrita psicanalítica como uma subclasse da literatura, desde a sua origem, cerca do ano de 1800 a. C., que a notação escrita representa o tempo histórico, a memória social através das gerações e a lenta acumulação de experiências e normas da humanidade. Após um longo período em que os humanos conquistaram essa posição de transmissão do seu conhecimento através das tradições orais míticas, o advento da escrita transformou a forma como essa transmissão passou a ser veiculada e divulgada: em documentos escritos e transportados para todos os continentes. A escrita ganhou um estatuto central como parte do desenvolvimento cultural da humanidade e permitiu aos humanos pensarem em si próprios como parte de uma história em evolução.

Num caminho de transcendência da sua própria subjectividade, também o psicanalista escreve tentando inscrever a psicanálise na cultura (Ahumada, J. L., 2001). Não se pode furtar, no entanto, ao longo deste processo, aos problemas da linguagem, aos problemas da escolha da linguagem que irá traduzir, num texto, o que pretende transmitir (Wehb, V. L. M., 2009).

Será que esta função primordial da escrita envolverá uma função psicanalítica do literário? Para Bloom, «os trabalhos literários, incluindo o teatro, ensaios, poesia, possibilitam, quer em termos his-

tóricos, quer em termos presentes, a oportunidade que o homem tem de falar, não com outros, mas consigo próprio, construindo um espaço psíquico ou, usando a terminologia de Bion, um aparato/aparelho para pensar os pensamentos» (*apud* Ahumada, J. L., 2001), p. 140). Apoiando-se nos argumentos de Bloom, Ahumada (2001) refere que a literatura desempenha um papel que é próximo do conceito de «função psicanalítica da personalidade» de Bion.

Uma paciente fala consigo própria através da escrita. Após uma longa e acidentada viagem psicanalítica, que foi conduzindo progressivamente a bons portos, escreve um dia um poema dirigido à sua analista:

Vai-se embora o sol mas o calor fica

Vai-se embora o sol mas o calor fica
iluminando-me assim até nos dias cinzentos
pois se o brilho da tua presença
em mim já não se reflecte
no mais profundo do meu ser
guardo tudo o que me deste.

E se pareço triste neste poema
É porque triste me sinto e estou
antevendo a finitude da fonte de águas puras
que matou a minha sede
e a minha alma lavou.

E ao ver-me assim renascida
Descoberta a nascente de um rio interior
Não me resta senão a vida
E o que de ti em mim ficou.

Lila Vaz (21/04/2018)

A elaboração da temporalidade, da sua e da analista, condensa-se neste poema, representante do seu espaço psíquico. Escreve sobre a diáde, sobre a finitude de ambas, inscritas num percurso existencial que as une e numa viagem partilhada de sofrimento e descoberta. Confiar nas novas águas que habitam e alimentam a sua mente é pensado neste poema — abraçando o movimento de pensamento e tornando sentidas e aceites a diferença e a separação entre as duas — como um processo de transformação interna acolhido com beleza, tristeza e sentido de continuidade.

Que desencadeia a escrita no paciente? Berlinck situa o desencadeador da escrita do paciente no mal-estar produzido pela transformação dos afectos do não-saber em saber transferidos pelo paciente ao analista — «passou a ser alguém em busca da palavra capaz de tratar desse íntimo e avassalador mal-estar, sabendo que não mais a encontrará só nos autores precedentes ou em seu mestre» (*apud* Martins Costa, 2009, p. 13).

Que desencadeia a escrita no psicanalista?

O psicanalista escreve para elaborar a sua angústia, como parte do processo de elaboração psíquica, e para reencontrar o seu nome próprio, num processo simultâneo de desenvolvimento da sua voz própria e de se tornar psicanalista (Gabbard, G. & Ogden, T. H., 2011) — processo indissociável da Formação do Analista.

FORMAÇÃO DO ANALISTA

«A partir de que signos da sensibilidade, por meio de que tesouros da memória, sob torções determinadas pelas singularidades, de que ideia será o pensamento suscitado? Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender.» (Deleuze, G., 2000 [1968], p. 278)

No processo de construção do analista, também nunca sabemos, de antemão, quais as singularidades e os tesouros da memória que, progressivamente, vão contribuindo para o caminho que será, mais precisamente, um «ir caminhando» ou «ir aprendendo». Parafraseando Gabbard & Ogden (2011), com o duplo intuito de os citar e de me escudarneles para dar conta de um sentimento com o qual me identifico e que, favoravelmente, tem sofrido modificações ao longo do tempo, «Poucos de nós sentimos que realmente sabemos o que estamos a fazer quando concluímos a formação psicanalítica formal. Esforçamo-nos por encontrar a nossa voz, o nosso próprio estilo [...]» (p. 117). Martins Costa (2009) apresenta, a este propósito, a escrita como um suporte e ferramenta da condição de vir a ser psicanalista, em conjunto com o tripé da psicanálise — análise pessoal, supervisão e formação teórica.

Enquadrando a escrita neste processo de construção do analista, assistimos ao que parece ser uma injunção paradoxal no processo de escrita na maioria dos institutos de psicanálise. Esta é solicitada e valorizada na fase final da formação do candidato sob a forma da Memória — trabalho de apresentação e discussão de um caso clínico de análise —, mas pouco desenvolvimento acontece ao longo dos anos de formação teórico-clínica. O candidato estuda e prepara a apresentação de textos e discute aprofundadamente com o grupo de pares material clínico, mas escrever sobre a clínica raramente é solicitado. Talvez seja esse um dos motivos que fazem com que tantos candidatos, ao finalizarem os anos teórico-clínicos, entrem numa espécie de moratória social/psicanalítica, procrastinando a elaboração da Memória, trabalho escrito que se afigura como o momento-chave de acesso à condição de analista. Se nos detivermos nesse momento, ele afigura-se como uma boa amostra da mobilização de defesas inconscientes: o candidato alega falta de tempo, dispersão por muitas tarefas que se impõem, dificuldade em organizar o material clínico, em organizar as diversas secções do trabalho, em escolher que tipo de estilo de Memória, que tipo de material clínico seleccionar, um sem fim de obstáculos que, sendo

todos legítimos e parte do processo, precisam de trabalho adicional de elaboração psíquica para poderem, eventualmente, ser removidos.

Sendo um momento-chave que mobiliza resistências, que outros factores poderão estar presentes no acesso à condição de ser analista? Martins Costa (2009) sugere que a escrita, por si só, potencia a passagem ao lugar de analista. Ao passar da posição exclusiva de leitor à posição de autoria, o psicanalista progride na análise e conhecimento de si próprio, no movimento de escrever e reescrever a sua história e a sua experiência clínica. Berlinck ilustra, de uma forma dramática, esta posição psíquica, referindo-se ao psicanalista que escreve como aquele que «sabe ter chegado a temida e ansiada hora de procurar nele mesmo a palavra representativa do vivido na clínica» (*apud* Martins Costa, 2009, p. 13).

RESISTÊNCIAS À ESCRITA

A temida e ansiada hora condensa a presença de resistências à escrita. Resistências «aludem a tudo aquilo que impede a emergência do inconsciente» (Gitaroff, G., 2012, p. 12). Se tomarmos o acto de escrever como uma forma de pensamento (Gabbard, G. & Ogden, T. H., 2011), todas as premissas da psicanálise se aplicam. Pensar mobiliza resistências; damos início a uma luta interna intrapsíquica que exige esforço e elaboração psíquica para ser levada a bom porto e permitir, como resultado final, uma produção escrita. Ahumada (2001) refere que escrever é difícil porque implica oferecer com palavras um brilho artificial às estrelas do dia claro, aludindo à clara participação do inconsciente no acto de escrever.

O conceito de «working through writing» de Markson (1966) — elaboração por meio da escrita — parece-nos muito útil: conceito basilar de toda a auto-análise, de que tanto se serviu Freud, que consiste na elaboração facilitada pelo meio de ver as próprias ideias externalizadas no papel. Elaborando acerca das fronteiras entre o processo criativo e o processo de escrita, para Markson, «o conhecimento psicanalítico fornece-nos um método racional para determinar as origens dos pensamentos do escritor criativo. As fantasias que têm origem no processo primário e que secundariamente são elaboradas, reescritas e polidas pelas competências linguísticas podem ser consideradas *written-out*. O resultado do processo primário *written-out* torna-se, assim, interpretável em ambos os sentidos latente e manifesto» (p. 235).

Além de promover um trabalho intelectual de esclarecimento do pensamento consciente, a escrita promove a descoberta e a elaboração de conteúdos inconscientes e de aspectos desconhecidos, cuja aparição produz uma mescla de curiosidade e recusa (Gitaroff, G., 2012). O texto escrito inscreve-se na tarefa complexa de pensar sobre si, escrevendo para os outros, reactivando igualmente a dimensão superegóica da exposição e mobilizando

resistências (Ahumada, J. L., 2001).

Quando nos surge um esboço de *insight* de conteúdos que nos perturba, pode ser que, em plena luta entre o desejo e a defesa, nos aconteçam muitas coisas, entre elas perder o fio dos pensamentos, ou que a escrita se torne confusa, obscura, encriptada, demasiado sintética, ou ainda que, no pior dos casos, nos seja impossível continuar a tarefa.

As resistências podem situar-se num *continuum*. Podemos, de acordo com Gítaroff (2012), começar por um evitamento do momento para nos sentarmos a escrever, colorido com uma perturbação da nossa capacidade de dar prioridade à escrita. Impõem-se tarefas que não são prioritárias ou urgentes, mas que, naquele momento que alocámos à escrita, parecem vir à superfície, toldando-nos a mente, provocando-nos uma sensação de falta de ideias, de falta de inspiração, de culpabilidade por não estarmos a atender a outras tarefas. Podemos contar também com a preciosa ajuda da desvalorização — «eu não sei escrever» — que nos convence da suposta (ou real, e nesse caso a árvore de decisão terá de ser de natureza diferente) insignificância dos nossos escritos. Freud (1908) completa esta ideia quando diz que o Eu não nos permite fazer essas coisas porque elas nos proporcionariam proveito e êxito, que o severo supereu denega. O ideal exige-nos um resultado compatível com a perfeição, sempre inalcançável. Ou então conduz-nos à idealização da escrita em si mesma como tarefa superior e destinada a uns poucos. Podem também assumir formas mais graves, como a inibição do ato de escrever. Às dificuldades que provêm do lado da pulsão e dos avatares do complexo de Édipo, adicionam-se as angústias trazidas pelo supereu, o ideal do Eu e a realidade; e o escritor, não conseguindo vencer os *snipers* internos, sucumbe perante a tarefa de escrever, ou pelo menos adia a mesma para um tempo futuro, desistindo da vontade de superar os obstáculos internos que se erigiram.

Outra fonte de inquietação pode ser a diferença entre o nosso percurso de pensamento e o nosso percurso existencial, sempre em devir, que contrasta com a relação com o tempo do texto escrito. Por mais que nós possamos transformar o nosso pensamento e evoluir noutros sentidos, o nosso texto seguirá sempre igual e poderá até sobreviver mais do que nós, transcender-nos, o que nos preocupa e nos tenta ao mesmo tempo.

Também podemos ter um pensamento original ou uma ideia que provoca sofrimento, comparável, para Markson (1966), a um sintoma. Pode ser muito útil revelar um conflito que está a ameaçar a integridade emocional do autor e que pode ser atenuado pela escrita. No entanto, até que a produção escrita surja, o autor tem de se debater com o seu sofrimento e conflito interno, e a produção escrita será o resultado desse processo de elaboração mental. Vários caminhos são possíveis: o autor

consegue encontrar esse compromisso e a produção escrita segue o seu curso; ou, como refere Ahumada (2001), o autor sacrifica a criatividade, fruto da incapacidade de encontrar esse compromisso, na tentativa de fazer uma contribuição científica para a nossa disciplina e a produção escrita segue outro curso. Neste último caso, talvez o autor nos prive de uma parte imprescindível da experiência como leitores, que é a ressonância. Wehb (2009) refere-se a esta particularidade da escrita: «ressonância porque se trata de um trabalho de um colega e receber tudo o que de lá emana enquanto conteúdo, enquanto mensagem, enquanto ritmo, enquanto colorido, enquanto forma; elementos que de imediato capturam ou abandonam o leitor» (p. 199).

As resistências são muitas e não se destinam a desanimar o leitor, mas a permitir-lhe desenvolver algumas estratégias que lhe podem facilitar a tarefa de elaboração psíquica de remoção desses obstáculos à escrita. Gítaroff (2012) sugere algumas estratégias para ludibriar e vencer as resistências: a) contrariar a escrita errática, nos pequenos momentos livres, e dedicar um lugar e um tempo à escrita, sem interrupções da vida quotidiana; b) se não conseguimos assim resolver as dificuldades, é provavelmente porque os impedimentos sinalizam fantasias inconscientes que será necessário descobrir, e, nesse caso, o autor sugere que falemos com um colega, comentando o que nos está a acontecer; e c) se não funcionar ainda assim, e as resistências permanecerem, outro recurso será levá-las à análise pessoal.

CONCLUSÃO

«Escrever sobre um conceito é abraçar o próprio movimento de pensamento que faz com que esse conceito seja pensável no campo da diferença. Desta forma, o pensamento é arrastado para um movimento interminável: pensamos no nosso pensamento, o que acresce esse pensamento, obrigando-nos a pensá-lo de novo, e assim até ao infinito» (Gil, J., 2000 [1968], p. 15)

Assistimos hoje a uma construção progressiva do caminho das palavras para o caminho das imagens: do texto para a imagem. Para Ahumada (2001), se é verdade que corremos o risco de cavar um fosso entre a cultura do texto e a cultura da acção em imagens, também é verdade que as imagens são representações pictóricas de pensamentos e, nessa medida, também podem ser vistas como um veículo privilegiado de comunicação de afectos, que mais facilmente se veiculam por imagens do que por palavras.

A tarefa psicanalítica, a de Freud e a nossa, depende da «função psicanalítica de impressão» na sociedade — não só na literatura ou no teatro, na fotografia ou na pintura, mas em tudo o que ajude as pessoas a pensar: através de texto ou de imagens, enquanto escritores ou como leitores. E assim, até ao infinito. ✎

ABSTRACT

After a conceptual delimitation of this particular type of writing or literary genre, psychoanalytic writing, the author identifies the historical roots of the written text in the evolution of humanity and psychoanalysis inserting psychoanalytic writing in the progressive building of psychoanalysis in the cultural space. It traces the concepts of psychoanalytic writers on the role of writing in training and progressive construction of the analyst identity and his own voice considering the act of writing as a pillar in the access of the path to become a psychoanalyst. The author identifies types of writing resistances in light of psychoanalytic concepts towards helping the readers to discriminate the nature of their own resistances.

KEYWORDS: psychoanalytic writing, psychoanalytic training, psychoanalyst identity, resistances to writing.

BIBLIOGRAFIA

- Ahumada, J. L. (2001). «The role of writing and psychoanalytic writings». In Jorge L. Ahumada, *The logics of the mind: A clinical view*. Nova Iorque: Karnac Books.
- Deleuze, G. (2000 [1968]). *Diferença e repetição*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Delorenzo, R. M. T., Mezan, R. & Cezarotto, O. (2000). «Narrar a clínica». *Percurso, Revista de Psicanálise*, 25. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae.
- Freud, (1908). «Escritores criativos e devaneio». In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gabbard, G. & Ogden, T. H. (2011). «Tornar-se psicanalista». *Livro Anual de psicanálise*, XXV, 117–131.
- Gil, J. (2000 [1968]). «O alfabeto do pensamento». In Gilles Deleuze, *Diferença e Repetição*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Gitaroff, G. (2012). *Claves para escribir sobre psicoanálisis. Del primer borrador al texto publicado*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Mahoney, P. J. (1990). «Psicanálise – o tratamento pela escrita». *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. XXIV, 4: 555–566.
- Markson, J. W. (1966). «Writing out and through». *American Imago*, 23(3): 235–243.
- Martins Costa, J. (2009). *A experiência da escrita na formação do analista – uma quarta perna?* Porto Alegre: Sigmund Freud Associação Psicanalítica.
- Ogden, T. (2005). «On psychoanalytic writing». In Thomas Ogden, *This art of psychoanalysis: dreaming undreamt dreams and interrupted cries*. Nova Iorque: Routledge.
- Wehb, V. L. M. (2009). «Linguagem e suas ressonâncias na escrita psicanalítica. Uma reflexão decorrente das leituras na área do rastreamento». *Ide*, vol. 32, 48: 198–206.

CEM ANOS IJP, TESTEMUNHO

Primeiro Centenário e Conferência de Londres do *International Journal of Psychoanalysis*¹

Filipe Leão Miranda²

1

Artigo recebido em 26 de Agosto de 2019 e aceite para publicação em 2 de Outubro de 2019.

2

Psicólogo clínico, psicoterapeuta e membro-candidato da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP). E-mail: filipe@leaomiranda.pt

RESUMO

Neste *report*, percorremos a história do *International Journal of Psychoanalysis* (IJP) desde o seu momento fundador até ao evento que comemorou um centenário de publicações. O IJP surgiu da necessidade de se alargar a divulgação da psicanálise à comunidade de psicanalistas de língua inglesa, e desde então que se tem assumido como uma referência incontornável nesta área de conhecimento. As linhas orientadoras definidas por Ernest Jones, Sigmund Freud, Sándor Ferenczi e Otto Rank sobreviveram à passagem do tempo, e esse testemunho tem sido transmitido e preservado pelos diversos editores e comissões editoriais. No ano em que se comemora o centenário do IJP, realizou-se uma conferência em Londres («The Psychoanalytic Core: Encountering & Speaking to the Unconscious») com o objetivo de explorar um conjunto de temáticas centrais na psicanálise e suas relações com o inconsciente. A atual editora, Dana Birksted-Breen, conduziu a ordem de trabalhos daquela que seria uma conferência de tributo ao passado, mas com uma preocupação colocada no futuro.

PALAVRAS-CHAVE

International Journal of Psychoanalysis
Centenário
Psicanálise

No ano de 1920, foi publicado o primeiro volume do *International Journal of Psychoanalysis* (IJP), com Ernest Jones como editor. No Editorial desse volume, Jones apresentou como propósito principal da publicação a necessidade de se divulgar as mais recentes investigações psicanalíticas em língua inglesa (Jones, E., 1920). O interesse sobre a temática crescia, e as publicações periódicas em alemão (*Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse und Imago*) tinham um alcance insuficiente, tanto que o presidente da International Psychoanalytical Association (IPA), Sándor Ferenczi, defendia que esta nova publicação deveria constituir-se como um órgão oficial da associação internacional. Foi desta forma que Ferenczi incumbiu Jones, em

colaboração com Otto Rank, de levar adiante essa tarefa (Ferenczi, S., 1920). Jones desejava que a publicação fosse além de uma mera tradução das congêneres em alemão e que servisse também como uma oportunidade para os psicanalistas ingleses e americanos publicarem as suas contribuições. No entanto, não viu o seu trabalho facilitado, e não escapou às críticas de Freud e de Rank sobre os conteúdos do IJP durante os primeiros anos (Jones, E., 1961).

É muito interessante revermos a forma como Jones também defendeu a ideia de que o IJP se deveria constituir de base como um órgão centralizado na IPA, ao invés de se constituir como uma edição independente.

Nota: este artigo está escrito conforme o recente Acordo Ortográfico.

«The history of Psycho-Analysis has once more shewn, as might have been anticipated from a knowledge of human nature, that mankind has two main methods of defence against disagreeable truths: the first, more obvious, and therefore less dangerous one is direct opposition, the new truths being denied as false and decried as obnoxious; the second, more insidious, and much more formidable one is to acquiesce in the new ideas on condition that their value is discounted, the logical consequences not drawn from them, and their meaning diluted until it may be regarded as “harmless”.» (Jones, E., 1920, p. 4)

Não terá sido certamente um acaso o facto de o editor ter optado por vincar, desde o primeiro momento, que estariam atentos e que não iriam permitir movimentos que pudessem desvirtuar a psicanálise, ou destituir os conceitos fundamentais do seu significado. A centralização da publicação como um órgão da IPA não era apenas para evitar a dispersão dos artigos publicados, mas sobretudo uma forma de assegurar que a identidade da psicanálise era preservada e que o seu desenvolvimento seguia de acordo com os desígnios dos fundadores (Jones, E., 1920). Naturalmente, todas estas questões foram amplamente discutidas e previamente articuladas e acauteladas entre Jones e Freud, como se pode constatar na abundante correspondência entre 1918 e 1920 (Paskauskas, R. A., 1995). Nesse primeiro volume, encontramos artigos de autores como Sigmund Freud, Ernest Jones, Joan Riviere, Hanns Sachs, Karl Abraham, Sándor Ferenczi, dos quais destacamos os seguintes: «Special Pathology and Therapy of the Neuroses and Psychoses» (Abraham, K., 1920); «General Theory of the Neuroses» (Ferenczi, S., 1920a); «A Child is Being Beaten – A Contribution to the Study of the Origin of Sexual Perversions» (Freud, S., 1920); «Recent Advances in Psycho-Analysis» (Jones, E., 1920a).

O 50.º aniversário do IJP, no ano de 1969, assinalou a transição entre o mandato editorial de John Sunderland e o de Joseph Sandler, tendo este aproveitado o momento para fazer um elogio ao trabalho do seu antecessor, sobretudo por encorajar os jovens autores a divulgar os artigos e por aceitar para publicação novas ideias que poderiam ter sido rejeitadas sob políticas editoriais distintas (Sandler, J., 1969). Num período em que o IJP já se encontrava sob gestão da British Psychoanalytical Society, este volume contou com correspondência de Freud nunca antes publicada e com um conjunto de artigos de autores convidados para o efeito (Sandler, J., 1969a), dos quais destacamos: «Towards a Basic Psychoanalytic Model» (Sandler, J. & Joffe, W. G., 1969); «The Nature of the Therapeutic Action of Psychoanalysis» (Strachey, J., 1969); «On the Treatment of Psychotic States by Psychoanalysis: An Historical Approach» (Rosenfeld, J., 1969); «A Case of Borderline Thought Disorder» (Searles, J., 1969);

«The Use of an Object» (Winnicott, D. W., 1969).

No 75.º aniversário do IJP, David Tuckett assinalava o papel muito importante das anteriores comissões editoriais enquanto guardiões da tradição psicanalítica e de um fórum de discussão livre no seio da psicanálise (Tuckett, D., 1994). Num agradecimento a Jones, Tuckett atribui-lhe os louros da longevidade da publicação, da sua independência perante as controvérsias e da importância da investigação baseada na evidência e em dados concretos (*ibidem*). Concomitantemente com um conjunto de conferências acerca de «Conceptualização e Comunicação de Factos Clínicos em Psicanálise», foram publicados os seguintes artigos: «The Analytic Third: Working with Intersubjective Clinical Facts» (Ogden, T., 1994); «Transference: Erotised, Erotic, Loving, Affectionate» (Bolognini, S., 1994); «The Analyst's Participation in the Analytic Process» (Levine, H., 1994); «Interpretation: Selected Fact or Overvalued Idea?» (Britton, R. & Steiner, J., 1994).

As comemorações em torno do centenário do IJP decorreram ao longo de um ano entre Nova Iorque e Londres, através de um conjunto de conferências, exposições e discussões entre arte e ciência. No presente ano de 2019, coube à atual editora, Dana Birksted-Breen, a primeira mulher a assumir o cargo, a organização do evento que decorreu em Londres — «The Psychoanalytic Core: Encountering & Speaking to the Unconscious». Esta conferência tinha como objetivo principal o de explorar um conjunto de temáticas centrais na psicanálise e suas relações com o inconsciente. O local escolhido para a realização deste evento revelou-se perfeito para o início de uma semana psicanalítica em Londres, num hotel à beira do Tamisa, com a presença imponente da Tower Bridge e rodeado pela St. Katherine Marina, reunindo as condições para um ambiente suficientemente tranquilo e esteticamente deslumbrante em torno da conferência.

Pudemos contar com os trabalhos teóricos e clínicos de Patrick Miller, Dana Birksted-Breen, Ignês Sodré, Gerhard Schneider, Rosine Perelberg, Dominique Scarfone, Catherine Chabert, Michael Sebek, Catalina Bronstein e Riccardo Lombardi, tendo os painéis sido organizados da seguinte forma: «O Inconsciente na Vida Mental»; «Realidade Psíquica e Trauma»; «O Significado Psíquico da Sexualidade»; «Repetição e a Pulsão de Morte»; «O Corpo e os seus Mistérios». Talvez seja importante salientar a abundância de material clínico contemplado no trabalho dos vários autores, bem como o tempo dedicado a apresentar e a explorar a vida emocional dos pacientes, questões de ordem técnica e de natureza processual. Através das apresentações, conhecemos o modo de trabalhar de cada um destes clínicos e a forma como se guiam através dos seus referenciais teóricos.

Durante os trabalhos, aprofundou-se o estudo do inconsciente através dos seus derivativos e das

manifestações corporais, passando por uma reflexão acerca da origem e formulação da interpretação. A este propósito, partilhamos uma ideia de Patrick Miller, quando nos referiu que «an interpretation only comes as an end result of a sustained contact and intercourse of the analyst's hopefully lively unconscious mental life and that of the analysand» (Miller, P., 2019). Jorge Canestri, numa discussão sobre os impactos devastadores do trauma na mente humana, sublinhou a importância de se compreender e diferenciar com precisão os conceitos psicanalíticos, relembrando o seu trabalho a este respeito (Canestri, J., 2010). Peter Fonagy assinalou que a sexualidade se encontra fora de moda na investigação psicanalítica (Fonagy, P., 2008), lançando uma discussão que revisitou os trabalhos de Breuer e as pulsões sexuais, e na qual pensou a sexualidade como algo que está presente em tudo o que é humano. Relativamente à pulsão de morte, explorou-se não só o seu papel na destruição do pensamento, na fragmentação, dissolução, desligamento e desobjetualização, mas também a sua importância para as construções da vida e para o progresso do processo analítico. E ainda o corpo, o corpo da mãe, o corpo do paciente, o corpo do analista, as ruturas com a mente e a curiosidade necessária para se procurar e encontrar representações verbais para estados internos insuportáveis. No final do ano, será possível um estudo cuidado de cada um destes trabalhos, uma vez que serão partilhados sob a forma de artigo numa edição especial do IJP dedicada a estas comemorações.

Houve também espaço para algumas discussões teóricas em torno de conceitos como a realidade psíquica, a pulsão e os instintos, os fundamentos da pulsão de morte, mas terá sido a discussão relativa à natureza das fantasias inconscientes e à representação psíquica que suscitou mais adesão e emoção. No entanto, e apesar do interesse que estas discussões suscitaram, sobretudo ao deixarem transparecer algo controverso (mas sem o peso das controvérsias da década de 1940), a verdade é que predominou um relativo consenso em relação ao discurso do analista. Este deveria apropriar-se e recorrer-se da linguagem do paciente, afastando a utilização de interpretações-cliché, pré-feitas e mecanizadas. Evidentemente, tal posição não tem o propósito de ignorar ou minorar a importância da teoria ou da perspectiva teórica de cada analista, que de forma mais ou menos inconsciente se encontra sempre presente. No entanto, as formulações interpretativas deveriam ter como ponto de partida as palavras do paciente, a sua forma de se expressar, a sua musicalidade, ao invés de interpretações teoricamente corretas, mas previsíveis, assépticas e aborrecidas — também com a teoria, empregar a velha máxima de Bion: «the analyst should avoid mental activity, memory and desire» (Bion, W. R., 1970, p. 256).

De entre os vários autores mencionados ao

longo das apresentações, Freud foi de forma evidente o mais citado, com múltiplas referências aos seus trabalhos: *Heredity and the Aetiology of the Neuroses* (1896); *The Interpretation of Dreams* (1900); *Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria* (1905); *Three Essays on the Theory of Sexuality* (1905a); *Five Lectures on Psycho-Analysis* (1910); *Psycho-Analytic Notes on an Autobiographical Account of a Case of Paranoia (Dementia Paranoides)* (1911); *On Narcissism: An Introduction* (1914); *Instincts and Their Vicissitudes* (1915); *The Unconscious* (1915a); *Mourning and Melancholia* (1915b); *The 'Uncanny'* (1919); *Beyond the Pleasure Principle* (1920a); *Psychoanalysis of Telepathy* (1921); *Inhibitions, Symptoms and Anxiety* (1926); *An Outline of Psycho-Analysis* (1938). No mesmo ano em que se assinalam 80 anos sobre o falecimento de Freud, é interessante e significativo verificar que o seu contributo se mantém indispensável para o pensamento clínico e para a conceptualização teórica da atualidade.

O último momento da conferência foi dedicado a uma reflexão sobre o futuro da psicanálise. David Tuckett acentuou a importância de se acompanhar os desenvolvimentos das neurociências e de se alicerçar cientificamente diversos conceitos psicanalíticos, como a associação livre, a atenção flutuante, a resistência, a neutralidade e a contratransferência (Britton, R., 2015; Solms, M. L., 2018). Jorge Canestri, na mesma linha de pensamento, assinalou que deve existir uma preocupação em sintonizar a psicanálise com as restantes disciplinas, e que essa preocupação deve surgir desde o início da formação de um psicanalista com o estudo de outros temas como a história da filosofia e da religião. Conviver com o grande número de clínicos que estiveram presentes e interessados na conferência afasta, momentaneamente, ideias pessimistas em torno do futuro da psicanálise; no entanto, existem questões que são incontornáveis e que não podem ser ignoradas se quisermos ver a psicanálise como uma resposta de primeira linha ao sofrimento humano e como um instrumento especializado para a mudança psíquica.

No Editorial do Volume 100, Dana Birksted-Breen vinco o carácter internacional do IJP, procurando fomentar debates interculturais e interdisciplinares com o intuito de promover mudanças na psicanálise que respeitem sempre a sua tradição (Birksted-Breen, D., 2019). Podemos apenas supor que ao longo dos próximos 100 anos a história do IJP continuará intimamente ligada à história da psicanálise. Apesar de não ser a única publicação nesta área de conhecimento, o contexto na qual foi fundada e a dinâmica que tem revelado na divulgação do pensamento psicanalítico e no envolvimento dos autores mais relevantes atribuem-lhe um papel ativo e uma responsabilidade acrescida nos desenvolvimentos que a psicanálise terá no decorrer dos próximos anos. 📖

ABSTRACT

In this report we go through the history of the *International Journal of Psychoanalysis* (IJP) from its founding moment to the event that celebrates a hundred years of publications. The IJP arose from the need to extend the dissemination of psychoanalysis to the community of english-speaking psychoanalysts, and since then it has become a reference in this area of knowledge. The guidelines set by Ernest Jones, Sigmund Freud, Sándor Ferenczi, and Otto Rank survived the passage of time, and have been transmitted and preserved by the various editors and editorial groups. In the year of celebration of the IJP centenary, a conference was held in London (“The Psychoanalytic Core: Encountering & Speaking to the Unconscious”) to explore a set of themes in psychoanalysis and its relations with the unconscious. The current editor, Dana Birksted-Breen, led the presentations of what would be a tribute conference to the past but with concern for the future.

KEYWORDS: *International Journal of Psychoanalysis*, centenary, psychoanalysis.

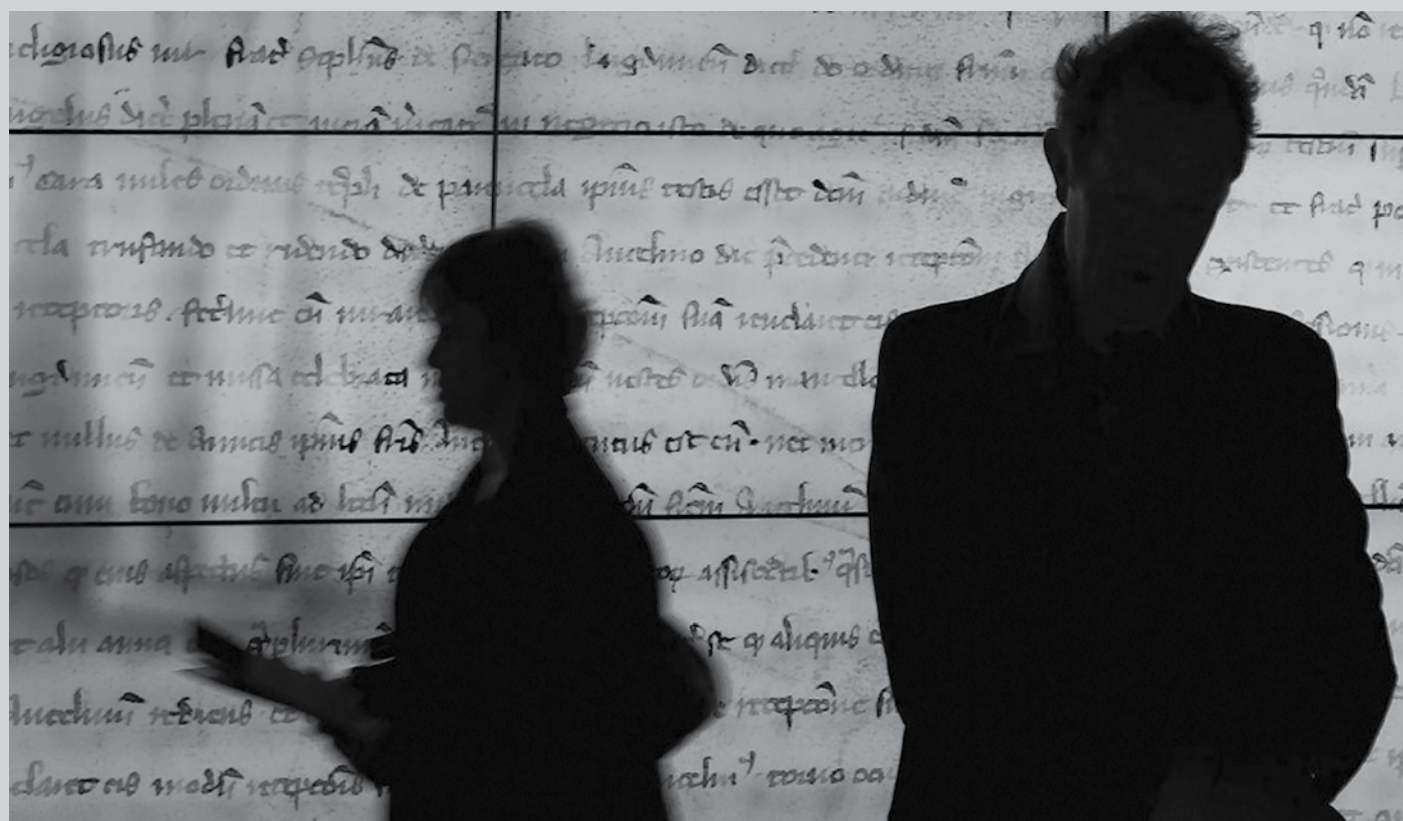
BIBLIOGRAFIA

- Abraham, K. (1920). «Special Pathology and Therapy of the Neuroses and Psychoses». *International Journal of Psychoanalysis*, 1(3): 280–285.
- Bion, W. R. (1970). «Attention and Interpretation: A Scientific Approach to Insight in Psychoanalysis and Groups». In *The Complete Works of W. R. Bion*, vol. vi. Londres: Routledge.
- Birksted-Breen, D. (2019). «Editorial – 100 Years of the *International Journal of Psychoanalysis*». *International Journal of Psychoanalysis*, 100(1): 1–6.
- Bolognini, S. (1994). «Transference: Erotized, Erotic, Loving, Affectionate». *International Journal of Psychoanalysis*, 75(1): 73–86.
- Britton, R. (2015). *Between Mind and Brain - Models of the Mind and Models in the Mind*. Londres: Karnac Books.
- Britton, R. & Steiner, J. (1994). «Interpretation: Selected Fact or Overvalued Idea?». *International Journal of Psychoanalysis*, 75(5): 1069–1078.
- Canestri, J. (2010). «Grupo de Trabalho sobre questões teóricas». *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(3): 43–52.
- Ferenczi, S. (1920). «Open Letter». *International Journal of Psychoanalysis*, 1(1): 1–2.
- Ferenczi, S. (1920a). «General Theory of the Neuroses». *International Journal of Psychoanalysis*, 1(3): 294–315.
- Fonagy, P. (2008). «A genuinely developmental theory of sexual enjoyment and its implications for psychoanalytic technique». *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 56(1): 11–36.
- Freud, S. (1986). «Heredity and the Aetiology of the Neuroses». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. III: 141–156. Londres: The Hogarth Press.
- Freud, S. (1938). «An Outline of Psycho-Analysis». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. XXIII: 144–207. Londres: The Hogarth Press.
- Freud, S. (1926). «Inhibitions, Symptoms and Anxiety». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. XX: 87–175. Londres: The Hogarth Press.
- Freud, S. (1921). «Psychoanalysis of Telepathy». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. XVIII: 177–193. Londres: The Hogarth Press.
- Freud, S. (1920). «A Child is Being Beaten – A Contribution to the Study of the Origin of Sexual Perversions». *International Journal of Psychoanalysis*, 1(4): 371–395.
- Freud, S. (1920a). «Beyond the Pleasure Principle». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. XVIII: 7–64. Londres: The Hogarth Press.

- Freud, S. (1919). «The ‘Uncanny’». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. xvii: 219–256. Londres: The Hogarth Press.
- Freud, S. (1915). «Instincts and Their Vicissitudes». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. xiv: 117–140. Londres: The Hogarth Press.
- Freud, S. (1915a). «The Unconscious». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. xiv: 166–215. Londres: The Hogarth Press.
- Freud, S. (1915b). «Mourning and Melancholia». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. xiv: 243–260. Londres: The Hogarth Press.
- Freud, S. (1914). «On Narcissism: An Introduction». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. xiv: 73–102. Londres: The Hogarth Press.
- Freud, S. (1911). «Psycho-Analytic Notes on an Autobiographical Account of a Case of Paranoia (Dementia Paranoides)». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. xii: 9–82. Londres: The Hogarth Press.
- Freud, S. (1910). «Five Lectures on Psycho-Analysis». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. xi: 9–56. Londres: The Hogarth Press.
- Freud, S. (1905). «Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. vii: 7–122. Londres: The Hogarth Press.
- Freud, S. (1905a). «Three Essays on the Theory of Sexuality». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. vii: 135–245. Londres: The Hogarth Press.
- Freud, S. (1900). «The Interpretation of Dreams». In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. iv e v. Londres: The Hogarth Press.
- Jones, E. (1961). *The Life and Work of Sigmund Freud*. Londres: Pelican Books.
- Jones, E. (1920). «Editorial». *International Journal of Psychoanalysis*, 1(1): 3–5.
- Jones, E. (1920a). «Recent Advances in Psycho-Analysis». *International Journal of Psychoanalysis*, 1(1): 161–185.
- Levine, H. (1994). «The Analyst’s Participation in the Analytic Process». *International Journal of Psychoanalysis*, 75(4): 655–676.
- Miller, P. (2019). «Precious little: birth and death in the analytic process». Apresentação na London Centenary Conference: «The Psychoanalytic Core: Encountering & Speaking to the Unconscious». Londres: *The International Journal of Psychoanalysis*.
- Ogden, T. (1994). «The Analytic Third: Working with Intersubjective Clinical Facts». *International Journal of Psychoanalysis*, 75(1): 3–19.
- Paskauskas, R. A. (1995). *The complete correspondence of Sigmund Freud and Ernest Jones 1908–1939*. Cambridge: Harvard University Press.
- Rosenfeld, J. (1969). «On the Treatment of Psychotic States by Psychoanalysis: An Historical Approach». *International Journal of Psychoanalysis*, 50(4): 615–631.
- Sandler, J. (1969). «Editorial». *International Journal of Psychoanalysis*, 50(1): 1–2.
- Sandler, J. (1969a). «Editorial». *International Journal of Psychoanalysis*, 50(4): 417–418.
- Sandler, J. & Joffe, W. G. (1969). «Towards a Basic Psychoanalytic Model». *International Journal of Psychoanalysis*, 50(1): 79–90.
- Searles, H. (1969). «A Case of Borderline Thought Disorder». *International Journal of Psychoanalysis*, 50(4): 655–664.
- Solms, M. L. (2018). «The Neurobiological Underpinnings of Psychoanalytic Theory and Therapy». *Frontiers in Behavioral Neuroscience*, 12 Article ID 294.
- Strachey, J. (1969). «The Nature of the Therapeutic Action of Psychoanalysis». *International Journal of Psychoanalysis*, 50(3): 275–418.
- Tuckett, D. (1994). «Editorial – The 75th Volume». *International Journal of Psychoanalysis*, 75(1): 1–2.
- Winnicott, D. W. (1969). «The Use of an Object». *International Journal of Psychoanalysis*, 50(4): 711–716.

XXIX COLÓQUIO SPP

ESPAÇO (IN)FÍNITO: Psicanálise e Interseção de Lugares



Theo's Cavern: Where Do We Live Today?¹

Martin Gauthier²

1

The paper was presented in the colloquium "(In)finite Space: Psychoanalysis and Intersection of Places", Portuguese Psychoanalytic Society, Lisbon, March 15, 2019.

2

Training analyst, Canadian Psychoanalytic Society and Institut Psychanalytique de Montréal. Child and adolescent psychiatrist, McGill University Health Center, Montreal. E-mail: mar-tin.gauthier3@sympatico.ca

ABSTRACT

Technical progress changes space and human relationships. Modern physics and psychoanalysis have emphasized the relational basis of the spaces we live in. While our day to day sensible experience places us in front of a double space, the one outside and the one inside each of us, the articulation between the two has taken a new dimension with Winnicott's and Green's work. Using the analysis of Theo, who experienced the analytic setting as a dangerous cavern, and the myth of Perseus, as read by Pasche, the importance of a personal shield is discussed. The mediation offered by digital technology is compared to a Perseus' shield of a different order. Its impact is questioned at the light of developmental research and of clinical experience with adolescents.

KEYWORDS

Internal space
Virtual space
Transitional space
Digital technology

In Portugal, as elsewhere in Europe, the passage from sickle to scythe was not simply a technical progress; it constituted a small social revolution and it provoked many resistances before becoming generalized. Demanding more force, the scythe disqualified women, until then very present at the harvest. It also made it possible to cut the stems lower and it thus violated an old right of use, the right of stubble, the stubble being the remaining stalks the poorest could harvest after the first cut. The better yield of the scythe finally reduced the labor requirements and the time needed for the harvest, creating unemployment and dissatisfaction among the seasonal workers. The scythe thus transformed the societies that adopted it. It did not only change the way of working; it altered relations with the territory and social relations. From sickle to scythe and eventually to machines, technical progress changes space and human relationships. Our digital age is advancing in this wake and raises several questions.

Modern physics and psychoanalysis have emphasized the relational basis of the spaces we live in. Our day to day sensible experience places us in front of a double space, the one outside and the one inside each of us (Winnicott added a third

space, less obvious at first sight, which we will come to later). At each of the two poles, space presents itself as an expanse in which objects move within fuzzy limits; the borders are not clear. The relations between the poles are also ambiguous: is it the inside that contains the outside or the outside that contains the inside? And what is the boundary postulated between inside and outside, how does it come about? In which space do we live, especially nowadays with our digital technology and its impact on our experience of space?

We will start this exploration within a space familiar to psychoanalysts, the psychoanalytic setting. Psychoanalysis offers a particular theatre to illuminate phenomena that largely operate in the shadows. It is a peculiar window on the space within us and on the conditions that allow its appropriation. It is through the experience of another space, the physical space of the office as well as that of the analyst and analysand meeting, that the architect-analysand can inhabit more and more of his own personal space. For many, this is how they discover an internal architect and give themselves the right to fully inhabit the different spaces. This was the case for Theo.

THEO'S CAVERN: A STORY

To talk about my engagement with Theo, I can only tell a story. I know it will say more than I realize, hence the promise of the exchange with the reader: to enrich and deepen the story, to pursue it. This opportunity allows me to make more explicit the importance of the spatial dimension in my encounter with this patient and in my way of thinking about it. And if the theme reminded me particularly of Theo's analysis, each of my patients has a way of living in the space of our meetings and the space of their life. Each one bears the story of a more or less successful conquest of space.

When Theo came to consult me, one space of his life was parasitic on all the others: the space of public toilets. Since the beginning of adulthood, it had been impossible for him to urinate in the presence of other people; he lost both the urge and the ability. Gradually, his whole life coalesced around the anguish aroused by the thought of needing to urinate in an inconvenient place. Various therapies had given a scientific name to his phobia — a paruresis — but little relief. Well into his forties, he wanted to engage in psychoanalysis, a «last chance» venture. He had been thinking about it for a number of years; a recent altercation at work was the last trigger but in what space was he going to end up?

As concrete and localized as a public toilet may be, you can guess that it was a metaphorical place representing something that had effects far beyond. Theo's withdrawal characterized his whole life. He lived alone and centred his days around his poorly valued work in a charitable enterprise. He had a long-standing relationship with a woman but it had been without sexual intimacy for a long time. He faithfully supported his aging parents who counted on him. Two personal places had a particular cast: his library, where a staggering number of books were stacked in disorder, bought with avid interest but rarely read beyond a few pages; and the painting studio where he dared not go beyond the copy of masterpieces. On the whole, he scrupulously followed a reassuring routine within which our analytic sessions quickly found their place.

In *Communicating and Not Communicating* (1963), Winnicott opposes, on the one hand, the prospect of never succeeding in expressing what really matters and the risk of remaining isolated and ignored, and on the other hand, the healthy protest against «the agonizing fantasy of being exploited to infinity», which is tantamount, Winnicott says, to being eaten or swallowed. The more elaborate form of the conflict can be organized as a game of hide-and-seek in which «hiding is a pleasure, but not being found is a catastrophe». Each of the poles of this conflict was important to Theo, who gave the impression of tasting the freedom of speech that was offered to him, but who advanced with great caution. The injunction to do good guided each of his steps.

I felt I had to be discreet, but it took me some time to recognize the ogre I was for Theo. I was slow to grasp the full extent of the deep vigilance which at first gave a touch of intensity to our meetings. A form of docility prevailed, in a climate that nevertheless seemed to be that of a positive investment of analysis and of the analyst. The sequel would show how dangerous the encounter between us was. Signs suggested it from the beginning but it was more in their tenacious rigidity that their scale was revealed. The spatial position on the couch was a first clue: Theo was struggling to fully occupy his space without looking to me, without checking my own position. He finished the sessions diagonally, eyes on me. The envelope of laughter and self-mockery that adorned his remarks and quickly swept away the other emotional expressions was another clue. Theo surrendered very little in the analytic space offered.

Over time, it appeared that this analytical space had taken the form of a dangerous cavern where reigned the terror of being eaten. When we were able to give verbal forms to it, at the beginning of more play between us, Theo evoked the meeting of Ulysses and the Cyclops. What to do when the return to his personal Ithaca, to oneself, involves the confrontation with the Cyclops? How to manage if not by cunning, that is, by disguising himself as a harmless sheep and pretending to be *oûtis* / nobody? The fight of «nobody» against the ogre: the images of Homer opened a play that terror closed. And if I speak now of play, like that of hide-and-seek, we were for a long time in places where there was no question of being discovered.

«You will not get me», Theo told me in so many ways. In his secret grandiosity, he joined primitive maternal figures, his mother and the mother of his mother, who foretold a destiny out of the ordinary compared to that of the other men in the family. He would not and could not be like the others! Captured and captive, unable to openly disappoint or denounce the invasion he was the object of, he had sought help from his father. But both the father and his representatives had appeared cruel or unavailable, as voracious as the maternal figures. In this deprived world where losses remained gaping, the only relational space that seemed to be open was one where Theo could feel special as long as he offered himself entirely as support to the object. But a fierce retreat prevailed in parallel which eked out a small potential personal space. The primal scene, in all its variations, was terrible.

In the analytic cavern, Theo remained thus withdrawn. If he ventured out of his shelter, he existed for me only as the «object of (your) desire» and risked being swallowed; or he himself became the ogre and I disappeared. In addition to those of devouring, the scenarios of anal or castrating attacks remained for a long time marked by a radical terror

which made impossible the meeting of two subjects each having their own space. Any dependency was intolerable and quickly reversed, with Theo becoming the guardian of the cavern, responsible for averting threats.

Without detailing the relational history that Theo and I unfolded over several years, you will have deduced that trauma was present, including a homosexual seduction by an admired teacher at the beginning of adulthood, following which the paruresis started. The analysand's associations repetitively returned to a small number of intrusive scenes, more or less recognized as such, going back to early childhood. Each of these was at first inscribed as an isolated event, without conscious resonance with the other scenes, and without Theo being able to link them into the chapters of a personal narrative. Each represented an attempt by an intruding figure to gain a hold over him. In the face of danger (although long coloured with idealization in early childhood scenes), left to himself, Theo was each time a solitary hero, masking his distress to show an air of triumph. He was the chosen one, at the price of an essential dispossession, with no other solution than that of being an *ouïtis* /nobody, yet all the while hiding his subterfuge.

The counterpart was Theo's great craving that narcissistic grandiosity did not feed. In so many ways he was holding back and losing contact with himself. He was waiting for the paternal present promised by his passive submission. He wanted so much for me to see him, his eyes turned towards me wanted such support, but at what risk? Going beyond his maternal identification propelled him into a sadistic scenario where he feared for a long time my reprisals and my abandonment. Or else, he laboured under the guilt of destroying the world towards which he owed so much and for which he was responsible. More than ever, he saw himself living curled up, always afraid, clinging so as not to fall. He observed himself in his manner of sticking and escaping («I am always the fly that will stick to the ribbon»). Only slowly, to the reliable rhythm of our encounters and the working-through of his conflicts in our relationship, was Theo able to build a space where we could meet without damaging each other, where everyone could have his own psychic space and his own power, creative and relative. The different intimacies, like the toilets, lost their absolute charge, murderous and castrating. Losses and disappointments took shape. Theo compared his work of mourning and construction to getting off the tree where he had made his shelter to live in a house with others where there was a door he could rely on. At the end of his analysis, he also proposed this image: «I was like an unoccupied chair on the stage of a theatre».

MEDUSA AND THE NEED FOR A SHIELD

In the myth of Medusa which Freud (1922) studied, Perseus sliced the head of the Gorgon without crossing her petrifying gaze thanks to the polished shield that Athena had given him. He thus avoided being transformed into stone. For Freud, Medusa represents the female genitals and the threat of castration that their sight arouses. In his later reading, Francis Pasche (1971) emphasized a more primitive aspect which will interest us particularly. He notes that it was by depriving Medusa of the third dimension, that of depth, that Perseus would defeat her. Reduced to her virtual image, Medusa lost her terrible power. The Gorgon was lying flat in the mirror despite the illusion of perspective. Reduced to two dimensions on the impenetrable reflective surface, Medusa was no longer terrifying. Perseus' shield gave him a margin of freedom.

Pasche notes the absence of this freedom in the psychotic patient who has not established a protective shield between the outside and the inside. Everything invades, swallows and persecutes him. Freud, who proposes a symbolic interpretation of the myth, assumes a symbolization which is already acquired and which allows for a treatment of anxiety on a more advanced level, that of castration anxiety. The psychotic, or each of us in our primitive foundations, does not have the protective limit that the acquisition of symbolization provides. At the more primitive level, we are struck frontally, without protected personal space. Such a patient once said to me: «I am only a surface that everything attacks; the words have lost their water and there remains only a precipitate that hits me». For Pasche, without a shield, there is an *en bloc* incorporation of reality, experienced as an invasion by this reality without being able to reduce it to a perception and a representation. Without a shield, space is unlimited, infinite.

Theo was not psychotic and he could erect, as best he could, a rampart between himself and me. But he did not have an efficient shield as the intrusions had been too important in his journey. A concrete distance or withdrawal was always necessary to avoid a direct contact that could only lead to the worst. He was thus divided and immobilized between his smallness and his grandiosity, between his impotence and his devastating power. He was folded back, besieged, in danger of subjugating or being subjugated. Mobilization involved better constituting his shield, his personal limit differentiating outside and inside, allowing play between his own space and mine.

This Perseus shield whose importance Pasche emphasized finds an extension in the preoccupation of different psychoanalytic authors for a third topical model of the mind, which is concerned above all with the limit between inside and outside, and with mental *functionings* “in externality” (*fonctionne-*

ments en externalité) (Brusset, B., 2006; Gauthier, M., 2006; Reid, W., 2006). These types of processes operate from a psychic apparatus that has not reached the status of an autonomous unit, with a fully constituted shield.

This shield is what « articulates » perception and representation, by which I mean that which acts as a transformational joint or juncture/connection between perception and representation. From his early days, Freud struggled with this articulation and it led to his various developments regarding reality testing (Leclaire, M. & Scarfone, D., 2000). With Winnicott (1953, 1971), an important step was achieved in our conceptualization of spaces: in health, the articulation was revealed to be paradoxical, opening a third space, potential or transitional, crucial for the development of the other two and their interrelationship. Green (1982, 1993) added another characteristic by highlighting the correlative duality of the boundary (*la double limite*), one processual leaflet - the intersubjective side - forming a boundary between inside and outside and the other processual leaflet - the intrapsychic - formed by repression.

If, with Winnicott, the mother is the first space for the child, Green postulated its internalization into an internal framework (structure encadrante de la mère) through the mechanism of negative hallucination. This first matrix of psychic self-representation is the seat of the transitional processes that Green calls the tertiary processes, bridging Freud's primary and secondary processes (Urribarri, F., 2005). The French analyst thus summarized: «The psyche is the relation between two bodies of which one is absent». Joining and separating are life-long challenges.

A good shield both joins and separates. It protects, on one side, against the pangs of a petrifying encounter with others and, on the other side, against an unbearable isolation. We recognize the issues Winnicott was addressing in *Communicating and Not Communicating*. Similarly, Theo was struggling with my overbearing presence and my too radical absence. In the myth of Medusa, protection was provided by the passage from a three-dimensional to a virtual two-dimensional encounter. Is the modern hero the one who can face three-dimensionality?

TO CONQUER SPACE

In April 1961, when the first astronaut, the Russian Gagarin, went into space, the French philosopher Michel Serres was asked what he thought of this breakthrough. The latter astonished journalists by answering: «What is new is that he never left!» Serres compared Gagarin to the previous sailors and adventurers who remained for a long time without news, whereas the astronaut never lost contact with those on the ground. Well before the

internet, space was not the same anymore. The philosopher postulated that space had been canceled, which opened, according to him, a new approach to time, space and human relations. Since then, the phenomenon has intensified and communications have never been so numerous and ubiquitous.

Astronaut or not, new technologies have conquered our daily life and transformed its organization. They promote communications and information exchange like never before. They have allowed technical advances that benefit all human fields, scientific, cultural or artistic. In itself, technology is neutral: men and women decide the use they make of it. Digital technology is part of complex social forces where it participates in change but where it cannot be treated in isolation or be held solely responsible for a multi-determined evolution. In this sense, the spatial question that stimulates my remarks has a broad and multi-factorial resonance. It is important not to lose sight of the complexity of the whole when I want to draw attention to a particular modality (Simanowski, R., 2018).

It is somewhat precarious to venture in the social realm from a clinical experience largely gleaned from working with individuals and families. In an earlier attempt (Gauthier, M., 2018), I used a concept sketched by Winnicott, the manic defense of everyday life, to address the importance of entertainment in our current culture. The question of space continues this reflection on our collective issues from another angle. The matter I am trying to sketch here concerns one aspect of the container, a feature of the technical interface that mediates our relationship to others in this digital age. Beyond the content of what is exchanged or the dominant role given to images in today's Western culture, it is a dimension of the virtual image, or rather its lack of a dimension, that I wish to highlight. Brought back to its virtual pole, as rich in content as it can be, reality is translated by technical mediation into a reflected image of itself. The technical interface is a kind of polished shield of a different order than that of Perseus. Embodied interactions — in vivo, in the same shared space — are replaced by communications using images flattened on a screen, without the contribution of other sensory modalities, other than sound. The third dimension, that of depth or thickness, the sagittal one of the field, that of perspective, loses in importance. This shift is subtle but significant as the very quality of the relational experience is different. Joining and separating are not the same with the technological shield. The dimensional reduction that the virtual translation introduces raises questions which the psychoanalyst will want to keep in mind (or in sight!).

In this respect, childhood developmental research brings interesting findings. We learn that different sensory modalities are necessary for the construction of a more complex and

multidimensional reality, which is impossible with visual representations alone. Studies have thus demonstrated the importance of transfers between sensory modalities for the construction of mental representations, while longitudinal research has revealed the progressive acquisitions made by children in their apprehension of material space, up to the stage of formal operations in adolescence (Douriez-Pinol, M., 1974). On the pathological side, the difficulties presented in autism spectrum disorders also highlight the importance of trans-modal transfers. *Dyssensoriality*, the failure of polysensory synchronization, is today a pathophysiological theory of autism that finds significant support both in cognitive research and in psychoanalytic therapy (Golse, B., 2017, Guinot, M. & Golse, B., 2018). Knowing that co-modalization is a central agent of access to intersubjectivity, this deficit sheds light on autistic adhesive and bonding behaviours, signs of relationships that remain uni- or bi-dimensional.

With children and adolescents, clinical experience demonstrates the potential misuse of digital technology by those who are already the most vulnerable. Virtual space then allows a form of relationship that can also be described as uni or bi-dimensional, especially by its adhesive, addictive or controlling quality, protecting the individual against the anxieties aroused by relationships of flesh and bone in three dimensions. The two-dimensional properties of technology can serve as an external shield for those who do not have their own. In more serious cases, the virtual space takes the qualities of an imaginary world under their full control. Some teenagers swallow the world by the mouth of their screen and are swallowed by this screen, to the detriment of any other relationship. Gladly, with proper help, it can remain a regressive step before the adolescent is able to face three-dimensional relationships. Finally, in milder forms, separation anxieties appear to be quickly aroused nowadays when an expected communication is missing or when contact is suddenly impossible, betraying an intolerance of empty space.

Questioning the two-dimensional shield offered by technology involves addressing its impact on the whole experience of joining and separating as neither is the same in this new context. Psychoanalysis has highlighted how we inhabit paradoxical spaces, both inside and outside of ourselves, built by and through the relationships that we establish. The full deployment of internal and external spaces is based on three-dimensional relationships, involving the subjectivity of each person and the shared space. Such relationships are possible as long as everyone has developed his own personal shield, this double transitional boundary dear to Winnicott and Green, deficient in the case of my patient Theo.

The forces favouring the investment of the virtual pole are powerful, the content offered is stimulating: can we apprehend a subtle movement of levelling or flattening that transforms the relationship we have with our inner world and with that of others? If in vivo interactions have a vital role for the development of the personal symbolic space and for intersubjectivity, what influence will the multiplication of mediated interactions have on each person's personal shield, especially when those mediated interactions start as early as infancy? With my references to my patient Theo, and to Perseus and Medusa, I have wanted to begin unfolding this large question.

These ideas give a metapsychological argument to the position adopted by the International Psychoanalytical Association concerning the analysis of a candidate in training. The current regulation reserves remote psychoanalysis for exceptional circumstances and requires a number of in vivo sessions. The principle recognizes that the richness of the flesh-and-blood encounter is unmatched by technology. This does not negate the possibility that fruitful work can take place through the technological tools but it seems important not to deny the differences, especially at the level of the spaces mobilized by the process.

Digital technology allows extraordinary advances, such as making psychoanalytic therapies available to many people for whom such an experience was previously impossible. There may come a time when virtual meetings will be considered preferable everywhere to avoid the pollution to the environment caused by physical transportation or simply because it will appear more efficient economically. Meanwhile let us remain attentive to the surreptitious transformations that technology introduces into space and into our relationships. I have compared our digital tools to a polished shield of another order than Perseus' mythical one, transforming the conditions in which we build our own personal shield. Already scientific data exist on the cerebral impact of the use of digital technology on the abilities of attention and orientation, and on memory (at the level of the hippocampus) (Sparrow, B., Liu, J. & Wegner, D. M., 2011). The psychoanalyst will want to follow its influence on the places where we live. 🏠

RESUMO

O progresso técnico modifica o espaço e os relacionamentos humanos. A física moderna e a psicanálise enfatizaram a base relacional dos espaços em que vivemos. Apesar de a nossa experiência quotidiana nos colocar diante de um espaço duplo, o exterior e o interior de cada um de nós, a articulação entre ambos ganhou uma nova dimensão com os trabalhos de Winnicott e Green. A partir da análise de Theo, que vivenciou o *setting* analítico como uma caverna perigosa, e do mito de Perseus, a partir da leitura de Pasche, é discutida a importância de um escudo pessoal. A mediação proporcionada pela tecnologia digital é comparada ao escudo de Perseus, muito embora de uma ordem diferente. O seu impacto é discutido à luz da investigação do desenvolvimento e da experiência clínica com adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: espaço interno, espaço virtual, espaço transicional, tecnologia digital.

BIBLIOGRAPHY

- Brusset, B. (2006). «Métapsychologie des liens et troisième topique». *Revue Française de Psychanalyse*, 70(5): 1213–1282.
- Douriez-Pinol, M. (1974). «Les fondements de la sémiotique spatiale chez l'enfant, in Le dehors et le dedans». *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 9: 171–191.
- Freud S. (1922 [1955]), «Medusa's Head». S. E., vol. XVIII: 273–274. London: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis.
- Freud, S. (1895 [1966]). «Project for a Scientific Psychology». S. E. vol. I: 295–397. London: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis.
- Gauthier, M. (2018). «L'interprétation: pour une remise en chantier». *Filigrane*, 27(2): 17–27.
- Gauthier, M. (2006). «Troisième topique et psychanalyse d'enfant». *Revue Française de Psychanalyse*, 70(5): 1483–1489.
- Golse, B. (2017). «Détruire ou effacer l'objet. Les mécanismes autistiques et leur impact transférentiel et contre-transférentiel». *Journal de la Psychanalyse d'Enfant*, 7(1): 83–102.
- Guinot, M. & Golse, B. (2018). «Les destins de la dyssensorialité. Enfant singulier, particularités plurielles». *Journal de la Psychanalyse d'Enfant*, 8(1): 167–184.
- Green, A. (1993). *Le travail du négatif*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Green A. (1982). *La double limite, in La folie privée*. Paris: Gallimard, 293–316.
- Leclaire, M. & Scarfone, D. (2000). «Vers une conception unitaire de l'épreuve de réalité». *Revue Française de Psychanalyse*, 64(3): 885–912.
- Pasche, F. (1971). «Le bouclier de Persée ou psychose et réalité». *Revue Française de Psychanalyse*, 35(5–6): 859–870.
- Reid, W. (2006). «De l'ensemble individu/environnement à la troisième topique: la pulsion, le narcissisme, l'emprise et la relation d'objet». *Revue Française de Psychanalyse*, 70(5): 1543–1557.
- Serres, M. (2018). «Heard on France Culture». *Les Chemins de la Philosophie*, September 21, 2018.
- Simanowski, R. (2018). *Facebook Society: losing ourselves in sharing ourselves*. New York: Columbia University Press.
- Sparrow, B., Liu, J., Wegner, D. M. (2011). «Google effects on memory: Cognitive consequences of having information at our fingertips». *Science*, 333: 776–778.
- Urribarri, F. (2005). «Une métapsychologie de la représentation». *Libres Cahiers pour la Psychanalyse*, 11(1): 121–129.
- Winnicott, D.W. (1953). «Transitional Objects and Transitional Phenomena. A Study of the First Not-Me Possession». *The International Journal of Psycho-Analysis*, 34: 89–97.
- Winnicott, D.W. (1971). *Playing and Reality*. London: Pelican Books.
- Winnicott, D. W. (1963). «Communicating and Not Communicating Leading to a Study of Certain Opposites». In *The Maturation Process and the Facilitating Environment*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis, 179–192.

Comentário à Conferência de Martin Gauthier: «Theo's Cavern: Where Do We Live Today?» PSICANÁLISE: ENTRE CIÊNCIA E ARTE

Conceição Tavares de Almeida¹

1

Membro titular, com funções didáticas, da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP). E-mail: conceicaotavaresdealmeida@gmail.com

«A subjetividade é sempre um lugar misterioso», diz-nos Martin Gauthier no seu texto, convidando-nos ao mergulho no espaço íntimo do trabalho psicanalítico, lugar do fantasma e da potencialidade, para entendermos: o laço vital da relação primária; a construção de uma bidimensionalidade, escudo poroso, mas protetor, que garanta, na ligação, a separação; a expansão tridimensional, fazendo apelo a alguns riscos da vida contemporânea. Tal como na *Caverna* de Platão, partimos de um espaço uterino e projetamo-nos para o exterior, construindo um lugar onde o céu é o limite, ainda que estejamos condenados a aceder apenas às sombras.

Eixos da realidade, espaço e tempo reinventam-se, estabelecendo entre si relações de significância intermutáveis. Nessa medida, o espaço é uma espécie de invenção do tempo em que o Outro é a prova da diferença, e, dessa forma, pressupõe tanto o encontro como o desencontro.

Neste conceito partilhado com a Física, o autor aponta o quanto metáforas espaciais fazem parte do nosso léxico, tanto comum quanto psicanalítico. Mas que relevância específica ganha o conceito no quadro da psicanálise enquanto disciplina do conhecimento?

O objeto psicanalítico é um objeto científico, mítico, estético: condensa susto e encanto pela diferença, pelo interior, pelo mistério, em que o sujeito é movido pela curiosidade! Entre medo e desejo, acontece o pulsar de vida, libido inata, em que cada um de nós reinicia a história de todos. A mente é, à sua escala, uma espécie de Big Bang microcósmico (i)limitado.

Na minha esfera pessoal, este tema foi-se constituindo como especial, dado o fascínio com que observava a minha mãe a olhar as estrelas e a ler tanto ficção como informação científica acerca das descobertas espaciais. Do útero ao cosmos, e deste, à psicanálise.

O sonho é o espaço privilegiado, o salão nobre da mente: pelas janelas do pré-consciente, trespassa

luz resultante dos restos diurnos que incide sobre o magma pulsional do inconsciente a partir do qual se constrói uma narrativa — história à procura de narrador e de ouvinte. Como se da projeção de um filme se tratasse, a Psicanálise seria como que o «Director's cut».

Observemos a clínica: após ter feito psicoterapia na sua adolescência, Saul procura-me na idade adulta e inicia uma psicanálise. Na primeira sessão no divã, a propósito de uma ocorrência da sua vida relacional em que se sente coartado, fala de «como lhe é difícil estar nessa posição». Na forma como escuto esta expressão dou atenção à polissemia que condensa, nas suas dimensões tanto física como mental. O contacto com esta matéria—prima traduz-se numa sensibilidade ao campo transfero-contratransferencial, dando assim espaço e lugar transicional a níveis de significância que, por sua vez, se abrem a possibilidades de expressão e de elaboração da experiência subjetiva. Nas minhas palavras enuncio essa ideia, moldando desta forma a peça em construção. Na sessão seguinte, relata um sonho de angústia, em que está deitado numa posição desconfortável que lhe limita os movimentos e o deixa vulnerável. As associações que seguidamente desenvolve evocam a imagem de estar «à mercê» e «de pés e mãos atados», o que ilustra um sentimento que tem sido recorrente na sua vida afetiva, e que atualiza no espaço analítico.

Neste quadro metafórico a que o tema convida, a prática da psicanálise remete-me para o universo do trabalho artesanal. Voltarei a esta ideia a propósito do manejo da técnica, nomeadamente do campo transfero-contratransferencial. Nesta conferência, fui sensível à referência que Martin Gauthier fez ao instrumento «foice», a propósito da evolução do mesmo e do seu uso no trabalho agrícola. Através dele, estabelece-se um quadro à luz do qual o papel das mulheres e do feminino é colocado na sua relação com a natureza, ideia que ganha expressão na tensão metapsicológica entre pulsão e civilização na conquista de uma ordem fálica e paterna.

Nota: este artigo está escrito conforme o recente Acordo Ortográfico.

Mas a foice evoca em mim outras associações: o corte que separa, a força de quem trabalha e, sobretudo, a morte, linha inscrita no eixo espaciotemporal perante a qual se estabelece uma escala relativa que nos distingue enquanto género e geração, ao mesmo tempo que nos torna iguais.

Geografia e História, disse-nos Smadja na sua mais recente visita à Sociedade Portuguesa de Psicanálise, reportam às dimensões materna e paterna. Como pode o espaço analítico recriar as condições para que o chão se torne fértil e a história de cada um se reescreva? Quais as ferramentas utilizadas e as técnicas desenvolvidas para moldar o barro tornando o seu resultado único e singular, e, ainda assim, reconhecível e replicável?

A condição primeira e última da psicanálise é a liberdade. Ideologias e convicções à parte, permiti-me evocar neste curso de ideias a origem da maçonaria que estará justamente associada à figura dos mestres artesãos. Na génese, estão factos históricos, que decorrem das transformações no tecido social a partir da sua relação com o mundo laboral. Aparentemente, a sua inspiração parte da relativa liberdade que o exercício da atividade de prestação de serviços no sector da transformação lhes permitiu. Estes ofícios mudaram a relação com o espaço e com o tempo, uma vez que os tornaram mais sedentários e em simultâneo desenvolveram técnicas de aperfeiçoamento, conferindo-lhes tanto o estatuto de mestres na sua arte, como o tempo para estudar, investigar, teorizar, ensinar. Na conquista desse lugar social, inscreve-se tanto a ideia de legado, como de processo, em que os resultados denunciam as marcas imperfeitas, singulares e irrepetíveis desse mesmo caminho.

Proponho olhar para a psicanálise como uma dimensão do conhecimento que se situa entre a arte e a ciência, e a sua prática e ensino num quadro que se assemelha ao dos mestres artesãos. Procurarei consubstanciar esta ideia desenvolvendo alguns aspetos que se relacionam com a fundamentação conceptual dos modelos e das práticas psicanalíticas, acrescentando algumas ideias acerca de *enactment* e humor na sua dimensão relacional, pelo seu valor de comunicação e de transformação psíquica.

Curiosamente, a Epistemologia e a Psicanálise são praticamente contemporâneas. Freud considera a teoria psicanalítica que parte da descoberta do inconsciente e da sexualidade como a terceira humilhação narcísica do Homem (Freud, S., 2006 [1912]) e vê-se num conflito ao procurar submeter e validar, segundo os constrangimentos claramente positivistas do paradigma vigente, a sua singular e subjetiva originalidade de acordo com um determinismo linear.

É assim que os conceitos fundamentais da Psicanálise são estabelecidos segundo os princípios das ciências ditas exatas, daí a influência de

disciplinas da Física como a mecânica clássica e a termodinâmica. Porém, o interesse pelas disciplinas ditas humanas como fonte de inspiração ou objeto de estudo influenciou a Psicanálise na sua especificidade, enquanto disciplina de conhecimento do fenómeno humano, mantendo a hermenêutica como pedra de toque no seu método.

Através do inconsciente, objeto epistémico peculiar que se caracteriza por uma lógica própria, o psiquismo desenvolve-se mantendo uma comunicação permanente com a lógica de uma realidade que lhe é externa. Segundo Rosado, «a lógica do consciente racional — submetida ao princípio da realidade em que tempo, espaço, princípio da não contradição e do terceiro excluído são organizadores fundamentais — e a lógica do inconsciente — organizada em torno do princípio do prazer, uma lógica em que algo pode ser e não ser simultaneamente, da qual está ausente a linearidade espaço-temporal.» (Rosado, Neves & Marques, 2015, p. 36)

Os efeitos decorrentes deste diálogo, desta tensão entre estas duas dimensões, formam o núcleo essencial da própria psicanálise, tanto na construção dos seus modelos explicativos ou compreensivos, como no virtuosismo da sua técnica. A relação dinâmica permanentemente conflitual entre fantasia e realidade é a marca de água de uma leitura do fenómeno humano, condição de resgate do incompreensível *versus* a construção de uma realidade coletiva orientada para o futuro e fundada nas suas raízes intemporais.

Paralelamente todo o objeto de estudo científico alterou-se no sentido de que a dimensão do tempo introduza a imponderabilidade como uma variável a considerar, sendo que o resultado traz a marca dessa relação. A ideia de que uma teoria é mais robusta, porque mais estanque, tornou-se obsoleta. Hoje em dia, o método é visto muito mais como um caminho e o conhecimento é tido muito mais como o encontro entre o sujeito epistémico e o seu objeto em construção.

A dimensão simultaneamente sistémica e caótica dos acontecimentos tem uma tradução quanto à noção de causalidade. Ao determinismo linear que opunha acaso a intencionalidade, sucedem-se, no paradigma emergente, tensões e admitem-se equilíbrios que oscilam entre caos e ordem, instabilidade e adaptação.

Neste novo paradigma, a natureza do conhecimento que a psicanálise proporciona acerca da experiência emocional inconsciente ganha especial relevância se tomarmos como modelo e metáfora os fenómenos que decorrem do erro, do invariante e do acaso, uma vez que se constituem como oportunidades para estabelecer hipóteses sobre a emergência de sentido(s) atualizada pelo momento do encontro intersubjetivo, potenciador de transformações.

O Princípio da Incerteza de Heisenberg é um enunciado da mecânica quântica que serve de ponto de partida para Britton (2006) anunciar o *Posição de Incerteza* que ilustra a influência da física quântica no pensamento de Bion. É a revolução introduzida pela física quântica que transformará este novo modo de pensar a ciência, segundo uma espécie de *determinismo caótico*, e que se constituirá, de acordo com Pragier, como «uma quarta humilhação narcísica para o Homem» (Pragier, G., 2007, p. 88).

De entre os psicanalistas que mais recentemente se têm dedicado à investigação destes domínios, referimos Hinshelwood (2010), que se baseia no estudo da contratransferência para questionar a dicotomia entre ciência e hermenêutica. Para este autor, os significados da experiência subjetiva possibilitam generalizações teóricas, através de um modelo de investigação psicanalítica que possibilita observar os efeitos da interpretação na sessão analítica e nas mudanças internas do paciente.

Então, que dizer acerca do diálogo entre as ciências e a psicanálise à luz deste novo paradigma? A lógica do inconsciente encerra dimensões que são simultaneamente únicas e universais. Tal como se compararmos o estudo do átomo ou da célula com a astronomia, identificamos equações micro e macro cósmicas de natureza semelhante.

Bion referiu-se ao buraco negro ao estabelecer analogias entre os fenómenos do espaço galáctico e do espaço mental interno (Bion, W., 1977). Desenvolvendo esta metáfora, Grotstein refere que «nos sistemas humanos o caos [...] resulta da incapacidade da mente para ordenar a sua aleatoriedade e/ou para manter e regenerar as suas estruturas» (Grotstein, J., 1999, p. 83).

Bion (1977) descreve o trabalho analítico como catastrófico e atemporal na sua flutuação entre integração e dispersão. A postura psicanalítica *sem memória, sem desejo, sem compreensão* (Bion, W., 1991 [1970]), cria o estado mental de abertura para que a intuição funcione como atrator, para lá do campo saturado das experiências, das expectativas e dos conhecimentos prévios.

«Le transfer comporte une dimension historique.» (Denis, P., 1996, p. 1179) O processo analítico é uma reconstrução do tempo do inconsciente, em que o caminhar na direção do passado transforma o futuro. Nesse movimento, a repetição torna explícita a procura do sentido de si na presença do outro. Aqui, entra a dimensão do espaço como lugar que se ganha ao tempo e onde o jogo intra e inter psíquico se pode desenrolar. Porém, esta relação é estabelecida numa tolerância ao desconhecido, ao novo, que se constitui como possibilidade de abertura.

Bolognini (2006) enquadra o problema da repetição no quadro da temporalidade própria do funcionamento do inconsciente na sua

dimensão relacional. Do caos aparente em que, pela ausência de tempo, se desorganizam as relações de contiguidade e onde os fenómenos de clivagem, projeção, deslocamento e condensação, por exemplo, utilizam um critério de inclusão de classes de forma desordenada, a virtude do método psicanalítico é dar sentido. Este sentido decorre da construção de representações a partir da integração do afeto na história de vida do sujeito. Ainda segundo Pragier, o imperativo para o estatuto de cientificidade em psicanálise, mais do que um motivo social, corresponde a uma exigência interna do próprio psicanalista, para dar sentido.

O texto que Gauthier nos apresenta testemunha o quanto estas dimensões se intersejam. Através da sua exposição de ideias e da ilustração pelo caso clínico, percebemos como transferência e contratransferência, mais do que entendidas à luz da repetição incessante do passado, criam um terceiro sujeito (*terceiro sujeito intersubjetivo* de T. Ogden, 2004), numa expansão deste modelo, fazendo emergir, numa área transicional, a possibilidade plástica de ser moldada uma outra relação. A referência ao mito de Medusa e ao uso do escudo como protetor — porque defletor — da dimensão pulsional primitiva coloca-nos perante o problema da comunicação no espaço virtual da contemporaneidade.

A necessidade de compreender, dimensão fundamental do psiquismo, parece estabelecer uma dinâmica particular com a tolerância ao desconhecido e ao caos. De um ponto de vista epistemológico, reconhecemos a impossibilidade de uma atitude de neutralidade no *setting* analítico de um analista em estado mental de *tela branca*, uma vez que suas teorias influenciam as percepções e a compreensão (consciente e inconsciente) do que está a ocorrer no *setting*.

Neste quadro, a compreensão do manejo da contratransferência ganha particular relevância epistémica. Tal como as imperfeições na peça artesanal a tornam única e denunciam o seu processo, interessa-me particularmente a questão do «erro» no campo analítico. Não tanto na ótica da falha técnica, e muito menos ética, os «erros» que podemos encontrar no humor e no *enactment*, por exemplo, são aspetos inerentes ao processo que nos desafiam a torná-los recursos ao serviço do mesmo.

Tal como nos sugere Cassorla (2013), o *enactment* agudo faz emergir conflitos inconscientes que trazem ao espaço da sessão uma dimensão por resolver, porque por significar. Nesse sentido, adquire um valor de atualização, de comunicação e de transformação. Já segundo Sapisochin (2013), podemos admitir todo o trabalho em sessão segundo a noção de *enactment* em que analista e analisando se relacionam de forma que reconstruam implicitamente o processo. Entendendo as variáveis decorrentes do encontro

entre analista e analisando como produto criativo do próprio processo, encaramos o humor como uma qualidade mental intimamente relacionada com a criatividade e com o afeto. Num modelo mais clássico, tenderíamos a considerar a sua presença como defesa ao serviço do *ego*, no sentido de o proteger das ansiedades mais narcísicas ou da fragilidade perante a angústia de morte, estabelecerá, por ventura, uma ponte ou uma solução de compromisso entre pulsão de vida e de morte, entre inconsciente e consciente. Freud refere-se às anedotas no seu trabalho *Psicopatologia da Vida Quotidiana* (Freud, S., 1990 [1901]) estabelecendo equivalências com os lapsos, os atos falhados e o trabalho do sonho enquanto derivados do processo primário e reveladores de intencionalidade inconsciente.

Badden (1993) é um dos autores que observa a utilização do humor na situação analítica ao serviço da própria mudança. À luz de um novo paradigma, o humor surge como transversal a todas as dimensões metapsicológicas, estabelecendo-se como um *vínculo*, no sentido de Bion, uma vez que permite a ligação ao mesmo tempo que favorece a procura de sentido (dispersão/integração ou *PS->D*), sendo que, nessa procura de sentido, o faz na desconstrução do mesmo, podendo conjugar, sem confundir, amor e ódio em favor do conhecimento.

Emergente do espaço potencial e assimilável ao brincar, no sentido de Winnicott, o humor vincula-se ao erro e à falha e condensa, pelo absurdo de premissas lógicas opostas combinadas de forma paradoxal, potenciais de mudança num espaço de cumplicidades partilhadas. A capacidade de «rir de si próprio» é conotada como sinal de saúde mental, permitindo um contacto profundo e reparador do sujeito com os seus objetos internos.

Assim, rir na relação com o outro veicula e contém o ódio, em simultâneo. Nesta medida, situa o sujeito perante a sua ambivalência, condensando ataque e reparação do objeto interno, num mesmo movimento, na consciência da separação com o objeto real, o que favorece o prazer e reforça os laços de intimidade.

Saul vive numa permanente dualidade — em vários domínios da sua vida —, que tem dificuldade de integrar, bem como de se colocar em posição depressiva elaborativa. Divide-se entre uma atividade profissional exigente, onde é crítico consigo próprio e com os demais, e a dedicação às artes plásticas, onde se vai permitindo explorar técnicas e materiais. Sendo perfeccionista também nessa área, recusou recentemente prosseguir com um trabalho que lhe havia sido encomendado «à medida» por alguém a quem queria agradar e entregou-se, em vez disso, à criação mais espontânea. A propósito de uma interpretação que lhe faço acerca destes aspetos da sua mente,

diz-me, brincando com as palavras: «Pois é, a mente também mente. Apercebo-me de que quanto mais me escondo mais me revelo.» Após um breve silêncio, descreve-me os trabalhos que está a desenvolver no seu ateliê: «É uma espécie de grelha; são várias camadas, com tintas e texturas diferentes que não se confundem, mas deixam-se ver umas atrás e através das outras; não são a mesma coisa, mas existem porque umas revelam as outras e formam um novo sentido no seu conjunto.» E depois acrescenta: «Só agora que me escutei a dizer-lhe isto é que me apercebi o quanto se assemelha a este nosso trabalho.»

Tal como numa peça artesanal, na lavoura, na gastronomia, na música, na escrita, a tarefa deixa a marca do sujeito sobre o material. Numa relação a dois que cria um terceiro, espécie de escudo refletor, o resultado denuncia tanto a história quanto a geografia, trazendo luz a áreas obscuras, ampliando o quadro. A arte do analista está no modo como apreende, acolhe e facilita o processo transformador, deixando-se transformar por ele em posição de tolerância ao desconhecido e de abertura à liberdade. 🐾

BIBLIOGRAFIA

- Badden, M. J. (1993). «The Analysts use of Humor». *Psychoanalytic Quarterly*, LXII, 62: 23–51.
- Bolognini, S. (2006). «Todas as vezes que...: a repetição entre o passado, o presente, o futuro temido e o futuro potencial na experiência analítica». *Revista de Psicanálise da SPPA*, 13(2): 307–324.
- Bion, W. (1977). *A memoir of the futur. Book 2: The Past Presented*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. (1991 [1970]). *Atenção e Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Britton, R. (2006). «La position d'incertitude». In André Green, *Les voies nouvelles de la thérapie psychanalytique*. Paris: PUF.
- Cassorla, R. M. S. (2013). «When the analyst becomes stupid. An attempt to understand enactment using Bion's theory of thinking». *Psychoanalytic Quarterly*, 82, p.323–360.
- Denis, P (1996). «D'images en instances: un aspect de la morphologie du changement». *Revue Française de Psychanalyse*, vol. 60: 1171–1186.
- Freud, S. (2006 [1912]). «Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise». In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1990 [1901]). *Psicopatologia da Vida Quotidiana*. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- Grotstein, J. (1999). *O buraco negro*. Lisboa: Climepsi.
- Hinshelwood, R. D. (2010). «Psychoanalytic research: Is clinical material any use?». *Psychoanalytic Psychotherapy*, 24(4): 362–379.
- Ogden, T. (2004). «The analytic third: Working with intersubjective clinical facts». *International Journal of Psychoanalysis*, 75: 3–20.
- Pragier, G. (2007). *Repenser la Psychanalyse avec les Sciences*. Paris: PUF, Le Fil Rouge.
- Rosado, F. F., Neves, T. S., & Marques, M. E. (2015). «Inquietante scientia: Pensar o campo epistemológico da psicanálise». *Revista de Psicanálise da SPPA*, 22(1): 21–50.
- Sapisochin, G. (2013). «Playing: some remarks on the enacted dimension of the analytic process». In G. Saragnano, C. Seulin, (eds.), *Playing and Reality Revisited. Psychoanalytic Classics Revisited*. Londres: Karnac Books.

Espaço Psíquico do Encontro Analítico: O Sonho como Modelo^{1,2}

Maria Fernanda Alexandre³

1

Artigo recebido em 23 Agosto de 2019 e aceite para publicação em 14 de Setembro de 2019.

2

Este artigo tem como base a comunicação apresentada no XXIX Colóquio da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, «ESPAÇO (IN)FINITO: Psicanálise e Interseção de Lugares», Lisboa, 15 de Março, 2019.

3

Psicóloga clínica e da saúde, psicoterapeuta e psicanalista. Membro titular, com funções didácticas, da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Directora da Revista Portuguesa de Psicanálise. E-mail: mfaalexandre@mail.telepac.pt

RESUMO

Perante a pluralidade de espaços psíquicos que emergem ao longo do processo terapêutico, cabe ao analista, através da sua contratransferência, contactar com o verdadeiro conflito, assim como com o lugar psíquico escolhido para se desenrolar o drama interno. O autor privilegia o lugar do sonho e utiliza-o como modelo para caracterizar a qualidade do espaço psíquico que surge do encontro analítico. Deste espaço, aparecem pontos de convergência ou de divergência entre o mundo interno do paciente e do analista. Assim, desta ligação, surgem diferentes qualidades de afectos, defesas e angústias que se configuram num «ponto de urgência» (Baranger, M., 1993) sobre o qual é possível construir uma interpretação a dois. Mostra-se como na clínica este modelo da construção do espaço analítico pode levantar, sobretudo com casos difíceis, questões teóricas e clínicas. Também se mostra como a capacidade de *rêverie* do analista pode permitir que se faça a ligação dos elos perdidos de forma que se restabeleça a qualidade do espaço analítico que pode ser sonhado a dois.

PALAVRAS-CHAVE

Sonho
Espaço
Encontro analítico

«Nós somos do mesmo tecido de que são feitos
os nossos sonhos.»

Shakespeare, in «A Tempestade»

Perante a pluralidade de espaços psíquicos que emergem ao longo do processo psicanalítico, compete ao analista, através da sua contratransferência, contactar com o verdadeiro conflito, assim como com o lugar psíquico eleito para representar o drama interno. A experiência do processo analítico mostra-nos que o paciente pode eleger distintos espaços psíquicos, «que se desdobram segundo modalidades diferentes» (Pontalis, J. B., 1999), de forma que contacte e compreenda a sua dor interna ou o seu sofrimento psíquico. Nesta «pluralidade de espaços psíquicos», como sublinha Green (2002), é importante que o analista capte o verdadeiro conflito psíquico, bem como o lugar eleito para o representar. O conflito, desta forma, escolhe distintos cenários ou espaços

psíquicos para se poder revelar. Assim, pode eleger o corpo como um espaço privilegiado para mostrar e projectar a sua dor psíquica, que ainda não pode ser representada ou pensada. Pode, também, tal como Narciso, moldar o objecto de acordo com a qualidade do seu próprio pensamento e desejo, abalando, desta forma, a sua própria individualidade e identidade. Igualmente, pode esconder-se num «refúgio psíquico» para que não seja encontrado e não se permitir relacionar com os verdadeiros objectos internos que são sentidos como ameaçadores e decepcionantes. Constrói, igualmente, espaços internos que representam e abrigam as suas identificações projectivas assim como as suas passagens ao acto, vividas nas relações objectais.

Nestas circunstâncias, cada fragmento de material clínico inclui toda a realidade psíquica do momento e, naturalmente, encerra uma diversidade de representações de espaços internos que surgem

do encontro analítico que se constrói a partir de dois inconscientes. Desta forma, da ligação de duas mentes — paciente e psicanalista —, surge um campo específico, com características próprias e únicas que representam e ligam a dupla analítica numa «configuração fantasmática, como expressão psíquica das pulsões, a partir do qual se inspira a narrativa do paciente e surge a interpretação do analista» (Alexandre, M. F., 2014). Este encontro de dois inconscientes, com características específicas e únicas, constitui um espaço de relação ou um campo, como refere Baranger (1993), que se caracteriza por um elo fulcral onde recai o trabalho de investigação clínica. Assim, desta ligação, surgem pontos de convergência ou de divergência entre os objectos internos do paciente e do psicanalista, nascendo dessa ligação diferentes qualidades de afectos, de defesas e de angústias que se configuram num «ponto de urgência» (Baranger, 1993), sobre o qual é possível construir uma interpretação a dois.

Pretendemos, na sequência da diversidade de espaços psíquicos que surgem no processo psicanalítico, restringir o nosso campo de investigação clínica ao modelo do sonho que representa «um pensar emocional [...] na medida em que mentaliza impressões sensoriais em elementos alfa e, ao acolher estes últimos, transforma-os em sonhos narrativos e fantasias» (Grotstein, J., 2011). Assim, da dinâmica entre as mentes do paciente e do analista, surgem «ficções imaginativas que preservam a verdade emocional» (Grotstein, J., 2011) e permitem o desabrochar do sonho partilhado a dois.

O SONHO COMO MODELO DO ESPAÇO PSÍQUICO DO ENCONTRO ANALÍTICO

Desta forma, a sessão analítica poderá ser vivida e escutada como se de um sonho se tratasse, constituindo um espaço interno, como Grotstein (2011) sublinha, a partir do qual o drama pode ser revelado, através da matriz da associação livre. Assim, surgem diferentes personagens internas que podem representar as qualidades do vínculo da relação da dupla analítica. A configuração do sonho, como produção do inconsciente, aparece-nos, como destaca Resnik (1987), não como recitação em imagens, mas como uma organização do pensamento, uma espécie de comunicação que exprime vários desejos ou inquietações.

Freud (1972 [1911]), a propósito desta questão, sublinhou que «o trabalho psíquico na formação do sonho divide-se em duas operações, a produção dos pensamentos do sonho e a sua transformação em conteúdo manifesto do sonho». O conteúdo latente do sonho é constituído por diferentes espaços que se configuram através de restos diurnos, de recordações de infância, de impressões corporais, de situações de transferências e muitos outros. Mas cada um destes espaços é dirigido por diferentes

qualidades de temporalidade que se condensam no aqui e agora da relação analítica. Desta forma, através do processo primário, constrói-se e transforma-se os espaços internos em imagens, antes que tenham acesso à consciência. Assim, como Freud (1972 [1911]) frisou, o processo do sonho é regido — como se de uma orquestra se tratasse — por diferentes qualidades de espaços que surgem e se organizam a partir de determinados princípios e regras, tal como as condensações, os deslocamentos e as representações.

Desta forma, o espaço analítico pode ser investigado, como anteriormente sublinhámos, através do modelo do sonho. Assim, descobrimos que, por detrás de uma simples frase ou de uma irrelevante história, podemos ser convocados e confrontados com uma condensação de diferentes elementos manifestos, determinados por vários significados latentes, alguns inaceitáveis, dolorosos, e outros, prazerosos, que surgem de tempos arcaicos e de espaços diferentes que coexistem entre eles, mas que se manifestam no aqui e agora do espaço de relação terapêutica. A escuta analítica, perante o processo de condensação do sonho, percorre extensos caminhos, por vezes de pensamentos contraditórios que não se eliminam, mas que persistem lado a lado, criando uma diversidade de espaços e de tempos.

Ao longo da cadeia associativa, como Freud (1972 [1911]) sublinhou, confrontamo-nos com determinados afectos que estão desligados das suas representações, exigindo assim um árduo trabalho de investigação clínica, de forma que se refaçam os seus elos. O espaço do sonho caracteriza-se por um pensamento que se exprime por imagens, sobretudo visuais, permitindo, assim, figurar diferentes afectos. Esta transformação dos pensamentos em imagens visuais facilita e abre caminho — ao longo do processo terapêutico — para uma maior elaboração psíquica da qualidade da relação da dupla analítica.

Contudo, para viver e observar essas experiências internas, não basta seguir a regra da associação livre. É indispensável, como Betty Joseph (1992) salientava, ser capaz de contactar, para lá das palavras, com o significado dos afectos que se escondem por detrás dos ruídos internos, dos gestos fozes, dos recantos onde se abriga o narcisismo, da escuridão, do vazio, das impossibilidades simbólicas de falar da dor sem nome que circula na relação, das retiradas narcísicas, das projecções e identificações projetivas, etc. Constroem-se, desta forma, espaços de diferentes qualidades psíquicas que são vividos como «uma experiência emocional» (Bion, W. R., 1965) que é partilhada entre paciente e analista. Assim, como salientava Grotstein (2011), sonhar «prepara o caminho para pensar e sentir e reforça a barreira de contacto, de forma a preservar a

consciência durante o dia e o sono durante a noite, produzindo elementos alfa para as imagens oníricas — pictogramas, narremas — para que possa ocorrer o pensamento de vigília e o pensar durante o sonho». Desta forma, podemos utilizar o modelo do sonho para melhor viver e compreender a dinâmica da relação da dupla analítica.

O ESPAÇO QUE NÃO PODE SER SONHADO A DOIS

Contudo, a experiência clínica mostra-nos que este espaço da relação terapêutica, por vezes, não pode ser sonhado a dois, porque é invadido por pesadelos assustadores que não podem ser representados ou pensados. Assim, com certos pacientes difíceis, surgem dificuldades em representar e integrar certos aspectos internos de si próprios, como, por exemplo, quando se trata de fantasias de violência, de destrutividade, de vazios internos, de ameaças demolidoras de morte. Estes estados mentais, de profunda dor, que não podem ser representados — como acontece frequentemente com pacientes psicóticos ou *borderlines* —, são projectados no espaço da relação terapêutica. Como sublinha Pichon-Rivière (1987), os pacientes psicóticos desembaraçam-se dos seus objectos loucos através de identificações projectivas, colocando-os dentro do espaço interno do analista ou num outro espaço. Desta forma, o paciente tenta controlar o objecto, que acolhe estes pensamentos assustadores, de maneira que evite uma reintrojecção. Nestas circunstâncias, podem surgir diferentes questões que se ligam a distintos pensamentos teóricos: será que, como Bion (1957) salientava, os psicóticos não podem diferenciar o sonho da realidade ou, pelo contrário, como Resnik (1987) sublinhou, eles não poderão sair do espaço do sonho?

A literatura analítica mostra-nos que os aspectos psicóticos da mente, por vezes, escondem-se por detrás de silêncios que paralisam o espaço da relação, dificultando as associações livres e o pensar da dupla analítica. Nestas circunstâncias, a qualidade específica dos sonhos nos estados psicóticos, como sublinham Capozzi e Masi (2001), aponta para uma linguagem de expressão concreta e uma acentuada impossibilidade de perceber e de contactar com o pensamento metafórico. Acrescentam os autores que a recepção, por parte do analista, de um «sonho psicótico» revela-se como uma fonte importante e essencial de informações acerca da forma da construção do sistema delirante, facilitando o trabalho analítico sobre o núcleo psicótico. A nossa experiência também nos mostra que, nestes casos, o espaço analítico pode ser povoado de identificações projectivas de forma que se negue a diferenciação da dupla analítica, levantando assim várias questões de ordem teórica e técnica.

Em certos pacientes com funcionamento fóbico, também os sonhos e fantasias não podem ser partilhados no espaço do aqui e agora da

relação com o analista. Desta forma, como tivemos oportunidade de descrever num outro trabalho, o espaço do sonho acontece fora da relação analítica e é descrito como se o sonhador não fosse a pessoa que, naquele momento, está ali. Estes pacientes «difícilmente vivem o aqui e o agora da relação e sistematicamente [...] retiram-se para um espaço distante onde podem evitar as fantasias de aproximação porque geralmente, tal situação, evoca intensas angústias claustrofóbicas» (Alexandre, M. F., 2016). Assim, sob o ponto de vista contratransferencial, sentimos que o espaço do sonho se mantém à distância, mas que a aproximação pode ser vivida como uma intrusão ou um ataque. Cria-se, então, um espaço onde a aproximação é rejeitada e a distância idealizada. Parece que, nestas circunstâncias, o espaço da relação pode ser vivido não como um sonho, mas como um pesadelo que merece um longo trabalho de investigação clínica por parte da dupla analítica.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sonho, como um modelo da construção do espaço analítico, levanta, naturalmente, diferentes questões teóricas e clínicas, sobretudo quando se trata de casos difíceis como aqueles que acabámos de descrever. Nestas circunstâncias, o analista, como destaca Rosenfelt (1971), pode sentir-se incapaz de sonhar ou contactar com a criança que se encontra ao lado do eu adulto. Contudo, acrescenta ainda, se o conseguir, pode permitir-lhe desenvolver um *transfer* infantil, que não é somente regressivo, mas que dá acesso ao pensar-jogar. Próximo deste mesmo pensamento, Resnik (1987) salientou que cada um dos membros do par analítico deve, metaforicamente, levar os seus próprios jogos: o paciente, as suas associações, e o analista, as suas ideias e intuições, construindo desta forma um trabalho de recreação e de desenvolvimento de maneira que se crie e fortaleça um campo natural de relação.

Ao privilegiar o espaço do sonho como paradigma da compreensão da relação analítica, somos confrontados com diferentes qualidades de afectos, de defesas e de angústias que exigem uma capacidade de compreensão e de escuta empática de forma que se facilite a construção de um elo que possa integrar as diversidades internas que surgem da dinâmica da dupla analítica. 🐾

ABSTRACT

In light of the many psychic spaces that arise throughout a therapeutic process, it is up to the psychoanalyst – through countertransference – to address the real conflict as well as the chosen psychic place for the internal drama to unravel. The author favours the dream space and uses it as a model to characterise the quality of the psychic space that arises from the analytical encounter. This space gives rise to points of divergence and points of convergence between the patient and the psychoanalyst's internal worlds. Thus, different types of affection, defence, and anguish come from this connection manifesting themselves in a 'point of urgency' (Baranger, 1993) over which a shared interpretation is possible.

It shows how this model for building the analytical space may bring up theoretical and clinical matters at the practice, particularly in difficult cases. It also shows how the psychoanalyst's capacity of reverie may allow for a connection of the missing links in order to reinstate the type of analytical space that can be dreamt by two people.

KEYWORDS: dream, space, analytical encounter.

BIBLIOGRAFIA

- Alexandre, M. F. (2016). «Funcionamento fóbico na relação do campo analítico». *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 37(1).
- Alexandre, M. F. (2014). *A Experiência Psíquica – Ensaios sobre a construção do processo psicanalítico*. Lisboa: Fenda.
- Baranger, M. (1993). «The mind of the analyst: From listening to the Interpretation». *International Journal of Psychoanalysis*, 74: 155.
- Bion, W. R. (1965). *Transformations*. Londres: Karnac Books.
- Bion, W. R. (1957). «Attacks on linking». *International Journal of Psychoanalysis*, 40(5–6): 308–315.
- Capozzi, P., Masi, F. (2001). «The Meaning of Dreams in the Psychoanalytic State-Theoretical Considerations and Clinical Applications». *International Journal of Psychoanalysis*, 82: 933.
- Freud, S. (1972 [1911]). «A interpretação de sonhos na Psicanálise». In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1–130.
- Green, A. (2002). *Idées Directrices pour une Psychanalyse Contemporaine – Méconnaissance et reconnaissance de l'inconscient*. Paris: PUF.
- Grotstein, James (2011). «Sonhar como “cortina de ilusão”: Revisitando a “Estrada Real” com Bion como Guia». Livro anual de Psicanálise, XXV, 167–184.
- Joseph, B. (1992). «Psychic change: some perspectives». *International Journal of Psychoanalysis*, 73: 237–243.
- Pichon- Rivière, E. (1987). *El proceso creador*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Pontalis, J. B. (1999). *Entre o Sonho e a Dor*. Lisboa: Fenda.
- Resnik, S. (1987). *The Theater of the Dream*. Londres: Tavistock.
- Rosenfelt, H. (1971). «A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects of narcissism». *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 52: 169–178.

Espaço do Sonho e de Outros Lugares em Psicanálise: Deriva a Partir da Poética Pessoaana^{1,2}

Manuela Fleming³

1

Artigo recebido em 27 de Abril de 2019 e aceite para publicação em 14 de Setembro de 2019.

2

Este artigo tem como base a comunicação apresentada no XXIX Colóquio da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, «ESPAÇO (IN)FINITO: Psicanálise e Interseção de Lugares», Lisboa, 15 de Março, 2019.

3

Membro titular, com funções didáticas, da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Internacional de Psicanalistas (IPA). Professora catedrática de Psicologia, no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto. E-mail: manuelaflaming@gmail.com

RESUMO

A autora, inspirando-se na obra de Fernando Pessoa, procede a um exercício de intersecção de espaços: como opera a psicanálise enquanto instrumento de transformação/interpretação do indizível emocional. Tenta-se uma analogia, ou melhor, uma ousadia, entre a capacidade psicanalítica de operar mudança e a capacidade transformadora da poesia.

PALAVRAS-CHAVE

Sonho
Vazio
Fernando Pessoa

Proponho-me com esta reflexão em torno do tema «Espaço de sonho e o vazio» proceder a uma deriva a partir da poética de Fernando Pessoa porque me parece possível tecer pontes entre os espaços da Psicanálise e os da Literatura.

Ocorre-me o poema «Tabacaria», de Fernando Pessoa, do qual cito aqui o início:

«Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto
[...]

Vejo o poeta sozinho no seu quarto, sentindo-se porventura mergulhado no vazio emocional, mas assim que abre a janela, pode partir... e a deriva leva-o ao espaço da criação de imagens, de metáforas, de sentidos, ao espaço do sonho.

Como transformar o sentimento de vazio é também um dos desafios que se colocam ao psicanalista, quando, à cabeceira do seu analisando, tenta abrir as janelas do imaginário, às vezes do inconsciente, e criar novas realidades.

Fernando Pessoa, embora visse na Psicanálise freudiana um método utilíssimo pela descoberta

do Inconsciente, também criticou a Psicanálise por se tratar, e passo a citar, de um método «imperfeito porque não dispõe da chave definitiva da compreensão universal da alma humana» (*apud* Simões, J. G., 1970).

Assim é: a Psicanálise não dispõe desse método perfeito (quanto a mim, uma ideia utópica) e ainda bem! Mas os psicanalistas vão beber a todas as fontes que permitam alargar a compreensão do funcionamento mental — vão beber à Arte e sobretudo aos poetas e aos escritores, porque precederam Freud no desvelamento do inconsciente.

Edvard Munch, não sendo um grande poeta, mas, sim, um extraordinário pintor, um ano antes de pintar o célebre quadro *O Grito*, escreveu no seu diário estas palavras:

«Passeava por um caminho com dois amigos — o sol pôs-se — de repente o céu tingiu-se de vermelho sangue [...] meus amigos continuaram e eu fiquei quieto, tremendo de ansiedade, senti um grito infinito que atravessava a natureza (*apud* Restán, J., 2015).

Que sabemos de Edvard Munch? Muito cedo na vida (antes dos seus 5 anos), sofreu devido à morte da mãe e também da irmã. Talvez uma angústia arcaica, uma dor mental insuportável, o acompanhasse e o tivesse levado a escrever sobre si

mesmo: «A enfermidade, a loucura e a morte foram os anjos que rodearam o meu berço e me seguiram durante toda a minha vida» (*apud* Restán, J., 2015).

Como psicanalistas, sabemos que nada há de mais determinante e significativo para a mente humana do que o arcaico, porque ficou gravado numa época em que a criança não dispunha ainda da capacidade de elaborar e de atribuir sentido. Não havendo inscrição, poderá resultar o vazio, o oco, uma ameaça permanente de desestruturação da vida psíquica, ou, no dizer de Munch, sentimentos que «me seguiram durante toda a minha vida».

Terá a Arte a capacidade de dar expressão, de dar forma ao inominável poder da insuportável dor humana?

Terá o psicanalista no seu labor interpretativo alguma arte, algum engenho, que permita transformar e dar nome ao grito? Talvez seja uma grande ousadia da minha parte, mas vou arriscar: ousou dizer que no processo criativo de Fernando Pessoa se revela a mesma dialéctica do método psicanalítico.

Para ilustrar esta ideia, vejamos a forma como Fernando Pessoa lidou com a sua fobia das trovoadas, ao compor o poema «Abdicação» — o que me permite fazer uma leitura dessa mesma passagem à minha maneira.

Invadido por uma grande perturbação emocional, por um medo atroz de uma trovoadas nos céus de Lisboa, Fernando Pessoa corre para casa onde se refugia e escreve...

«Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços
E chama-me teu filho»

E mais adiante, nesse mesmo poema, escreve:

«Despi a realeza, corpo e alma,
E regresssei à noite antiga e calma»

Poderíamos dizer que Pessoa transforma a emoção dolorosa sentida numa criação poética. Escreve o poema «Abdicação», onde simbolicamente podemos ver na casa e na «noite antiga e calma» a figura de uma Mãe calma, acolhedora e apaziguadora da tempestade emocional.

«É na invasão do Real no Simbólico que se engendra o acto poético e acontece o gozo falante», refere o psicanalista Jorge Santos (2012).

É também na invasão do Real no Simbólico que se engendra o sintoma psicopatológico, e é pela procura do seu simbolismo que o psicanalista procede, interpretando, no sentido de apaziguar a tempestade emocional contida e expressa através do sintoma.

Fernando Pessoa também considerou a Psicanálise como um método utilíssimo porque identificou nesse método o mecanismo da TRANSLAÇÃO de certos elementos psíquicos

mediante processos de DESLOCAMENTO, METONÍMIA e CONDENSAÇÃO.

Ou seja, na minha forma de ver, estamos a falar dos tropos e dos topos maiores da gramática interpretativa do Inconsciente.

A alma, conceito tão caro a Fernando Pessoa e onnipresente na Literatura, será, ousou dizer, um duplo constitutivo do Humano, mesmo se sob a forma de heterónimos (como em Pessoa), ou «um energético desmentido da morte», como diz o psicanalista Otto Rank?

Pelos interstícios, esgueiram-se os DUPLOS, esboços arcaicos do EU primitivo nunca integrados no EU «definitivo», mas largados no cenário da escrita-vida.

Os DUPLOS, fantasmas ou avantesmas, entram na arena da existência e corporizam-se em figuras permanentes providas de nome e de biografia pessoal (Alexander, Álvaro, Alberto, Ricardo), na poética do criador.

Em nós, seres banais (falo por mim), os nossos duplos, bem mais comezinhos, aparecem no EU IDEAL, mascarados de super-homem ou de super-mulher, reizinhos, ou outras fantasias grandiosas.

Para finalizar, revisito Fernando Pessoa, e mais especificamente o seu poema «Passagem das Horas». Aí escreve:

«Multipliquei-me para me sentir
Para me sentir, precisei sentir tudo
Transbordei, não fiz senão extravasar-me»

Ao transbordar e ao querer sentir tudo, Pessoa cresce em consciência de si mesmo e em capacidade de metaforizar e de pôr em palavras o que sente; cresce em querer saber e simbolizar, e, por essa via, previne o adoecer mental.

Fernando Pessoa não quer ser psicanalisado, mas tem, na minha leitura da sua obra, uma alma psicanalítica, uma vez que toda a sua obra se constitui como uma profunda investigação acerca da dimensão sensorial e emocional da mente humana.

Pessoa não quer ser psicanalisado por outros, mas deseja conhecer-se a si próprio, e nesse desígnio é capaz de conter e identificar as suas emoções, é capaz de as simbolizar, servindo-se, na minha perspectiva, de continentes ou contentores auxiliares: os seus heterónimos.

Ao transformá-las em obra poética, Fernando Pessoa atribui sentido às sensações e emoções que desassossegam o seu mundo interno e por aí se tranquiliza e sonha. 

ABSTRACT

The author, drawing on the work of Fernando Pessoa, proceeds to an intersection exercise of spaces: how psychoanalysis operates as an instrument of transformation / interpretation of the emotional unspeakable. An analogy, or rather a boldness, is attempted between the psycho-analytic capacity to operate change and the transformative capacity of poetry.

KEYWORDS: dream, void, Fernando Pessoa.

BIBLIOGRAFIA

- Fleming, M. (2017). «Este intervalo que há entre mim e mim: Leitura psicanalítica da obra de Fernando Pessoa». *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 36(2): 39–42.
- Fleming, M. (2016). «Fernando Pessoa em Análise. Leitura Psicanalítica da obra pessoana». *Alter*, vol. 34 (1 e 2): 31–37.
- Fleming, M. (2003). *Dor Sem Nome: Pensar o Sofrimento*. Porto: Afrontamento.
- Freud, S. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Simões, J. G. (1970). *Vida e Obra de Fernando Pessoa, História de uma Geração*. Lisboa: Bertrand.
- Pessoa, F. (1986). *Obra Poética e em Prosa, I, II e III*. Porto: Lello & Irmão.
- Restán, J. (2015). «“El grito” de Munch, nuestro grito». *Páginas Digitales*.
- Santos, J. (2012). «Fernando pessoa, Ser Plural». Conferência proferida no Colóquio «Pessoa em Análise», da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, Porto, 16–17 Novembro 2012.

Acolher o estrangeiro, sonhar o que ainda não aconteceu^{1,2}

Maria Teresa Sá³

1
Artigo recebido em 16 de
Julho de 2019 e aceite para
publicação em 14 de Setembro
de 2019.

2
Este artigo tem como base a
comunicação apresentada no
XXIX Colóquio da Sociedade
Portuguesa de Psicanálise,
«ESPAÇO (IN)FINITO:
Psicanálise e Interseção de
Lugares», Lisboa, 15 de Março,
2019.

3
Psicóloga clínica e psicanalista.
Membro associado da
Sociedade Portuguesa de
Psicanálise (SPP) e da
Associação Internacional de
Psicanálise (IPA). Formadora
do Instituto de Psicanálise, em
Lisboa, e professora-adjunta
especialista na Escola Superior
de Educação de Santarém.
E-mail: teresacasnov@clix.pt

RESUMO
A autora reflete acerca do encontro psicanalítico como espaço intersubjectivo e transicional em que a escuta, a confiança, a abertura ao desconhecido e a hospitalidade ao estrangeiro constituem as bases de uma palavra livre e das construções em análise, fonte do seu poder transformador e de uma possível regeneração de lugares mentais bloqueados ou em falta, outrora não ouvidos, não olhados e não reconhecidos. Como espaço humanamente habitado, a clínica pode então abraçar a sua origem, clinâmen, desvio transformador e criativo, e sonhar o que ainda não aconteceu.

PALAVRAS-CHAVE
Encontro psicanalítico
Escuta
Hospitalidade
Estrangeiro
Espaço transicional

«[...] Quem? O infinito?/diz-lhe que entre/faz bem ao infinito/estar entre a gente.»
Alexandre O’Neil

O valor essencial de um encontro psicanalítico é dar condições a quem chega para recuperar o sentido das suas experiências mais íntimas, para que não se perca de si no mundo e não se perca do mundo dentro de si.

Quando é habitado por um genuíno interesse pelo que o outro traz, gesto ético da hospitalidade, e se afasta da língua total enunciadora da verdade, este singular encontro torna possível a confiança para uma livre associação, permite expandir a zona de fronteira em que analista e analisando se encontram e explorar esse pensar incerto, alheio ao que é conhecido de ambos. O que for vivido e construído, quando valioso, repousará então de novo no inconsciente dinâmico e dinamizará a vida.

A Psicanálise é uma terapia pela escuta. Sem escuta que flutue com interesse, não há palavra livre. Possivelmente sensível a esta escuta, a parte submersa do icebergue pode vir respirar à superfície, também através do silêncio onde as palavras se suspendem: «Agora vou calar-me e deixar que o silêncio separe o que é verdade do que são mentiras», escrevia o poeta persa Rumi, citado por Kagge (2017, p. 121). Mas é muito difícil ouvir o silêncio, deixar entrar o estrangeiro.

Estamos inclinados ao desconhecimento de nós. Possivelmente para evitar a dor de olhar o sol de frente, a ferida.

Quando Rimbaud (2005 [1871]) exclamou «Je est un Autre» (p. 370), abriu uma concepção original da criação artística: a de que o poeta não controla o que expressa ou de si expressa. «J’assiste à l’éclosion de ma pensée: je la regarde, je l’écoute» (p. 374) é a fórmula paradoxal que incita a pensar o indivíduo na sua relação com o espaço psíquico que lhe é desconhecido, o estrangeiro, esse outro em nós.

A especificidade de um encontro psicanalítico é o interesse que dedica a este Eu incompleto, dividido, surpreendente e desconhecido, em constante recriação, à sua natureza plural, conflitual e contraditória, e ao processo complexo e dinâmico pelo qual o amadurecimento e a integração se tornam possíveis.

Delicada arte de ir ao encontro do Outro onde ele permanece e se move, esta escuta, como acto poético, visa «inspecter l’invisible et entendre l’inouï é tant autre chose que reprendre l’esprit des choses mortes» (Rimbaud, A., 2005 [1871], p. 380). No espaço transicional que a relação terapêutica instaura, aqui e agora, onde se cruzam passado, presente e futuro, podem então abrir-se lugares no interior dos quais um sonho pode ser sonhado.

O psicanalista de que falo, fala com o analisando e não do analisando. Sabe da complexidade e da polifonia da interioridade e, por isso, não decifra uma verdade latente. Em capacidade negativa, interessa-se pelo movimento em curso, pelas emoções não pensadas, mais pelo que não teve possibilidade de acontecer do que pelo que não devia ter acontecido. É a forma como acolhe, significa e utiliza a palavra e o silêncio e como os enlaça no espaço a dois que possibilita ainda outras ligações entre pensamentos e a curiosidade por aflorar o que os impede. A palavra, habitada por hipóteses de compreensibilidade, é relançada no movimento psíquico em curso e abre-se a infinitos novos significados.

Escreve Carlos Drummond de Andrade (2000):

«Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume com seu
poder de palavra e seu poder de silêncio.» (p. 13)

A escuta é a fonte do poder transformador do encontro psicanalítico e de uma possível regeneração ou amadurecimento de lugares mentais bloqueados ou em falta, outrora não ouvidos, não olhados e não reconhecidos. O psicanalista de que falo sabe que sem a escuta e uma presença que se inclina, que suporta o que está desabrigado, o analisando seria mais uma vez remetido ao abandono de partes de si. Escreve Donald Winnicott (2000 [1958]):

«As ideias são como a respiração; são também como crianças, e se eu não faço nada por elas, o analisando sente que estão abandonadas. O seu medo maior é pela criança desamparada, ou pela ideia ou observação abandonadas, ou pelo gesto de uma criança que fica sem resposta.» (p. 352)

O psicanalista de que falo também sabe que é a escuta que permite que a clínica produza teoria, ou seja, que surjam espaços para o ainda não pensado, o não escrito e o não descoberto. Como nos lembra Bion, «Toda experiência emocional de aquisição de conhecimento é, ao mesmo tempo, uma experiência emocional do ignorado não conhecido» (1992, p. 297).

A vida e o que dela fazemos é um complexo emaranhado onde se cruzam tempos e espaços, linhas que entrelaçam o mundo interno e o mundo externo. Epigénese e construções. Impossível escutar-analisar uma vida como se fosse composta por objectos em solitária meta-conversa no interior de um aparelho psíquico, pois é na relação que o ser humano amadurece, que a vida psíquica acontece, por vezes parece que morre e pode ainda renascer.

O objecto da investigação psicanalítica — cada sessão é um tempo de investigação — ocorre

no espaço criado pela intersecção dinâmica dos mundos subjectivos do analista e do analisando, na relação. As demandas do corpo que caiu no mundo desde sempre pediram que a relação humana lhes respondesse, as resolvesse. Foi o resultado desse trabalho de cuidado humano e de cultura que nos construiu. As construções em análise serão ainda resultado desse trabalho e desse cuidado para o que ainda não nasceu.

Cada sessão é o investimento comum de um espaço de jogo partilhado, para onde verte o conteúdo do que é dito e silenciado, o tom, o ritmo e a gestualidade que os acompanha, o que exige uma sensibilidade viva, atenta, presente. Espiral que, ao invés do círculo, não se encerra em si mesma; espaço conversado que não reproduz o isolamento que o trauma causou. Se assim não for, pensa o analista, que será a transferência do analisando senão a resposta ao meu lugar vazio? E que será a minha contratransferência senão um incompreensível e repetitivo delírio a uma só voz?

Neste encontro, as palavras trocadas são como a respiração: expiração e inspiração. São vitais. Angústia, excitações, segredos, desejo, medos arcaicos inconfessáveis e os seus corolários lógicos circulam e retornam transformados, num vaivém entre expectativas, projecções e continentes de hospitalidade, abrindo novos sentidos à vida interior e à vida fora da sala de análise, ao gesto espontâneo e ao viver criativo, *homo faber*. A confiança permite que a vida psíquica se torne suportável, primeira condição para que possa ser habitada, e, depois, para que se possam explorar zonas interditas, o inconsciente recalcado.

Na sua obra *Transformações – Passagem da aprendizagem ao crescimento*, Bion (2010 [1982]) compara o processo psicanalítico à actividade do pintor, aproximando a análise da criação de uma imagem que nunca lá esteve — *via di pore* — e afastando-se da técnica de elucidação e decifração inteligível dos segredos do corpo e da alma — *via di levare*. A actividade do pintor e do psicanalista seriam comparáveis, uma vez que ambas assentam em potencialidades criadoras e num espaço intermediário feito de elementos invariantes e de elementos sujeitos a uma transformação. Escreve Bion: «a experiência original é transformada pelo acto de pintar ou pela análise» (2010 [1982], p. 7). Este espaço restaura o poder polissémico da palavra e anima-a. É, por isso, expansivo.

O psicanalista de que falo sabe que traduzir é trair e, por isso, evita «extrair» significados e substituir a versão original por uma versão oficial de verdade psicanalítica, à qual a palavra do analisando serviria apenas de ilustração, triste «vinheta» clínica para apresentação numa sociedade do espectáculo.

Experiência de mutualidade e de alteridade, o psicanalista participa do amadurecimento do

texto, com narrações partilhadas e não saturadas, abrindo áreas emocionais anteriormente subtraídas ao pensamento. Como propôs Donald Winnicott: «brinca» (2005 [1971]). Apresenta ideias ou pensamentos como objectos para serem usados no espaço potencial da sessão e, se forem úteis ao analisando, conservados como objectos subjectivos que vão sofrer uma transformação. Pontes para o modificável, um novo começo, na feliz expressão de Michael Balint (1969). Senão, pensa o analista, para que serviria este trabalho?

O psicanalista de que falo é, portanto, uma presença viva, uma pessoa em relação, que convida à viagem e a mergulhar «Au fond de l'Inconnu pour trouver du nouveau!» como num poema de Baudelaire (1857).

Em cada novo encontro com o estrangeiro — o Outro e esse Outro em nós —, percorremos o caminho de regresso a uma possibilidade somática e inconsciente e trazemo-la de volta aqui: transferimos. Uma marca inscrita no âmago do nosso ser conta-nos como o meio envolvente nos humanizou, organizou a esperança e tornou possível um tempo de amadurecimento, de emancipação, de desejo e de sonho. O grau de resistência ao estrangeiro, ou, ao invés, a transformação deste encontro em expansão criativa, parece fundar-se nos momentos outrora vividos e guardados na nossa memória inconsciente. Relações de objecto interiorizadas são simbolicamente revividas e recriadas na nova relação. René Kaës assinala que:

«Acquise et éprouvée dans les liens, la confiance est un des fondements des liens à venir [...] Elle comporte nécessairement une anticipation sur la réponse et le comportement, mais si elle inclut une incertitude, elle demeure néanmoins prédictible, prévisible. L'espérance est sa compagne.» (p. 265)

E justamente a propósito do conceito de fiabilidade, Donald Winnicott (1987) escreve numa carta a Donald Meltzer:

«A fundação de uma estrutura psíquica estável e sã está certamente relacionada com a fiabilidade da mãe interna, mas esta fiabilidade é ela própria mantida pelo indivíduo. É verdade que as pessoas passam a sua vida a transportar um candeeiro sobre o qual se apoiam, mas algures no começo teve que haver um candeeiro sozinho, senão, não há introjecção da fiabilidade.» (p. 158)

A fiabilidade da mãe interna tem as suas raízes no início da vida, e a fiabilidade e a confiança são as condições para que exista um espaço potencial, um espaço de jogo e criação, um lugar onde colocar o que encontramos. Quando esta primeira trajectória de amadurecimento e humanização sofre

acidentes, então os novos encontros, fora e dentro de nós, levam-nos ao lugar onde falhou o encontro. Desiludidos, tenderemos a negar que o encontro nos seja necessário. Não o entendemos, não nos entendemos. Uma morte relacional anunciada fragiliza os movimentos de introjecção e elaboração e conduz à impossibilidade da sua utilização criativa. E também a uma dificuldade maior: a de uma compreensão autêntica e empática com o estrangeiro, dentro de nós e ao nosso lado, analisando ou analista. Quando assim é, nesse espaço interior estamos cegos, não vemos nada que mereça atenção renovada. Impossibilitados do olhar do viajante, o mundo das nossas percepções, também interiores, cansa-se, é letra-morta, enquanto não for animado por um olhar.

Dizia Freud que os poetas «costumam conhecer uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos permitiu sonhar» (1922 [1907], p. 114). E o poeta escreve: «pode ser que nada esteja prescrito, que nada se cumpra como um destino» (Rosa, A. R., 2004, s/p.). É esta confiança que o psicanalista de que falo leva para cada encontro, a de que

«[...] A anterioridade se situe diante de um olhar que a atravessa e a transforma na possibilidade do acto ser um puro começo. Quando cada palavra consome o seu início no extremo de si própria e deixa o campo intacto para a liberdade do sopro anónimo e dos nomes novos no seu espaço aberto.» (Rosa, A. R., 2004, s/p.)

O psicanalista sabe que só do contacto emocional verdadeiro surge o encontro (in) esperado. Como espaço humanamente habitado, a clínica abraça então a sua origem, *clínamen*, desvio transformador e criativo. Escreve Ramos Rosa:

«É talvez o aberto que cria o horizonte, é talvez a respiração que abre o mundo. Mas o alento não poderia romper sem a linha pura do horizonte e a lâmpada da respiração não se acenderia se o mundo não fosse já o extenso mundo do aberto. Por isso a escuta é a espera vazia aberta ao tempo e à possibilidade de uma palavra livre mais fiel à simplicidade nova de um começo.» (2004, s/p)

O psicanalista de que falo pensa: «é esta a esperança que o meu analisando traz para o encontro. Senão, porque razão haveria ele de comparecer?» E propõe-se então sonhar o que ainda não aconteceu. 🐾

ABSTRACT

The author reflects on the psychoanalytic encounter as an intersubjective and transitional space in which listening, trust, openness to the unknown and hospitality to the foreigner, constitute the bases of free association and of the constructions under analysis, source of its transformative power and of a possible regeneration of blocked or missing mental places, once unheard, unseen and unrecognized. As a humanly inhabited space, the clinic can then embrace its origin, clinamen – a transforming and creative deviation – and dream about what has not happened yet.

KEYWORDS: psychoanalytical encounter; listening; hospitality; foreigner; transitional space.

BIBLIOGRAFIA

- Andrade, C. D. (2000). *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record.
- Balint, M. (1969). *The basic fault: Therapeutic aspects of regression*. Evanston: North Western University Press.
- Baudelaire, C. (1857). *Voyage*. Disponível em: https://poesie.webnet.fr/lesgrandsclassiques/poemes/charles_baudelaire/le_voyage
- Bion, W. (2010 [1982]). *Transformations : Passage de l'apprentissage à la croissance*. Paris: PUF.
- Bion, W. (1992). *Cogitations*. Londres & Nova Iorque: Karnac Books.
- Freud, S. (1922 [1907]). *Delusion & dream: An interpretation in the light of psychoanalysis of gradiva, a novel by Wilhelm Jensen, which is here translated*. Nova Iorque: Moffat, Yard & Company.
- Kaës, R. (2012). *Le Malêtre*. Paris: Dunod.
- Kagge, E. (2017). *Quelques grammes de silence: Résistez aux bruits du monde!*. Paris: Flammarion.
- O'Neil, A. (2018). *Poesias completas & dispersos*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Rimbaud, A. (2005 [1871]). *Rimbaud: Complete works, selected letters*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press.
- Rosa, A. R., (2004). *Uma prenda para Eugénio, com algumas tulipas*. Alfragide: Edições ASA.
- Winnicott, D. (2000 [1958]). «Retraimento e regressão». In D. W. Winnicott, *Obras escolhidas: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 347–354
- Winnicott, D. (1971/2005 [1971]). *Playing and reality*. Londres: Routledge.
- Winnicott, D. (1987). *The spontaneous gesture: Selected letters of D. W. Winnicott*. Cambridge, Massachusetts e Londres: Harvard University Press.

Psicanálise e Física Moderna: o fim da ditadura da razão^{1,2}

Maria Luís Borges de Castro³

1
Artigo recebido em 30 Agosto de 2019 e aceite para publicação em 14 de Setembro de 2019.

2
A revisão do artigo da matéria relacionada com a Ciência Física foi confiada a Maria Helena Cabral, Professora Associada da FCT/UNL, cuja colaboração agradeço.

3
Psiquiatra, pedopsiquiatra e psicanalista. Membro convidado permanente da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), membro associado da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Internacional de Psicanálise (IPA). E-mail: marialuisdecastro@gmail.com

4
<https://citacoes.in/autores/antoine-lavoisier/>

5
<https://www.hipercultura.com/entendas-os-principais-conceitos-da-mecanica-quantica/>

RESUMO
Numa curta revisão teórica de alguns conceitos básicos da Psicanálise e da Física Moderna, a autora tenta pôr em evidência a semelhança da conceptualização de alguns modelos nestas áreas do conhecimento.

«Só pensamos através de palavras. As linguagens são verdadeiros métodos analíticos. A Álgebra, que se adapta ao seu propósito em qualquer espécie de expressão, da maneira mais simples, mais exata e melhor possível, é ao mesmo tempo uma linguagem e um método analítico. A arte de raciocinar não é mais do que uma linguagem bem organizada.»
Lavoisier numa Memória lida à Academia de Ciências de Paris, em abril de 1787, citando o Abade de Condillac.⁴

É para todos sobejamente conhecida a influência da termodinâmica e da mecânica clássica no pensamento de Freud. Atualmente, talvez seja oportuno debruçarmo-nos na influência, noutros psicanalistas, de alguns conceitos desenvolvidos recentemente no campo da ciência física/biológica. Estes dois campos do conhecimento estão espetacularmente representados nalgumas intuições premonitórias (visionárias) de Freud.

Assim, abordar-se-ão conceitos como metáfora, representação, modelo, caos, determinismo, mecânica quântica⁵, campo, tão presentes na nossa expressão elaborativa, tanto no pensamento psicanalítico como no pensamento científico, que os tentaremos associar ao conceito freudiano da segunda tópica, relacionando-os com o processo criativo.

No dizer de Vladimir Nabokov, no seu romance *Ada ou Ardor*:

PALAVRAS-CHAVE

Aleatório	Modelo
Atractor flutuante	Probabilidade
Determinismo	Processo psicanalítico
Mecânica quântica	Sistema dinâmico
Metáfora da mudança	Teoria do caos
Metáfora edipiana	Teoria dos campos

«A mente do homem, por natureza monista, não pode aceitar dois nada; sabe ter havido um nada, a sua inexistência biológica no passado infinito, pois a sua memória está absolutamente em branco e, sendo esse nada passado, não é muito difícil de suportar. Mas o segundo nada — que talvez também não seja muito difícil de suportar — é logicamente inaceitável [...] A nossa consciência de ser não é um ponto na eternidade, mas sim uma fenda, uma fissura, uma brecha ao longo de toda a extensão do tempo metafísico [...]» (p. 251)

Não existe nenhuma analogia entre tal conceito de eternidade e a nossa breve vida no tempo, porque por muito breve que seja a nossa consciência de ser, não é um ponto na eternidade, mas, sim, uma fenda (incidente), uma brecha ao longo de toda a extensão do tempo metafísico, bisseccionando-o e brilhando, ainda que, muito estreitamente, entre o tempo posterior e o tempo anterior haja uma descontinuidade. Portanto, podemos falar de tempo passado e, de modo mais vago, apesar de familiar, de tempo futuro, mas não podemos pura e simplesmente esperar um segundo nada, um segundo vazio!

Tentando seguir sempre uma ordem cronológica do pensamento e escolhendo aleatoriamente conceitos filosóficos/científicos/matemáticos, iniciaremos pelo determinismo linear.

Nota: este artigo está escrito conforme o recente Acordo Ortográfico.

DETERMINISMO LINEAR

Este conceito pode ser assim definido: é um conceito filosófico que diz serem todos os factos baseados em causas, ou seja, todo o acontecimento é regido pela determinação, seja de carácter natural ou sobrenatural, isto é, todos os factos e ações humanas são predeterminadas pela natureza, sendo a «liberdade de escolha» uma mera ilusão da vida.

Exemplo desta conceptualização utilizada em Psicanálise:

1.^a hipótese: temos um exemplo de compreensão determinística do funcionamento psíquico no conceito de recalçamento. O fantasma já faria parte do inconsciente e a sua tomada de consciência é independente de quem seja o analista.

O traumatismo agiria sobre o aparelho psíquico provocando por parte dele uma reação, consoante a sua capacidade responsiva.

2.^a hipótese: o analista é responsável pelo levantamento parcial, mas igualmente eficaz, do recalçamento — uma mínima flutuação por parte do analista abala a organização psíquica do analisando, que estava sob tensão. Provocar-se-ia, assim, aquilo que se chama de desordem desintegradora com reorganização criativa, dando um novo sentido.

Habitualmente, ao conjunto destas duas hipóteses, dá-se o nome de bifurcação. Foi o reconhecimento desta *bifurcação* que rapidamente criou uma incerteza quanto ao objeto científico da Psicanálise.

Paralelamente, a Física, com a sua ferramenta preciosa que é a Matemática, especificamente a Física Quântica e a Física do Caos, sai desta construção determinista construindo a noção de modelo global. Esta nova forma de abordar o conhecimento pela sua abrangência de múltiplas variáveis e pela curiosidade humana do muito pequeno e do infinitamente grande só vai ser possível através da perda do estaticismo e da aquisição da noção do aleatório. Matematicamente, traduz-se pela teoria do caos, assente na probabilidade, e pela noção de estado quântico, sendo este qualquer estado possível em que um sistema mecânico quântico se possa encontrar. Um estado quântico plenamente especificado pode ser descrito por um vetor de estado, por uma função de onda ou por um conjunto completo de números quânticos para um dado sistema. Vetores de estado quântico, na interpretação mais comum da mecânica quântica, não têm realidade física. O que tem significado físico são as probabilidades que podem ser calculadas a partir deles, e não os vetores em si. Ao estado quântico de menor energia possível dá-se o nome de estado quântico fundamental.

Um estado quântico fornece uma distribuição de probabilidade para o valor de cada variável observável, ou seja, para o resultado de cada

medida possível no sistema. O conhecimento do estado quântico juntamente com as regras para a evolução do sistema no tempo esgota tudo o que se pode prever acerca do comportamento do sistema.

Em Psicanálise, e em França, Cristian David (1984) apresenta o conceito: «un rien qui bouge et tout est changé». Com esta frase, o autor refere que será impossível distinguir onde — se no analista, se no analisando — se produzem as transformações.

Nesta linha, André Green (1995) introduz uma noção original, claramente por influência da física quântica: o *princípio de incerteza psicanalítica*. Saímos do paradigma analista/observador, que seria neutro e que não mudaria nada no processo analítico, para analista relacional, em que ele próprio não conheceria a sua limitação atuante.

É na primeira consulta que se pode observar que efetivamente o analista não é estático nem apenas observador — o que em Física é equivalente ao *fenómeno da sensibilidade às condições essenciais*. A Psicanálise, ousaremos dizer, pelo seu modelo de cariz metafórico, insere-se hoje no grupo das Ciências do Caos.

Vamos agora tentar pôr em evidência o facto de haver um avanço das ciências ditas objetivas em paralelo com a Psicanálise.

Tal como já foi dito, a Física Quântica e a Psicanálise alteram o paradigma passando do modelo de determinismo linear para o modelo das probabilidades. Veremos que o determinismo dos sistemas dinâmicos é paradoxalmente ligado à imprevisibilidade, sendo esta característica pertença da teoria do caos. Este facto foi posto em evidência por Daniel Widlocher (1970). Este autor ocupava-se do que hoje chamamos por vezes de «novas patologias», ou seja, de estruturas que habitualmente não eram objeto do método psicanalítico (*borderline*, perversão e psicossomática), que nos levaram a aplicar estes modelos científicos. Introduziu o conceito do «casal analítico» para fazer emergir o «novo», pondo em evidência o papel fundamental do pré-consciente comum. Assim sendo, torna-se produtiva a partilha do risco da angústia do desconhecido e do mau estar perante a perda de controlo dos pontos de referência teóricos.

Nesta mesma linha de pensamento, Michel de M'Uzan acrescenta que o analista deverá aceitar, durante a sessão, momentos de desorganização ou mesmo de destruturação, criando um espaço comum onde o trabalho analítico poderá prosseguir.

Paul Denis (1996), privilegiando o contexto metapsicológico (tópica, dinâmica e económica), considera que a mudança de estrutura deve ter essencialmente como finalidade desenvolver o registo do desenvolvimento das instâncias e das representações. Poder-se-ia então dizer que se provoca uma mudança de estado (segunda tópica)

— passagem de um sistema de organização para outro. Então, sob o ponto de vista metafórico, cria-se uma verdadeira mudança de estado e de comportamento do estado físico/emocional, já atrás descrito. Pode assim verificar-se que o paradigma de pensamento psicanalítico continua a transformar-se da mesma maneira que o das ciências físico-químicas.

Conforme o 2.º princípio da Termodinâmica, num sistema fechado a energia vai-se degradando e a entropia vai aumentando até ao seu valor máximo, criando-se uma situação de desordem, ou agitação desordenada.

Como consequência desta nova maneira de encarar a clínica, todos estes autores afirmam ser cada vez mais difícil a sua prática.

De onde vem, então, o novo que emerge na cura analítica?

Resulta desta premissa: a realidade sempre nova e o intrapsiquismo sempre novo resultam da teoria do caos, ou seja, da impossibilidade de prever, que tem que ver com o determinismo, mas com o desconhecimento das condições iniciais.

Segundo B. Grumberger (1982), «a análise pretende ajudar o sujeito a encontrar-se tal como virtualmente ele é, ou seja, como ele próprio pensa que deveria ser.»

Ainda nesta linha de pensamento, Georges e Sylvie Pragier (1996) propuseram uma terceira via de compreensão da relação psicanalítica, que eu chamaria pensar e agir na Metapsicologia. Esta via foi apelidada de *simulação*. Não será nem teórica (haverá necessidade de revisitar a metapsicologia), nem empírica (clínica). Consistirá em desenvolver as consequências dum sistema complexo de hipóteses, fazendo «como se...».

No desenvolvimento psicoafetivo infantil, não será o pensamento desde o início uma experiência de simulação? Como exemplos da construção do pensamento, teremos a necessidade dos jogos identificatórios desenvolvidos na construção da identidade ou, mais tarde, na adolescência, a criação de grupos oponentes, onde os jovens podem viver o perigo de ganhar e perder em grupo e assim se irem criando identidades coletivas.

Nestes casos, o «como se» é um bom exemplo de antecipação criadora do pensamento, da construção do «eu». A simulação é um caminho de investigação quando não há acesso à experimentação, e, por isso, pode ser aplicável tanto na Psicanálise como na Astrofísica.

Consideremos, agora, o conceito de *estrutura*, tanto sob o ponto de vista psicanalítico como sob o ponto de vista da Termodinâmica.

Conforme o 2.º princípio da Termodinâmica, se considerarmos um sistema aberto, ou seja, que possa ir recebendo energia exterior, a entropia poderá baixar de valor, podendo a agitação desordenada transformar-se em ORDEM, e

formar-se uma nova estrutura designada de *dissipativa* (desperdício).

O mesmo se passa na situação analítica: a introdução do analista, abrindo o sistema, dando outro nível de energia relacional, cria a ordem e baixa a entropia. Poder-se-á compreender facilmente a analogia entre a noção de entropia e a de ansiedade criada pelo sistema.

Seguindo os conceitos psicanalíticos, para combater este desperdício, o inconsciente recorre a mecanismos de defesa, que habitualmente são variados (consoante as estruturas), mas sempre recorrentes. São exemplos a clivagem, a denegação, o evitamento, o recalçamento e a sublimação, onde a energia inicial se vai perdendo e transformando numa nova estrutura chamada dissipativa.

E assim, sucessivamente, todo o sistema contém um potencial de transformação, mas a formação de uma nova estrutura depende de uma provocação aleatória. O acontecimento aleatório joga, portanto, um papel primordial na *relação binária repetida*. Aqui, a relação, que pode provocar a transformação, é o conteúdo aleatório analista/analizado. Abre-se caminho para a formação de uma nova estrutura que é a finalidade do processo analítico.

Experiências, impressões, traços mnésicos são posteriormente reorganizados em função de novas experiências, dando acesso ao desenvolvimento psíquico, como acentuou Freud (1937), e posteriormente Jacques Lacan, através do seu modelo estruturalista do inconsciente.

É possível perceber a formação desta nova estrutura, essencialmente «après coup». Dito de outra forma, e segundo René Diatkine (2001), no processo da cura analítica é impossível prever a expressão oral do conteúdo da sessão seguinte; a estrutura esteve lá desde o início e é na relação com o analista, e desde o primeiro momento, que a estrutura se rompe.

Segundo este autor, poderíamos fazer a analogia com a teoria do caos, que se refere à «sensibilidade às condições iniciais». Para esta abordagem, na compreensão de um sistema complexo aceita-se que o enorme número de possíveis perturbações das condições iniciais, mesmo aquelas consideradas mínimas, pode, a longo prazo, resultar em erros e, portanto, tornar incerta a predição futura. No modelo conhecido como «efeito borboleta»⁶, uma minúscula falha inicial nos cálculos, em razão de arredondamentos, provoca um erro que cresce exponencialmente à medida que o cálculo prossegue, até alcançar resultado sem relação com o anterior. Teríamos, assim, consequências consideráveis de acontecimentos menores.

No *setting* analítico, temos como exemplo as pequenas intervenções exclamativas, o franzir de sobrancelha e, por vezes, o silêncio.

Continuando a associar o conceito de estrutura

psicodinâmica à ciência física, consideremos agora Serge Viderman (1982). Este autor põe em foco a importância da situação edipiana como eixo principal do espaço psicanalítico, mas acrescentando o seu papel fundamental em termos de atrator, definido em física matemática. Assim, este seria algo de gravitacional e definido como o conjunto de comportamentos (no caso da Psicanálise sentimentos/afetos) característicos para o qual evoluiu um sistema dinâmico, independentemente do ponto de partida.

A diáda analista/analizando estaria como que ligada numa órbita transferencial sempre dependente do polo atrativo edipiano. O analista deve fixar-se nessa órbita para se analisar, analisando.

Na linha do enfoque edipiano, Michel Ody (1990) acrescenta que do encontro analítico resulta uma oscilação entre desordem e ordem edipianas, o que cria uma instabilidade estrutural.

O triângulo edipiano corresponderia ao triângulo de Helge von Koch, ou seja, um triângulo em que se multiplicariam os lados até ao infinito, de forma fractal, sempre igual e repetitiva. A rutura repetida do triângulo seria a figura da perversão. A repetição do triângulo intacto seria a neurose. Freud já teria afirmado que a perversão seria o negativo da neurose.

A metáfora edipiana foi a precursora da metáfora em psicanálise, e por semelhança com o conceito de atrator: este funcionaria como tal, o ponto inicial do caos.

A metáfora do atrator corresponderia à ideia de uma estrutura oferecida pelo analista para evitar «à priori» algo constrangedor. Consideremos o conceito de atrator: é o conjunto de comportamentos característicos para o qual evoluiu um sistema dinâmico independentemente do ponto de partida. Num sistema complexo, o atrator tem características especiais e denomina-se atrator estranho.

No atrator estranho, o sistema flutua para sempre entre vários estados de um modo que não é aleatório, nem fixo, nem oscilatório, mas, sim, uma flutuação contínua e caótica.

No atrator circular, o movimento é repetitivo, sendo o fim igual ao princípio.

A situação edipiana seria o início do caos e um atrator flutuante, estranho, mas nunca circular.

Assim sendo, na psicanálise, os mecanismos de defesa poderão ser diversos, mas sempre os mesmos, repetidamente. Em psicanálise, a descrição de atrator dá-nos um sentimento de estranheza inquietante (agressividade, pulsão de morte, situação edipiana).

Consideremos, agora, a trajetória em torno do atrator: esta pode ser deformada, original ou repetitiva. Habitualmente, as duas primeiras estão sempre presentes; a última seria, segundo

Freud (1937), a análise pessoal, que deixaria de ser uma tarefa com um fim para se tornar numa tarefa sem fim.

Daqui se infere que o processo psicanalítico tem como finalidade a modificação da estrutura psicodinâmica e que esta pode ser definida pelo tipo da relação de objeto e a escolha e aplicação dos mecanismos de defesa utilizados.

Pasche (1974) postula a obstinação do analisando, ou, dito de outra forma, aceita a compulsão de repetição, uma vez que o traço mnésico recalcado tende sempre a manifestar-se, como no caso do «souvenir écran», que corresponde ao recalçamento primário. O traço mnésico das sessões anteriores corresponde ao recalçamento secundário, formando-se, assim, representações mais ou menos conscientes.

É fácil concluir-se a semelhança com o modelo fractal em que o mais pequeno fragmento reproduz a forma global.

Consideremos agora a metáfora da mudança. O modelo físico que mais se aproxima da mudança de estrutura em psicanálise é o 2.º princípio da termodinâmica e o conceito de entropia. Esta define-se como a medida da desordem de um sistema. Considerando um modelo isolado, a energia perde-se na sua conversão em trabalho, levando ao aumento da entropia, e este aumento leva à desordem crescente e à estagnação.

Num sistema aberto, onde aparecem novas fontes de energia, em vez de aparecer a desordem crescente, aparece, sim, uma estrutura nova, dita dissipativa. Se o sistema continua a receber energia, a agitação desordenada pode transformar-se em ordem. No caso da biologia, leva à auto-organização do ser vivo.

Aplicando este modelo ao *setting* analítico, podemos considerar que o analista representa uma nova entrada de energia no modelo aberto, criando uma estrutura dissipativa semelhante à descrita, onde baixaria a entropia (excitação/perda de energia) e se criaria uma situação de maior estabilidade, e consequentemente mais organizada.

Este *setting* induz a uma relação de forças, todas elas do foro simbólico e que produzem uma economia do afeto. Em resumo, esta diáda analista/analizando constitui uma dupla ligada por uma relação de incerteza objetiva.

A consequência mais comum da metáfora da mudança é a metáfora de repetição. Consideremos que qualquer mudança implica muitas variáveis, umas mais estáveis do que outras, que serão muito mais plásticas. Durante o processo analítico, a repetição é constante, mas deverá ser determinada, e sempre aleatória. A repetição determinada, mas aleatória, dá origem ao conceito geométrico de fractal.

Ouso, então, dizer que a vivência psicanalítica será em tudo semelhante à árvore da vida dos

afetos, que se desenvolve em ramos dispostos como um fractal, ou seja, em simetria com diversas escalas de desenvolvimento.



EXEMPLOS DE FRACTAIS NA NATUREZA

Segundo André Green (1995), o processo psicanalítico implica desenvolvimento e desfecho, mas sempre através de uma conjuntura que, por sua vez, depende dos acontecimentos, da estrutura psicodinâmica do analisando, do objeto, e todos sempre regidos e em consonância com o afeto.

O esquema pode ser assim representado e põe em evidência o já descrito anteriormente:



De seguida, abordaremos a Psicopatologia Dinâmica, começando pela psicose.

Todo o futuro psicoafetivo, ou seja, o seu desenvolvimento, é resultado da ligação do psiquismo da criança ao dos pais, com a linha orientadora do afeto. No entanto, não é possível conhecer antecipadamente como se processa a forma de compromisso entre a organização e a desorganização na estruturação futura, que resultará em cada um deles (pais e crianças).

No *setting* analítico e como método de investigação, poderemos verificar, de forma mais objetiva e relacional entre psicanalista e analisando, que, como diria Piera Aulagnier (discípula de Lacan): «o processo psicanalítico de subjetivação existente na neurose, falha na psicose onde a ausência de origem do representável entrava o desenvolvimento do necessário romance de que se constrói o eu na infância a partir dos traços pré-verbais corporais».

No caso da psicose, o círculo anteriormente descrito está bloqueado. O sujeito falha na tentativa de pensar o tempo. Reproduz indefinidamente o mesmo, o que é também uma maneira de o negar, tendo como consequência a perda do sentimento de continuidade da vida.

O que se não deu na psicose foi a criação dos três fantasmas originários, que levam à construção da triangulação. A ligação entre os três parceiros da situação edipiana aparece, essencialmente, sob a forma destes três fantasmas primitivos. Esta lógica ficará completa e permitirá a capacidade de pensar em processo secundário.

Para melhor compreensão, consideremos a construção da triangulação. Os três fantasmas originários que levam a esta construção são: a cena primitiva — «Eles amam-se»; a castração — «Eles querem-me eliminar»; a sedução — «Eles amam-me».

Voltando à psicose, e pondo em evidência a importância da relação dual, verificamos que a existência do terceiro elemento não é reconhecida. Na lógica a dois, faltam os fantasmas recíprocos e o terceiro fantasma, o da cena primitiva. Sendo somente um dos progenitores realmente investido, há, portanto, dificuldade de representação da sexualidade. Assim, a criança fica refém da paixão fusional e da violência destrutiva; os seus fantasmas são arcaicos e não podem ser classificados de originários, visto não serem organizadores da triangulação. Chegamos, assim, à construção/ /introjeção do objeto maligno verificada na esquizofrenia e na melancolia.

Passemos a outra situação de não triangulação, que é a perturbação falo-narcísica grave. Aqui, vamos encontrar a exclusão dos dois outros elementos do triângulo em que sobrevive o sujeito, o que vai implicar a criação de uma lógica narcísica com a consequente denegação do objeto. Nesta lógica, persiste o fantasma onnipotente, isolando a pessoa do mundo em geral e dos fantasmas parentais, cujo reconhecimento é denegado. O sujeito domina o seu ambiente e impõe a potência do seu desejo. O seu pensamento está enclausurado, não aceitando o princípio da realidade. Há como que uma invisibilidade dos terceiros. E assim, mais uma vez, pensando no pensamento lógico racional, chegamos à noção física de mundo quântico. Esta construção teórica tem como base a invisibilidade.

A teoria quântica foi estabelecida cerca de 50 anos depois da morte de Freud. Dela, surgiram múltiplas aplicações práticas, como sejam o *laser*, supercondutores, superfluidos, transístores, etc.

Havia já no pensamento de Freud (1984) três paradigmas importantes, que ele chamou de humilhações narcísicas: a Cosmológica, com a perda do sentimento da terra ser o centro do Universo devido à descoberta do modelo construído por Copérnico; a Biológica, ou divina, ou de supremacia do humanoide, com a perda da origem devido à teoria evolucionista de Darwin; e a Psicológica, com a perda do controlo absoluto do «eu» devido à teoria psicanalítica, que refere que o Eu não controla os seus desejos e não conhece os seus processos inconscientes.

Os Pragiers (1996) acrescentam atualmente outra humilhação do Homem: o mundo não obedece à lógica racional casualista, mas, sim, a um determinismo caótico. Esta necessidade de pensamento resulta de os fenómenos não serem detetáveis diretamente, mas através dos seus efeitos. Os dois campos do conhecimento onde este facto se torna mais evidente existem no domínio da psicologia e da astrofísica, sendo impossível a sua experimentação — utilizando-se, portanto, a simulação. O mundo quântico mostra-se análogo ao inconsciente descrito por Freud, que não pode ser objeto de observação sem alteração de outras variáveis, logo, move-se na invisibilidade.

Para Alex Kipman⁷ (engenheiro, investigador, programador e com vasta experiência psicanalítica), a psicanálise poderia ser apresentada como a ciência quântica do pensamento, ou seja, para ele, esta psicanálise encontra o seu estatuto científico.

O conceito da teoria quântica com maior aplicação em psicanálise é o princípio da indeterminação de Heisenberg. Este conceito aproxima os psicanalistas das incertezas, que seriam a essência do seu trabalho científico, com conclusões práticas importantes, como a seguinte: a resposta do paciente ao seu analista pode ser interpretada num sentido que convenha num determinado momento ao seu desenvolvimento — ao seu desenvolvimento psicoafetivo —, reconhecido pelo seu analista.

Assim, haverá uma semelhança «major» entre o objeto quântico observado e o inconsciente: ambos de efeitos visíveis, com características que nos retiram a possibilidade de conhecimento de outras vertentes, e passíveis de interpretação/ilação. Logo, nada é determinado, nem sequer no «aqui/agora».

Consideremos agora a Descontinuidade Quântica/Descontinuidade Psíquica. A descontinuidade é uma propriedade essencial das partículas quânticas: estas não descrevem trajetórias contínuas, mas, sim, dispõem-se em patamares quantitativos sucessivos, sem ligação entre eles, à semelhança de uma escada (ex.: eletrão em torno do núcleo atómico). Esta propriedade transformada em metáfora foi usada por Denise Braunschweig e Michel Fain (1971) para pôr em evidência a descontinuidade do investimento do sujeito em relação aos seus objetos. Esta descontinuidade de investimento na introjeção do objeto leva à descontinuidade afetiva da vida psíquica, que será condicionada pelos diferentes aspetos traumáticos aleatórios experienciados.

RECURSIVIDADE NA TEORIA QUÂNTICA

Recursividade é um termo usado de maneira mais geral para descrever o processo de repetição de um objeto, de forma similar ao que já fora mostrado. Um bom exemplo disso são as imagens repetidas que aparecem quando dois espelhos são apontados

um para o outro. Este fenómeno é de extrema importância no mundo quântico porque restabelece a continuidade dos fenómenos físicos, alterada pela descontinuidade atrás referida.

Voltando à Psicanálise: a noção psicanalítica de «après-coup» apresenta uma forma de recursividade evidente, onde o futuro age retroativamente sobre o passado, passado esse que vai determinar o seu significado.

Claude Le Guen (1982) exprimia, em relação a este fenómeno, a sua perplexidade afirmando: como é que algo que não existe ainda poderá provocar um acontecimento que o fará existir?

Surgem, então, as seguintes dúvidas: Será o primeiro acontecimento, que seria transformado pelo «après-coup»? Não será, antes, a sua recordação que o modifica? Ou o sujeito que viveu a experiência possui em si traços mnésicos ainda não investidos? Depois da ligação estabelecida, haveria lugar a uma nova organização? Será que a interpretação analítica agiria como um terceiro tempo, mudando os traços mnésicos do passado?

A intuição notável de Freud permitiu-lhe relacionar de forma mais evidente este fenómeno psíquico com a compulsão de repetição, tão importante na teoria psicanalítica. Assim, os traços mnésicos, mais as situações de «après-coup», poderiam ser, por vezes, o motor da compulsão de repetição!

INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO QUÂNTICO NA TEORIA DE WILFRED BION

A realidade quântica e a realidade psíquica inconsciente aproximam-se pelos seus dois pontos comuns mais evidentes: o ilogismo e o indeterminismo.

Bion (1984), em resultado do seu trabalho com pacientes *borderline* e psicóticos, desenvolveu uma teoria — que se poderia dizer quântica — da psicanálise assente em símbolos gregomatemáticos α e β . Estes elementos β teriam propriedades quânticas: seriam indeterminados, irrepresentáveis, logo, não simbolizáveis, e flutuariam no infinito, onde o analista através da interpretação os reorganiza no domínio do pensamento lógico e finito.

O autor faz uma tentativa de aproximação a Heisenberg na construção de uma grelha graficamente semelhante às matrizes deste físico.

	E ₁	E ₂	E ₃	E ₄	---
E ₁	E _{1→1}	E _{2→1}	E _{3→1}	E _{4→1}	---
E ₂	E _{1→2}	E _{2→2}	E _{3→2}	E _{4→2}	---
E ₃	E _{1→3}	E _{2→3}	E _{3→3}	E _{4→3}	---
E ₄	E _{1→4}	E _{2→4}	E _{3→4}	E _{4→4}	---
---	---	---	---	---	---

7
<https://www.allamericanspeakers.com/celebritytalentbios/Alex+Kipman/390722>

MATRIZ DE HEISENBERG

	1	2	3	4	5	6	7
	Hipótese definítoria	Ψ	Notação	Atenção	Investigação	Ação	...n
A Elementos- β	A1	A2				A6	
B Elementos- α	B1	B2	B3	B4	B5	B6	... Bn
C Pensamentos emíricos, sonhos e mitos	C1	C2	C3	C4	C5	C6	... Cn
D Pré-concepção	D1	D2	D3	D4	D5	D6	... Dn
E Concepção	E1	E2	E3	E4	E5	E6	... En
F Conceito	F1	F2	F3	F4	F5	F6	... Fn
G Sistema científico dedutivo		G2					
H Cálculo algebrico							

A Tabela de W. R. Bion

Muitos analistas seguiram esta forma de pensar de Bion. Mas damos destaque a Antonino Ferro (2009), por ter posto em evidência a cautela na interpretação. Assim, esta não deverá ser saturada, não deverá ser resultante de mecanismos projetivos patológicos do analista, nem ser sempre resultante da mesma teoria e nível interpretativo. Terá de se ter igualmente, e sempre, atenção ao nível da transferência. «Todas as personagens devem representar o seu papel e de forma aleatória.» Neste sentido, para Umberto Eco, a psicanálise tornar-se-á Obra Aberta e Verdade Narrativa.

TEORIA DOS CAMPOS NA FÍSICA

Pode considerar-se que a noção de campo surgiu inicialmente como uma construção matemática na descrição da gravitação *newtoniana*. No século XIX, tal formalismo foi estendido, tanto para fenómenos elétricos quanto magnéticos, por físicos como Ampère, Ohm e Faraday.

Devido aos trabalhos de Maxwell, o conceito de campo passou a ocupar o papel de maior importância na descrição fenomenológica da realidade. Maxwell mostrou, através de um conjunto de equações, que receberam o seu nome, que os fenómenos magnéticos e elétricos estão intrinsecamente associados e que devem ser descritos por uma única entidade: o campo eletromagnético.

TEORIA DOS CAMPOS EM PSICANÁLISE

Veremos a importância desta união e consequentemente da formação duma identidade única na teoria dos campos em Psicanálise.

A teoria dos campos não é uma escola psicanalítica, é uma forma de pensar o homem no seu mundo, considerando o Homem e o mundo como um todo. Esta teoria (1960) surge da crítica de Fábio Herrmann (2001) à Psicanálise dominante na segunda metade do século XX, no Brasil. Tal como no campo eletromagnético, aqui existe uma única identidade, que é o Homem/ Mundo e a sua substancialidade.

Esta crítica assenta na redução da interpretação à interpretação transferencial, tomando o lugar do método e único produtor do efeito terapêutico da Psicanálise.

Na teoria dos campos, o método é tomado no seu sentido etimológico: caminho (hodós) e fim (meta). Propõe-se a volta ao método como um caminho da retoma heurística da Psicanálise, ou seja, a exploração da psique — do sentido humano — em direção à formulação de novos conhecimentos.

O mundo em que vivemos constitui algo de real que foi superando, para o bem e para o mal, a própria substancialidade. Nesta teoria, a realidade vai tornar-se tão humanizada que passa a constituir uma espécie de psique — chamada de psique do real — que poderá corresponder ao psiquismo social. O nosso mundo passou a ser des-substancializado, o objeto concreto passou a ser substituído por representações, ou sistemas de representações.

Assim, Herrmann dizia: «a psicanálise é um sistema do mundo da super-representação e um excelente instrumento para com ele lidar». Neste constructo teórico, chegou-se então à conclusão de que a psique humana tem um universo mais lato, onde a representação da realidade (psique do real) provavelmente se funde com aquilo que antigamente se considerava somente psique, formando uma só identidade como na onda eletromagnética.

O método recuperado será a rutura do campo, isto é, a escuta descentrada do assunto/ tema do discurso do paciente, para lá do tema proposto. Ainda segundo esta teoria, a Psicanálise, considerada do ponto de vista do seu método, representa para os nossos dias um especial momento de transição da arte para a ciência e vice-versa.

O Modelo desta teoria: a teoria proposta para a clínica resulta diretamente da reflexão acerca do método psicanalítico aplicado numa sessão de análise.

Nesta teoria, o método, isto é, a análise do constructo interpretativo, é evidentemente anterior a qualquer procedimento, seja o da construção do conhecimento teórico, seja o da técnica. A função terapêutica da análise situa-se no campo transferencial!

Esta é uma análise que está, antes de tudo, a tentar extrair o mecanismo de funcionamento do pensamento produzido na obra de Freud na segunda metade do século XX.

Com a aplicação deste método, verifica-se que a maior parte dos conhecimentos psicanalíticos adquiridos pela interpretação serve apenas no contexto da sua descoberta. Quando são transpostos para outros contextos, há uma acomodação abusiva de conhecimentos.

Assim, para finalizar, diria que tentei de forma

sucinta expressar que todo o trabalho elaborativo ao serviço da criatividade, seja em que disciplina científica for, se faz através de modelos cuja norma obedece às mesmas regras de pensamento que estão ao serviço da investigação, e que não são mais do que uma «imitação» da realidade interna e externa da vida, desde o infinitamente pequeno ao infinitamente grande. 🐼

ABSTRACT

In a short theoretical review of some basic concepts of Psychoanalysis and Modern Physics, the author tries to bring forward the similarity of model concepts in these areas of knowledge.

BIBLIOGRAFIA

- Aulagnier, P. (1991). «Observações sobre a estrutura psicótica». In C. S. Katz (org.) *et al.*, *Psicose – Uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Escuta.
- Bion, W. (1984). *Transformations*. Londres: Taylor & Francis.
- David, C. (1984). «Un rien qui bouge est tout est change». *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 30.
- Denis, P. (1996). «D’imagos en instances: un aspect de la morphologie du changement», *Revue Française de Psychanalyse*, t. LX, n.º 4.
- Diatkine, R. (2001). *Destins du transfert*. Paris: Galilée.
- Fain, M. (1971). «Prelude à la vie fantasmatique». *Revue Française de Psychanalyse*, XXXV, n.º 2–3: 321.
- Ferro, A. (2015). «A Response That Raises Many Questions». *Psychoanalytic Inquiry*, 35(5): 512–525.
- Ferro, A. (2009). «Transformations in dreaming and characters in the psychoanalytic field». *International Journal of Psychoanalysis*, 90: 209–230.
- Freud, S. (1985 [1937]). «L’analyse avec fin et l’analyse sans fin». In Sigmund Freud, *Résultats, idées, problèmes*, Paris: PUF.
- Freud, S. (1984). *XXXII Conference (1933 a)*. Paris: Gallimard, 122.
- Green, A. (1995). *Propédeutique: la métapsychologie revisitée*. Seyssel: Champ Vallon.
- Grumberger, B. (1982). «Le processus analytique et le moment mutatif», 18.º Colloque de L’Institut de Psychanalyse, Lyon.
- Herrmann, F. (2001). *Introdução à Teoria dos Campos* São Paulo: SBP.
- Lacan, J. (1999). *Seminário – Livro 5 – As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Le Guen, C. (1982). «L’après-coup». *Revue Française de Psychanalyse*, t. XLVI, n.º 3.
- M’Uzan, M. (1994). «Pendant la séance». In *La bouche de inconsciente*. Paris: Gallimard.
- Nabokov, V. (2012). *Ada ou Ardor*. Lisboa: Relógio D’Água.
- Ody, M. (1990). «Oedipe comme attracteur». In *La psychanalyse: questions pour demain, Monographies de La Revue Française de Psychanalyse*. Paris: PUF.
- Pasche, F. (1974). «Le passé recomposé», *Revue Française de Psychanalyse*, XXXVIII, n.º 2–3: 174.
- Pragier, Georges et Sylvie (1996). *Repenser la psychanalyse avec les sciences*, Paris: PUF.
- Videman, S. (1982). *La construction de l’espace analytique*. Paris: Gallimard.
- Widlocher, D. (1970). *Freud et le problème du changement*. Paris: PUF.

O través da casa Desenraizamento e dor psíquica^{1,2}

Tiago Pires Marques³

1
Artigo recebido em 17 de Setembro de 2019 e aceite para publicação em 30 de Setembro de 2019.

2
Este artigo tem como base a Comunicação apresentada no XXIX Colóquio da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, ESPAÇO (IN)FINITO: Psicanálise e Interseção de Lugares, Lisboa, 16 de Março, 2019.

3
Historiador e sociólogo. Investigador no Centro de Estudos Sociais (CES), Universidade de Coimbra, desde 2014. E-mail: tmarques@ces.uc.pt

RESUMO
Este texto reflecte na relação entre violência histórica, nomeadamente colonial, de género e de classe, e as dificuldades contemporâneas que se colocam aos indivíduos confrontados com uma necessidade existencial de pertença. Em concreto, analisa-se a precarização das possibilidades de construir uma casa psíquica, mobilizando-se, para isso, o conceito de *matriz*, proposto por Bracha Lichtenberg Ettinger. Na senda de etnografias, cruzando saúde mental e religião, no texto desenvolvem-se as virtualidades deste conceito para abordar a dor psíquica manifestada por indivíduos sujeitos ao trauma do desenraizamento colectivo e transgeracional. Para estes indivíduos, a busca, ou construção, de uma casa psíquica é um empreendimento vital, já que está em causa a reactivação das relações matriciais constitutivas da subjectividade. Esta ideia é ilustrada com a análise conjunta de uma história de vida e da obra de Juan Rulfo, *Pedro Páramo* (1955). Através de uma reflexão teórica e interpretativa, defende-se que, do ponto de vista psíquico, habitar significa a reactivação da fronteira entre o sujeito e mundo: fronteira necessária, já que simultaneamente protectora e provedora de vida.

PALAVRAS-CHAVE
Violência colonial
Pertença
Subjectivação matricial
Espiritualidade

«[...] The dead do not like to be forgotten.
Sentience soaks all things. Caresses all things. Enlivens all things. Water overflows with memory. Emotional memory.
Bodily memory. Sacred memory.
Crossings are never undertaken all at once, and never
once and for all.»
M. Jacqui Alexander, *Pedagogies of Crossing* (2005, p. 290)

	Través	
	1.	destinada a limitar os efeitos dos tiros directos, ricochetes ou estilhaços
direcção oblíqua ou diagonal; obliquidade; esguelha;		
soslaio		que naquela entrem de enfiada; obliquamente,
	2.	transversalmente
	flanco	5.
	3.	NÁUTICA cada um dos lados do navio
peça de madeira colocada na transversal sobre tábuas;		6.
	travessa	NÁUTICA direcção perpendicular ao movimento
	4.	do navio
obra de organização do terreno, no interior de uma		
trincheira,		

4

Sobre o impacto psíquico da precariedade do mundo contemporâneo, ver, por exemplo, com diferentes perspectivas, Berlant, 2011; Blazer, 2005; Connolly, 2013; Cvetkovitch, 2012; Fisher, 2009; Han, 2014; James, 2008.

5

Projecto Investigador FCT, «A emergência da saúde mental: Poder médico, secularização e o campo psicoterapêutico», financiando pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. IF/01589/2013/CP1164/CT0005

Como se constrói a casa psíquica daqueles que foram sujeitos à violência colonial e elaboram o seu sentido de pertença com amplo recurso a memórias transgeracionais? A questão aplica-se, de modo particular, a um sem número de migrantes forçados, nos últimos séculos, pelo tráfico de escravos (nas suas várias encarnações), o empobrecimento, a guerra, a perseguição política e religiosa, a violência de género e a emigração em busca de uma vida digna. Mas é pertinente também como ângulo de abordagem de identidades emergentes em condições de desenraizamento e assimetrias de poder no seio das famílias e das comunidades.

Nas últimas décadas, os estudos antropológicos sobre a religião e a saúde mental, nomeadamente aqueles que incorporam perspectivas pós-coloniais, têm dado contributos importantes para abordar o trauma colectivo e o seu impacto nas identidades individuais. A reflexão que aqui apresento funda-se no entendimento de que estes contributos são valiosos, não só para compreender o trabalho cultural e psíquico dos sujeitos diretamente envolvidos nestes processos históricos, mas também enquanto caixa de ferramentas conceptuais para abordar as transformações aceleradas envolvendo os nossos modos de habitar o mundo. Este tempo é marcado por uma precariedade existencial — laboral, relacional e aquela que decorre de uma falência das formas partilhadas de sentido — que atinge algo que, nas suas diferentes perspectivas, todos estes estudos têm colocado em evidência: a experiência de pertença e de ligação a algo maior do que o eu é a condição de uma presença feliz do eu no mundo e, por consequência, de uma forma feliz de o habitar.⁴

A primeira contribuição destes estudos, no campo das ciências sociais e humanas, e desafiando a psicologia cognitivo-comportamental hegemónica (Ehrenberg, 2018; Vidal y Ortega, 2017), consiste no retorno da noção de profundidade subjectiva implicada nesta constatação. A título de exemplo, se a história psicológica, nomeadamente aquela fazendo uso de noções psicanalíticas, foi desacreditada pelos pós-estruturalistas, a invasão do campo historiográfico pelos estudos do trauma e da memória assinala a urgência de um retorno do inconsciente, ainda que raramente nomeado desta forma, ao campo da análise histórica. Reconhecendo-se esta urgência, mas com distanciamento da atitude vitimizadora decorrente de muitos destes estudos, coloca-se o problema: que inconsciente é este? Como falar dele? Ou ainda, por outras palavras, que gramáticas do inconsciente fazem sentido quando está em causa a sua articulação enquanto conceito historiográfico e antropológico?

Neste texto, abordam-se estas questões articulando três planos: um conjunto de propostas

teóricas resultantes de investigação antropológica e psicanalítica (*O sujeito matricial*); e um estudo de caso, elaborado a partir de entrevistas no âmbito de um projecto sobre saúde mental⁵, em articulação com um pequeno ensaio de interpretação literária (*Desenraizamento histórico e morte psíquica*). Sugere-se, por fim, uma certa aproximação entre as formas ritualizadas de reparação, ou construção, de ligações à *matriz* e a prática psicanalítica.

O SUJEITO MATRICIAL

O trabalho e a experiência do sagrado, nas suas relações com os processos terapêuticos e de reparação colectiva, têm sido, nas últimas décadas, um campo empírico fértil para pensar a construção psíquica de quem perdeu a sua casa cultural. No ensaio teórico e etnográfico de Jacqui Alexander, *Pedagogies of Crossing*, em que são abundantes as metáforas do campo semântico da casa e do habitar, é observada uma comunidade de praticantes de algumas variações da religião africana dos Yoruba (Candomblé, Vodun e Lucumí) em Nova Iorque. Estes indivíduos, provenientes de diversas partes da América Latina e Caraíbas, são descendentes da Travessia, isto é, a travessia histórica do Atlântico dos seus antepassados escravizados. Para Alexander, os rituais observados em caves privadas espalhadas por Nova Iorque, onde estes indivíduos se reúnem, sugerem que estes argonautas forçados da Travessia foram não só os escravos, seus antepassados, mas também os mortos, a dor e as energias sagradas, antropomorfizadas nos orixás, que ajudaram estes indivíduos a suportar o sofrimento provocado pelo desenraizamento e a violência da escravatura (Alexander, J., 2005, pp. 288–289). Obliterando a memória e a cultura dos povos colonizados, uma violência colonial estruturante de novas relações sociais, caracterizadas por formas de desigualdade extremas e pelo racismo institucional e quotidiano, torna esta Travessia, além de facto histórico, numa condição social e psíquica contemporânea.

Distanciando-se das abordagens convencionais, segundo as quais as práticas espirituais de origem africana na América resultariam de uma «retenção cultural» e de uma «sobrevivência», Alexander sugere que a espiritualidade tem uma dimensão propriamente epistemológica, «abrindo os termos, símbolos e códigos organizacionais usados pelo povo Bantu-Kongo para dar sentido ao mundo» (2005, p. 293). Este sistema cosmológico albergava (*housed*) uma memória necessária para «destilar os traumas psíquicos produzidos pelas condições grotescas da escravatura» (*ibidem*). Ora, essa mesma memória — epistemologia, afectos, energias — era agora actualizada, nessas caves dispersas pela Nova Iorque dos nossos dias, para produzir uma experiência sagrada curativa ou reparadora para os praticantes. Neste caso, essa experiência toma

6

Traduções minhas do original inglês.

7

Esta sistematização é baseada na palestra de B. L. Ettinger, «Maternal Subjectivity and the Matrixial Subject». European Graduate School. 2012.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=mdkbYsjlMA8&list=PL8gnJOdhfUG0san2dMmi7SKyyGG0SQeA&index=9&t=0s>

o nome de Mojubá, «uma memória expansiva que se recusa a ser confinada (*housed*) num qualquer lugar singular, constrangida pelos limites do tempo, encerrada pelo tracejado de um mapa, inscrita na fisicalidade de um corpo ou aprisionada num objecto de museu» (*ibidem*, p. 288).⁶

Estes praticantes de Mojubá fazem desta memória invisível uma realidade tangível — noutras palavras, produzem, na interconectividade e intersubjectividade das suas acções, o que Alexander designa de *matriz*. Ora, a noção de *matriz* surge noutra obra antropológica, da autoria do investigador australiano Michael D. Jackson, com um significado idêntico. Acompanhando a trajectória de um migrante africano na Europa, Jackson (2009) analisa os rituais e acções através dos quais aquele estabelece ligações à sua matriz. Jackson define tais acções como práticas de conectividade, colocando-as no centro da experiência de habitar um mundo outro. Assim, enquanto Alexander utiliza o termo de modo metafórico, Jackson mobiliza-o na qualidade de conceito com um significado preciso, colhendo-o na obra da psicanalista lacaniana e artista plástica Bracha Lichtenberg Ettinger.

Para Ettinger, nós, humanos, somos sujeitos diferenciados do corpo-psique da mãe pela capacidade reflexiva e simbólica, que, de acordo com Lacan, resulta fundamentalmente da função paterna. Mas somos igualmente, e ao longo de toda a vida, sujeitos matriciais. Isto resulta do facto de que nascemos depois de uma longa passagem da Não-Vida à Vida, no corpo-psique do corpo de um ser humano feminino partilhando com esse corpo-psique uma pré-subjectividade em co-emergência (o matricial), através de processos de ressonância recíproca e de ligações à fronteira, isto é, ao eros materno (*borderlinking*) (Ettinger, B. L., 2002, 222–224). Poderá aqui ser sugestivo colocar esta conceptualização em ressonância com uma obra de Pascal Quignard, *A noite sexual* (2007), que formula poeticamente a mesma ideia. Na longa passagem da Não-Vida à Vida, ecoa o que Quignard chama de «noite uterina», distinguindo-a da noite astral, que se opõe ao dia, e da noite infernal, a noite da morte (Quignard, P., 2007, p. 8). A noite uterina, Quignard caracteriza-a assim: «uma noite eminentemente sensorial, totalmente sensorial, que precede a oposição astral do dia e da noite; é a noite [em que nos formamos] antes de aparecer aos nossos olhos o sol no início do parto. Nós procedemos dessa bolsa de sombra. A humanidade transportou com ela esta bolsa de sombra, aí onde se reproduziu, onde sonhou, onde pintou. Tal sombra penetrou irresistivelmente nas grutas obscuras nas quais dirigiu o rosto para os ecrãs brancos de calcite sobre os quais imagens involuntárias surgiam e se moviam ao sabor da projecção da chama de uma tocha. Passaram milénios» (*ibidem*, pp. 8–9).

Regressemos ao pensamento de Ettinger.

Das noções de *matricial* e *transjectividade*, a psicanalista retira implicações que afectam a teoria lacaniana da subjectivação, mas que a autora vê como complementares.⁷ Gostaria de destacar quatro. A primeira refere que, ao longo da vida, momentos de transjectividade intra-uterinos despertam, são reactivados, formando-se, a partir deste material, uma certa consciência da passagem da Não-Vida à Vida, passagem sempre flutuante, vibratória. Ettinger explora a sua emergência na nossa relação com os objectos de arte e refere a ocorrência de momentos matriciais nas sessões analíticas (Ettinger, B. L., 2012). A segunda implicação consiste na necessidade de distinguir entre *passagem da Não-Vida à Vida* e *passagem da vida à morte*, o que a leva a diferenciar também o movimento em direcção à Não-Vida (que é sempre atracção pela passagem da Não-Vida à Vida) da pulsão de morte, já que a primeira contém uma aspiração à vida. Esta distinção é crucial para diferenciar formas de sofrimento humano que, de outra forma, seriam amalgamadas no desejo de morrer. É através deste prisma que a autora analisa os casos de duas poetisas, Alejandra Pizarnik e Sylvia Plath, que apesar de «terem sido bem-sucedidas no seu desejo de morrer», «lutaram por incorporar não a morte, mas a Não-Vida na sua passagem para a Vida». Para Ettinger, esta diferença é analisável nos seus poemas e diários, mas não foi articulada simbolicamente. Será interessante colocar esta hipótese nos casos — real e literário — que analiso de seguida. A terceira implicação do reconhecimento da transjectividade como momento pré-subjectivo é a abertura da possibilidade de uma trans-subjectividade autêntica, isto é, de relações em que os sujeitos não são reduzidos a objectos uns dos outros, mas estão verdadeiramente ligados uns aos outros enquanto sujeitos. Este aspecto leva Ettinger a considerar que a psicanálise deve acolher os modos afectivos da compaixão e do «respeito reverencial» («awe», «fascinace», «numinoso») sem os reduzir a reacções a outros estados, supostamente mais arcaicos, tais como a agressividade e a ansiedade. Por fim, é importante salientar que Ettinger considera que a forclusão da matricialidade feminina constitui um perigo para o sujeito: coloca-o numa situação de «autofragilização», trazendo o anseio pela ligação à fronteira (eros materno) (Ettinger, B. L., 2002; 2012).

É possível sintetizar estas reflexões na seguinte fórmula, mais facilmente apropriável para abordar os casos que exponho de seguida. Com efeito, do ponto de vista psíquico, habitar implica a reactivação da fronteira entre sujeito e mundo, fronteira necessária e constituinte, já que simultaneamente protetora e provedora de vida. A casa não é um sítio onde se está escondido ou resguardado; é um lugar aonde retornamos

8

Para Ettinger, nas relações e emoções matriciais ressoa sempre o sentimento de «estranhamente familiar» (Unheimliche) descrito por Freud (Ettinger, B. L., 2002).

para nos lembrarmos de uma pertença que nos constitui. E num tempo de violência contra as raízes colectivas e individuais, voltar a casa significa frequentemente empreender uma travessia e surpreendê-la numa margem *estranhamente familiar*⁸.

DESENRAIZAMENTO HISTÓRICO

E MORTE PSÍQUICA

Teresa é uma mulher na casa dos 70 anos, que, apesar de reformada, se vê obrigada a fazer trabalho de limpezas para sustentar a família. Nascida em Angola, negra, é casada com um português, branco, do qual teve três filhos. Vive actualmente com o marido, com quem tem uma relação conflituosa, e o filho mais velho, que tem há vários anos um diagnóstico de esquizofrenia. O segundo filho emigrou e constituiu família, e o terceiro, que aqui chamarei José, vive noutra cidade. É também casado e tem uma filha. A entrevista a Teresa seguiu o método da recolha de histórias de vida, mas depressa se concentrou nos casos dos filhos mais velho e mais novo. José sofre de depressão, fez várias tentativas de suicídio, e teve um episódio psicótico grave. Para Teresa, José sofre também de uma forma de esquizofrenia, embora os psiquiatras não o tenham diagnosticado com tal.

O marido emigrara para Angola aos 20 anos. Nascido numa família com um estatuto social elevado na sua cidade natal, não completara os estudos e procurava, segundo Teresa, enriquecer rapidamente. O casal formou-se, pois, em Angola; e apesar de Teresa ter só a quarta classe, fazia um trabalho administrativo e tinha uma rede familiar e de suporte que se revelariam de grande utilidade para resolver alguns problemas do marido com as autoridades. Apesar da diferença racial, sexual e de estatuto familiar, Teresa tinha em Angola um certo ascendente sobre o seu parceiro. Na década de 1970, a família veio para Portugal, instalando-se, nos primeiros anos, na casa dos pais do marido. Os filhos tinham então 11, 8 e 1 anos. Não tardou muito para Teresa se arrepender de ter vindo para Portugal. O marido e a sogra tratavam-na mal, insistindo para que «perdessem os hábitos de África». Entre estes, por exemplo, contava-se o hábito de dar banho aos filhos e lhes mudar a roupa todos os dias. Os banhos e a muda de roupa passaram a ser semanais, o que provocou grandes embaraços, nalguns casos *bullying*, aos três rapazes. «O regresso deu cabo da cabeça deles», diz Teresa.

Aos 18 anos, o filho mais velho teve um surto psicótico e depressa recebeu um diagnóstico de esquizofrenia. Hoje, na casa dos 40, nunca trabalhou e vive com os pais. O quadro que Teresa me descreve configura aquilo que a antropóloga e psicanalista Ellen Corin define como *retraimento positivo*: conceito que expressa a posição de relativa marginalidade adaptativa de um doente

não re-hospitalizado (e que se materializa numa distância relativamente à cultura e às interacções sociais; distância compensada por formas ténues de relacionamento com o meio sociocultural) (Corin, E., 2007, p. 280). Teresa ri-se das suas bizarras e sugere uma relação pacificada com este filho.

Em contrapartida, a relação com o filho mais novo é bastante mais turbulenta. Critica vários aspectos do modo como ele gere a sua vida, referindo que «imita tudo do pai», e manifesta grande preocupação pelo seu bem-estar e pelo seu futuro. José e a mãe têm uma relação próxima: o filho manifesta admiração e gratidão relativamente à mãe. Com o pai, fala pouco.

Entrevistei José por altura de uma visita sua à casa materna. Referindo o *bullying*, a sensação de isolamento na escola e o fracasso profissional, afirma, apesar de tudo, ter tido uma vida normal até 2010. Nesse ano, começou a sentir-se deprimido e, nesse estado, decidiu emigrar para Angola para trabalhar numa mina de diamantes, pensando que se enriquecesse rapidamente, resolveria os seus problemas. Na entrevista, refere que «ia para Angola para dar uma felicidade à mãe, mas Deus não achou isso». Na mina, encontrou um ambiente violento. Instalou-se nele a ideia fixa de que o queriam matar: «A terra que me viu nascer é a terra que me vai ver morrer.» O delírio persecutório, acompanhado de alucinações auditivas, levou-o a uma primeira tentativa de suicídio. Alertada, a mãe providenciou imediatamente o seu regresso. Internado e medicado, recuperou uma certa normalidade. Entretanto casou; e na altura da entrevista, desempregado, era cuidador da filha, fazia algumas tarefas em casa e dedicava um tempo considerável às suas preocupações religiosas. Foi no tempo da recuperação que se converteu ao catolicismo, passando a frequentar diariamente a igreja para rezar e a ler livros sobre espiritualidade. Na entrevista, o tema do suicídio e da religião são recorrentes — a sua atracção pela ideia do suicídio, sempre presente, soando-me como a *ritournelle* do seu discurso. Embora expresse preocupações relativamente aos aspectos materiais da sua vida, manifesta um imaginário fortemente marcado pelos temas do suicídio e da religião, o que me sugere a possibilidade de os relacionar. Que é então, para José, este «querer morrer e ao mesmo tempo querer estabelecer uma relação com Deus e o transcendente»? Neste desejo, oiço ecos do modo como formulou as motivações da sua ida para Angola, terra construída mentalmente pelo ouvir-dizer, sobretudo por parte da sua mãe, na qual esperava fazer prospecção de diamantes, mas onde veio a encontrar uma terra de morte.

A investigação sociológica baseada em histórias de vida não recomenda a análise psicológica ou psicanalítica dos casos. Por outro lado, não tenho uma relação clínica com estes indivíduos. Porém, será interessante olhar para o caso de José, de modo

Utilizo aqui a tradução em português para a *Obra Reunida de Juan Rulfo*, publicada pela Cavalo de Ferro (2.ª edição, 2011).

assumidamente especulativo, através da lente de uma obra maior da literatura, a novela do mexicano Juan Rulfo, *Pedro Páramo*, publicada em 1955.

O facto de ter motivado grande número de análises, algumas psicanalíticas, permite empreender este exercício especulativo, através do qual a narrativa de Rulfo abre o psiquismo de José a novas possibilidades interpretativas.

Em *Pedro Páramo*, um homem põe-se a caminho de uma povoação, Comala, com o objectivo de encontrar o pai, que nunca conhecera. Esta aventura, ecoando a tradição clássica grega, é accionada pelo pedido da sua mãe na hora de morrer. O filho deveria encontrar o pai e cobrar-lhe o abandono em que os deixara. Mas, desde logo, percebemos que aquilo que o move não é o desejo de vingança expresso pela mãe e sim o desejo de encontro com as suas origens, remanescente de uma multiplicidade de tradições indígenas, nomeadamente americanas. Pelo caminho, vai falando com outras personagens, por exemplo, um segundo homem que se diz também ele filho de Pedro Páramo. Chegado a Comala, o homem encontra uma povoação deserta, solitária, penumbrosa, que inquieta pelos seus paradoxos: «embora não houvesse crianças a brincar, nem pombas, nem telhados azuis, senti que a aldeia estava viva.»; «se eu ouvia apenas o silêncio», ou porque vinham na sua cabeça, ou porque «o ar era escasso», «a aldeia estava cheia de ruídos e vozes» (Rulfo, J., 2011, p. 24).⁹

O homem dirige-se para a morada que lhe dera a sua mãe.

«Cheguei à casa da ponte, orientando-me pelo barulho do rio. Bati à porta; mas em falso. A minha mão agitou-se no ar como se o ar a tivesse aberto. Estava lá uma mulher» (*ibidem*, p. 25) — mulher que lhe diz para entrar.

A casa, assinalada por elemento aquático, dá acesso ao mundo de Comala. Aí, a mulher informa-o de que Pedro Páramo morrera há muito, tal como as várias pessoas que encontrara pelo caminho. Mais adiante, saberá que também esta mulher estava morta. Parece então que não se realizara o desejo mais profundo da mãe ao pedir-lhe para ir a Comala.

«Lembrei-me do que a minha mãe me dissera: “Lá ouvir-me-ás melhor. Estarei mais perto de ti. Acharás mais próxima a voz das minhas recordações do que da minha morte, se é que a morte alguma vez teve alguma voz.” A minha mãe... a viva.» (*ibidem*, p. 24) Em Comala, mãe e filho estariam ainda unidos através de um vínculo de vida. Porém, na povoação desolada, a morte tinha voz. Só a morte tinha voz.

E as muitas vozes que falam, no passado e no presente, porque em Comala os tempos se misturam, contam a história de um tal Pedro Páramo, um cacique impiedoso, apaixonado por

uma mulher louca que não lhe retribui a paixão. O encontro com este mundo afundado e sem tempo provoca a desagregação psíquica do homem e a sua morte; ou, talvez mais precisamente, conduz à sua dissolução, já que a sua voz se funde com as outras e o homem deixa de existir como personagem.

A dissolução de Juan Preciado é indiciada por um elemento que me parece fundamental: a mulher que lhe dá passagem diz-lhe que, na realidade, era ela que estava destinada a ser a mãe daquele homem. Sabendo que Pedro Páramo, cujo apetite sexual voraz não diferenciava as mulheres da povoação, viria ao seu quarto na noite em que o homem foi concebido, a mulher pediu para que outra (a mãe real) se fizesse passar por ela (a mãe destinada). O mundo de Comala é, pois, também o de um feminino indiferenciado, no qual se ergue o falo todo-poderoso de Pedro Páramo, e em que o encontro com a voz da mãe real, com a mãe viva, se torna impossível. Em contrapartida, encontra uma mãe destinada, mas essa é uma mãe morta.

Nas interpretações correntes, a história deste homem é a de alguém que parte em busca de uma origem, simbolizada pela povoação onde reina o pai e onde se situa a casa na qual se esperaria que a voz da mãe continuasse viva. Porém, se dermos a devida atenção a este último aspecto — e não tem de haver aqui uma lógica ou/ou —, tal como José, Juan parte em busca de um território matricial. Contudo, em vez da matriz, estes homens encontram um mundo infernal, no qual se fecharam todas as portas da salvação. A alusão religiosa impõe-se, já que na história de Comala figuram vários sacerdotes que, por incúria, falharam no seu trabalho de curar as almas que tinham a seu cargo; tal como a imagem da Virgem Maria que José levou para Angola, mais uma vez ecoando um gesto do pai, de pouco lhe valeu. Em consequência, e em conexão estreita com o universo religioso mexicano, as almas dos mortos continuam ilusoriamente a viver a vida dos vivos. À semelhança de Plath e Pizarnik, este homem, que não era habitado por um desejo de morte, mas de contacto com o matricial, torna-se num morto habitando um mundo infernal.

A obra de Juan Rulfo tem sido objecto de uma grande variedade de interpretações, algumas num registo de fenomenologia religiosa e psicanalítica. Para alguns, a obra reflecte a busca de um centro cósmico (Boixo, J., 2003, p. 26), sendo a desagregação da personagem parte de uma prova iniciática, na qual se coloca um encontro numinoso regenerador, do qual renasce como humano mais alinhado com o seu centro existencial. São notórias aqui as influências de autores como Mircea Eliade e Carl Jung. Outras interpretações colocam em relevo a mitologia mexicana da porosidade entre o mundo dos vivos e dos mortos, o mito judaico-cristão da

busca do paraíso perdido, ou ainda o mito grego da entrada no Hades (*ibidem*, pp. 26–27).

No entanto, seguindo de perto a crítica de um perito de Rulfo, José Boixo, e na senda de algumas entrevistas do próprio autor sobre a obra, parece-me interessante introduzir na interpretação uma dimensão propriamente histórica.

Comala é a terra da infância de Rulfo — na realidade, uma povoação chamada San Gabriel —, de onde sai com 10 anos, após a morte do pai e da mãe, para um orfanato. Trinta anos depois, Rulfo volta a San Gabriel, que se encontra, segundo ele, em estado de profunda decrepitude. Eis como, numa entrevista dada em 1973, descreve a sua origem e a relação desta com o mundo de Pedro Páramo:

Eu sou de uma zona em que a conquista espanhola foi demasiado brutal. Aí os conquistadores não deixaram um só ser vivente. Entraram a saque, destruíram a população indígena, e estabeleceram-se. Toda a região foi colonizada novamente por agricultores espanhóis. Mas o facto de terem exterminado a população indígena deu-lhes uma característica muito especial, essa atitude crioula, que até certo ponto é reaccionária, conservadora dos interesses criados. São interesses que eles consideravam inalienáveis. Era o que cobravam por terem participado na conquista e na povoação da região. Por conseguinte, os filhos dos povoadores, os seus descendentes, sempre se consideraram donos absolutos. Opunham-se a qualquer força que parecia ameaçar a sua propriedade. Daí a atmosfera de brutalidade, de ressentimento acumulado ao longo de séculos, que é um pouco o ar que respira a personagem de Pedro Páramo desde a sua infância.¹⁰

Gostaria de sugerir que Rulfo nos incita a pensar este «ar que respira» a sua personagem como a comunicação da sua psique a uma forma de inconsciente colectivo. Este último não se configura pela partilha de símbolos universais, mas através de uma historicidade marcada pela violência e pela injustiça. Esta figuração de um inconsciente histórico, moldado pelas dinâmicas de poder, nomeadamente na sua desigual repartição entre sexos e no domínio colonial e religioso, sustenta, pois, a interpretação de José Boixo segundo a qual a tragédia deste homem representa metonimicamente a tragédia daquela sociedade. Desenvolvendo este argumento, «a tese que Rulfo constrói [através desta novela] é que a salvação do homem não pode ser individual, mas através da comunidade» (Boixo, J., 2003, p. 32). Por conseguinte, «o carácter pessimista da novela assenta no facto de a comunidade aparecer subjugada por uma série de opressões das quais não tenta sequer libertar-se, o que conduz à sua destruição» (*ibidem*). Para Boixo, a falência da comunidade é simbolizada

pela morte do homem e do próprio Pedro Páramo. Em ambos os casos, a morte é precedida de uma morte psíquica que resulta do que chama «perda da ilusão» (*ibidem*, p. 35).

Seguindo a proposta de Ettinger, podemos avançar um pouco na análise desta «perda da ilusão». Em ambos os casos, de José e Juan, estamos perante a realização de que «falta o matricial», ou de que é impossível estabelecer uma conexão ao matricial. A violência histórica das relações coloniais e de género, refletida nas dinâmicas da casa, parece impedir, no caso real de José e no caso literário de Juan Preciado, a ligação ao matricial, aí onde este poderia suprir a fragilidade da função simbolizante do pai. No filme *Matrix* (de Lilly Wachowski e Lana Wachowski, 1999), em que o mundo não é mais do que uma tela imaginária, quem passa para o outro lado da tela é recebido com a saudação «bem-vindo ao deserto do real». Algo de semelhante se passa nestes casos de contacto frustrado com o matricial.

Contrariamente ao homem no centro da pesquisa de Jackson e às comunidades estudadas por Jacqui Alexander, esta personagem compósita José-Juan parece dispor de poucos recursos para aceder ao matricial. Existe, na expressão de Ettinger, uma forclusão da matricialidade. Esse impedimento não pode ser inteiramente rebatido numa história psíquica individual, já que resulta de uma conjunção de poderes, nestes casos resultantes da dominação colonial e patriarcal. Um dos poderes do poder é eliminar da memória e da história a abertura à pluralidade dos possíveis, transformando-as em destino. No caso de José-Juan, o mundo materno — e isso significa também a comunidade matricial — é vivido como o de uma mãe destinada, que, do outro lado da Travessia, abre a porta para um mundo infernal.

PSICANÁLISE E TRAVESSIA

Gostaria de terminar este texto com uma alusão a outra passagem do livro de Pascal Quignard. O escritor reflete na epígrafe escolhida por Freud para *A Interpretação dos Sonhos* (1899). Trata-se de uma passagem da Eneida, de Virgílio: «flectere si nequeo sepe, Acheronta movebo» (se não posso fazer dobrar os céus, levantarei os infernos / Achéron) (Quignard, P., 2007, p. 90). Sobre esta passagem, diz-nos Quignard: «É preciso compreender a natureza deste lugar imaginário: o Achéron não é o rio dos infernos [...] O rio de que falava Freud, o rio evocado por Virgílio, é o rio de água morta que precede o reino dos mortos, que o circunda como uma fronteira. As almas — em grego, *psychè* — devem atravessar a água negra dos quatro existenciais — a força vital originária, a morte que a limpa, a diferença dos sexos, a diferença das gerações — confiando a sua sorte a um barqueiro, Caronte, cuja barca as

11
Tradução minha do original francês.

transporta de uma margem à outra em troca de um pouco de dinheiro. Água perigosa e estagnada que cada analisando conhece melhor do que Freud, Virgílio ou Eneias ou Dante ou os cadáveres ou os fantasmas. As suas margens estão repletas de juncos e de excrementos. Estão repletas de lama.» (*ibidem*, p. 91)¹¹

Sabemos que o destino não é amigo da vida. Cabe à arte, à literatura, às ciências humanas, às buscas espirituais e, atrevo-me a sugerir, à psicanálise, desancorar os sujeitos dos seus destinos, e, num trabalho de barqueiro, ajudá-los a realizar as travessias necessárias ao contacto com as margens perigosas, mas férteis, de onde provém a vida. 🐸

ABSTRACT

This text reflects on the relationship between historical violence, specifically colonial, gender and class violence, and the contemporary difficulties faced by individuals confronted with existential needs for belonging. In particular, I analyze the precariousness of the scope for building a psychic house, mobilizing the concept of matrix proposed by Bracha Lichtenberg Ettinger. Following in the steps of ethnographies that combine mental health and religion, this text develops the potential of this concept for addressing the psychic pain manifested by individuals subject to the trauma of collective and transgenerational uprooting. For these individuals, the search for, or the construction of, a psychic house represents a vital endeavor as the reactivation of the matrixial relations constitutive of subjectivity is at stake. This idea is illustrated by the joint analysis of a life story and the literary work of Juan Rulfo, *Pedro Páramo* (1955). Through a theoretical and interpretative reflection, I argue that dwelling psychically means the reactivation of the boundary between the subject and the world; a necessary boundary as both simultaneously protective and life-giving.

KEYWORDS: colonial violence, belonging, matrixial subjectivation, spirituality.

BIBLIOGRAFIA

Alexander, M. J. (2005). *Pedagogies of Crossing. Meditations on Feminism, Sexual Politics, Memory, and the Sacred*. Durham e Londres: Duke University Press.

Berlant, L. (2011). *Cruel Optimism*. Durham e Londres: Duke University Press.

Blazer, D. G. (2005). *The Age of Melancholy. “Major Depression” and Its Social Origins*. Nova Iorque: Routledge.

Boixo, J. (2003). «Introducción». In Juan Rulfo, *Pedro Páramo*. Fuenlabrada: Ediciones Cathedra, 9–62.

Connolly, W. E. (2013). *The Fragility of Things. Self-Organizing Processes, Neoliberal Fantasies, and Democratic Activism*. Durham e Londres: Duke University Press.

Corin, H. (2007). «The “Other” of Culture in Psychosis: The Ex-Centricity of the Subject». In J. Biehl, B. Good, A. Kleinman (eds.), *Subjectivity. Ethnographic Investigations*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 273–314.

Cvetkovich, A. (2012). *Depression: A Public Feeling*. Durham e Londres: Duke University Press.

Ehrenberg, A. (2018). *La mécanique des passions. Cerveau, comportement, société*. Paris: Odile Jacob.

Ettinger, B. L. (2012). «Maternal Subjectivity and the Matrixial Subject». European Graduate School. Consultado em 15 de Setembro de 2019, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mdkbYsjlMA8&list=PL8gnJOD-hfUG0san2dMmi7SKyyGG0SQeA&index=9&t=0s>

Ettinger, B. L. (2002). «Trans-subjective transferential borderspace». In B. Massumi (ed.), *A Shock to Thought. Expression after Deleuze and Guattari*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 215–239.

Fisher, M. (2009). *Capitalist Realism. Is There no Alternative?*. Winchester e Washington: Zero Books.

Han, B.-C. (2014). *A Sociedade do Cansaço*. Lisboa: Relógio d’Água.

Jackson, M. D. (2009). *The Palm at the End of the Mind. Relatedness, religiosity, and the real*. Duhram e Londres: Duke University Press.

James, O. (2008). *The Selfish Capitalist: Origins of Affluenza*. Londres: Vermilion.

Quignard, P (2007). *La nuit sexuelle*. Paris: Flammarion.

Rulfo, J. (2003 [1955]). *Pedro Páramo*. Fuenlabrada (Madrid): Ediciones Cathedra.

Rulfo, J. (2011). «Pedro Páramo». In Juan Rulfo, *Obra Reunida*. Lisboa: Cavalo de Ferro, 17–142.

Vidal, F., Ortega, F. (2017). *Being Brains. Making the Cerebral Subject*. Nova Iorque: Fordham University Press.

2001 at valley, also please see

about 1000 ft. above the river
the valley is a very fertile one
and the soil is very rich
the water is very pure
and the climate is very
pleasant. The valley is
very fertile and the soil
is very rich. The water
is very pure and the
climate is very pleasant.

The valley is very fertile
and the soil is very rich.
The water is very pure
and the climate is very
pleasant. The valley is
very fertile and the soil
is very rich. The water
is very pure and the
climate is very pleasant.

The valley is very fertile
and the soil is very rich.
The water is very pure
and the climate is very
pleasant. The valley is
very fertile and the soil
is very rich. The water
is very pure and the
climate is very pleasant.

Origem da vida psíquica, nascimento psíquico e originário^{1,2}

Maria José Gonçalves³

1
Artigo recebido em 30 de Agosto de 2019 e aceite para publicação em 14 de Setembro de 2019.

2
Conferência «Do Corpo ao Pensamento. A Experiência de ser», IX Jornadas Internas do Instituto de Psicanálise: «Nascimentos Psíquicos», 27 de Outubro de 2018.

3
Psiquiatra da Infância e da Adolescência. Psicanalista. Membro titular, com funções didácticas, da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Presidente da Comissão de Ensino da SPP. E-mail: mjoségongonçalves@sapo.pt

RESUMO
Neste artigo, a partir de três áreas de conhecimento — a observação directa dos comportamentos dos bebés, os estudos das interacções precoces e o método retrospectivo e introspectivo usado pelos psicanalistas —, a autora pretende descrever o modo e a forma de emergência das primeiras representações mentais do bebé, que irão constituir a base da sua organização psíquica futura e estabelecer as diferenças entre origem da vida psíquica, nascimento psíquico e originário. São apresentadas duas vinhetas clínicas.

PALAVRAS-CHAVE
Emergência da vida mental
Interacção mãe-bebé
Mente materna

INTRODUÇÃO
Muito se tem escrito e avançado nos conhecimentos acerca do funcionamento psíquico dos bebés e muito se tem integrado na teoria psicanalítica, influenciando a sua prática e trazendo novos conceitos e novas abordagens psicopatológicas. Também muito já faz parte do conhecimento geral e integra as práticas de cuidados à infância, quer no domínio público, quer no âmbito das famílias.

Nascimento psíquico? Nascimento implica a ideia dum tempo, dum lugar, dum objecto. Em tal maternidade e em tal data, nasce um bebé. É um facto.

Já no que diz respeito à vida psíquica, qual o momento e quais os elementos que definem o seu nascimento? São as manifestações sensoriais, as respostas aos estímulos do mundo externo, ou é o aparecimento de sequências comportamentais que implicam uma intencionalidade, uma memória, ou seja, um pensamento, que marcam o nascimento do sentimento do *self* e que assim determinam o nascimento psíquico?

A sensibilidade dos bebés aos estados afectivos dos adultos ou os comportamentos de imitação precoce são verdadeiras manifestações psíquicas, ou apenas os seus precursores? Ou, ainda antes disso, será que existe vida psíquica pré-natal?

Como diz S. Freud (1940) na abertura de *Outline of Psychoanalysis*: «Nós sabemos duas coisas acerca do que chamamos a nossa psique ou vida mental. Primeiro que há um órgão do nosso corpo e local da acção, o cérebro, e, por outro lado, temos os nossos actos de consciência [...] Tudo o que fica entre eles é desconhecido para nós.»

A verdade é que os psicanalistas não desistiram de tentar desvendar esse território desconhecido. No fundo, o que procuramos saber, quando nos defrontamos com a ideia de nascimento psíquico, é o modo e a forma de emergência das primeiras representações mentais do bebé, que irão constituir a base da sua organização psíquica futura.

A minha reflexão tem origem em três áreas de conhecimento que nos ajudam a estabelecer diferenças entre origem da vida psíquica, nascimento psíquico e originário.

1. Observação da interacção mãe-bebé, tal como foi descrita por D. Stern (1977), baseada no conceito do *self*, e desenvolvida por muitos outros autores, nomeadamente na área da vinculação. Refiro-me especialmente a D. Stern dada a forma como ele olhou e nos ensinou a olhar para as interacções do bebé com os seus parceiros sociais.

2. Observação psicanalítica dos bebés, com base no trabalho iniciado por psicanalistas de crianças da escola inglesa, como Ana Freud e Dorothy

Burlingham, e mais tarde desenvolvido por Ester Bick, Donald Winnicott e Serge Lebovici, em Paris, e Bertrand Cramer, em Genebra.

A observação psicanalítica de bebés tem como referência a teoria psicanalítica e os seus conceitos de base e permite evidenciar a emergência da vida mental do bebé, nomeadamente os seus estados afectivos, e não apenas o que é observável do ponto de vista comportamental.

3. O método psicanalítico. Também o trabalho terapêutico psicanalítico com crianças e adultos com psicose desenvolvido por Klein, Bion, Meltzer, Botella e Alaugnier, entre outros, foi essencial para estabelecer a diferença entre o que podemos chamar a origem da vida psíquica e o originário.

Todo este conhecimento acumulado trouxe respostas que nos permitem compreender melhor a forma como se processa o desenvolvimento do nosso aparelho psíquico, bem como, por outro lado, nos abre caminhos para novos questionamentos.

A VIDA MENTAL DO BEBÉ. UM PROCESSO EM CONSTRUÇÃO

Definir um ponto zero para o nascimento da vida psíquica comporta uma certa parte de utopia, como diz B. Golse (2006). Para este autor, «não podemos pensar em termos de ontogénese da vida psíquica, mas sim de organização coerente de uma sucessão de vivências que só adquirem significado graças a um movimento de intencionalidade partilhada pela diáda».

Esta formulação, de algum modo, dá resposta ao problema da existência, ou não, de um funcionamento psíquico no feto, ainda que fragmentado ou embrionário.

A este respeito, diz-nos B. Golse (2006) que as numerosas e intensas acções a que o feto está sujeito, vindas quer do interior do corpo materno quer do exterior, provocam uma amálgama de sensações sensoriais e proprioceptivas a que falta organização temporal e significado. O feto é submergido por vivências que resultam de ciclos acção-reacção e que, sem a organização duma mente pensante e continente, não encontram um sentido. Digamos que às experiências sensoriais pré-natais faltaria coerência e organização para poderem ser consideradas elementos com qualidade psíquica.

Essa coerência e organização irá ser encontrada por D. Stern (1977) nas observações longitudinais e sistemáticas de sequências interactivas mãe-bebé, desde as primeiras semanas de vida. Estas observações, que foram submetidas a uma microanálise rigorosa, focaram-se sobretudo nas interacções sociais, ou seja, nas trocas afectivas e comportamentais entre a mãe e o bebé durante os momentos de jogo livre, e mostram como essas experiências são cruciais. Estes episódios entre a mãe e o bebé são, diz o autor, «finamente

coreografados para o bebé aprender qual a natureza do mundo no qual vai entrar».

Também o seu livro *The Interpersonal World of the Infant* (Stern, D., 1985) foi considerado revolucionário pela sua contribuição para o conhecimento que hoje temos do desenvolvimento do *self* da criança e mudou radicalmente a forma de olhar o mundo interno do bebé. Neste livro, a partir de numerosas investigações da sua equipa, mas também de muitos outros investigadores, o autor defende que os bebés não só nascem com um certo número de competências — perceptivas, motoras, emocionais — que são inatas e que os predis põem para receber informação do mundo exterior, como, desde o início da vida, existe uma capacidade para associar, assimilar, ligar e reter as múltiplas e fragmentadas experiências que lhes são proporcionadas. Esta capacidade de estabelecer ligações entre experiências sensoriais isoladas e separadas permite ao bebé ter a experiência da emergência duma organização, do aparecimento de alguma «coisa» que adquire coerência e regularidade. D. Stern (1985) chama *self emergente* à consciência desta organização, que resulta do estabelecimento das ligações entre experiências, sobretudo sensoriais, de diferente natureza e qualidade. É o *self emergente*, que se forma desde os dois meses de idade, que vai permitir ao bebé uma aprendizagem do mundo e das relações sociais. Para D. Stern, não há bebés imaturos. Diz: «um bebé de 2 meses não é um bebé imaturo. Ele tem a maturidade necessária para realizar as tarefas dum bebé de 2 meses», ou seja, funcionar com um *self* próprio da sua idade. Também D. Winnicott (2000 [1965]) nos diz que não é muito sensato especular sobre o momento a partir do qual uma criança pensa, uma vez que utiliza o seu cérebro desde o nascimento e que o termo pensar corresponde a funções variadas que pertencem a diferentes graus de maturidade.

Segundo D. Stern (1985), um dos mecanismos que estaria na base da organização do sentido do *self emergente* seria a *percepção amodal*, que consiste na transposição da informação recebida numa determinada modalidade sensorial para outra modalidade e cujo processo de codificação seria «misterioso e desconhecido».

Já Meltzoff, citado por D. Stern (1985), considera que estas experiências sensoriais são vividas em termos das suas qualidades globais, como sejam formatos, intensidades, ritmos ou padrões temporais, e não têm por base a relação com objectos nomeáveis.

Assim, podemos supor que o *self emergente* resultaria justamente da integração das diferentes qualidades da experiência do bebé num modelo que se torna específico de cada momento da sua vida e que, graças à memorização, se vai diferenciando e possibilitando a apreensão das

suas relações com o outro e o reconhecimento do mundo em que vive.

D. Houzel (1992) também refere este tipo de experiências. Para este autor, durante a mamada, o bebé vive um momento de coesão do *self*, uma vez que concentra numa só experiência diferentes sensações: tácteis (contacto com a pele da mãe), visuais e auditivas (face e voz maternas), gustativas (leite), olfactivas (o cheiro da mãe), mas também proprioceptivas, as diferentes posturas maternas (o segurar e aconchegar) e o saciar da fome. O mamilo seria, assim, o pólo atractor do funcionamento mental do lactente e, reportando-nos a D. Stern, a primeira experiência do bebé do seu *self* emergente.

B. Beebe, F. Lachmann e J. Jaffe (1997) consideram, com base em estudos experimentais que recorrem a métodos laboratoriais, nomeadamente electroencefalográficos ou de imagiologia cerebral, que muito precocemente se constituem estruturas interactivas, definidas como modelos de regulação afectiva entre a mãe e a criança, com características determinadas de tempo, espaço, da expressão facial ou vocal, dos afectos e da sua intensidade. Bebés com menos de dois meses já teriam uma capacidade de representação destas estruturas interactivas. O que é representado e memorizado desde o início da vida é a experiência com o outro e não a sua representação individual.

Se assim é, se aos dois meses um bebé já tem um *self* com capacidade de integrar as diferentes qualidades da experiência (*self emergente*) e tem capacidade para representar e reter a memória da experiência com o outro, isso poderá querer dizer que desde muito cedo se começam a instalar e a desenvolver as estruturas que permitem ter consciência da sua própria actividade mental.

D. Winnicott (2011 [1941]), a partir duma abordagem completamente diferente, confirmou a existência e a riqueza da vida mental dos bebés. Também ele criou, durante a consulta pediátrica, uma situação de observação para bebés entre os cinco e os treze meses que consistia em pôr uma espátula à disposição do bebé, instalado ao colo da mãe e diante dele. Sem qualquer intervenção do adulto, Winnicott deixava que o bebé se interessasse pela espátula, a manipulasse e a utilizasse de forma espontânea. Com base na sua observação, identificou várias fases no comportamento da criança, desde olhar o objecto, pegar na espátula, levá-la à boca, até a deixar cair repetidamente no chão. Descreveu assim uma primeira fase de curiosidade em relação ao objecto, uma fase de hesitação e finalmente uma fase de posse e prazer. Dá o exemplo duma menina de sete meses que sofria de crises de asma e que foi colocada nesta situação de observação. Durante a fase em que a criança hesitava em pegar na espátula, apareciam as dificuldades respiratórias, visíveis

nos movimentos do tórax e no aumento da sua frequência, dificuldades essas que desapareciam assim que a bebé levava a espátula à boca. Segundo D. Winnicott (2011 [1941]), a hesitação em pegar na espátula desencadeava um estado de ansiedade que correspondia a um conflito entre o impulso (movimento para pegar na espátula) e o seu controle (evitar pegar). E, portanto, diz o autor, mesmo um bebé de sete meses tem fantasias não ligadas à representação de palavras, mas plenas de conteúdo e emoção, e que irão constituir o fundamento da vida fantasmática posterior.

Como vemos, o estudo da vida mental dos bebés tem tido várias abordagens, desde a observação directa dos comportamentos, os estudos das interacções precoces, até ao método retrospectivo e introspectivo usado pelos psicanalistas.

Nos seminários de observação das interacções precoces realizados na Sociedade Portuguesa de Psicanálise (Gonçalves, M. J., 2003), interpretamos os comportamentos interactivos à luz: 1) da emergência no bebé de estruturas mentais que lhes permitem aceder ao mundo exterior, nomeadamente à mãe; 2) do pensamento materno, tentando descodificar o seu conteúdo latente, a sua capacidade de identificar os estados do bebé e de organizar respostas contingentes; 3) da contratransferência do observador; e finalmente, 4) da discussão de grupo.

1. O CORPO DO BEBÉ, MATRIZ DA VIDA PSÍQUICA

O corpo é o lugar onde se geram e agregam os elementos que vão dar origem à vida psíquica, o que leva B. Golse (2006) a referir que «o corpo do bebé representa a via real de acesso» aos primeiros processos de mentalização no ser humano.

É no corpo que se jogam as primeiras manifestações do bebé — quer sejam motoras, sensoriais ou proprioceptivas — que refletem os seus estados de bem-estar ou desconforto (Gonçalves, M. J., 2014). O bebé nasce com capacidades de se fazer ouvir e de ser olhado, transmitindo para o exterior, através desses sinais, os seus estados e as suas necessidades. Mas se o bebé tem as competências necessárias para mostrar os seus estados através das manifestações corporais e comportamentais, essas manifestações terão de ser pensadas por alguém que as receba, as identifique, as interprete e as transforme. Nomear estes estados dá-lhes compreensibilidade e a possibilidade de uma intervenção. W. Bion, como todos sabemos, teorizou este processo com o seu conceito de aparelho de pensar e de função continente da mente materna, e D. Winnicott teorizou-o com o conceito de preocupação maternal primária e de *holding*.

Se nos referirmos aos bebés de R. Spitz, que, após separados das mães aos seis meses, desenvolviam um quadro de irritabilidade e choro

intenso, insónias e recusa alimentar associado à perda de peso, ou se pensarmos nos sintomas funcionais dos lactentes estudados por L. Kreisler e M. Soulé da Escola Psicossomática de Paris, poderemos pensar — e de acordo com estes últimos autores — que os sintomas funcionais dos lactentes são uma tentativa de recuperar o equilíbrio homeostático perdido e, ao mesmo tempo, um apelo, uma chamada de atenção, através do corpo, para um sofrimento que ainda não tem uma expressão mental, que não é representável.

As manifestações somáticas tornam-se, deste modo, uma forma de expressão de sofrimento psíquico e constituem uma forma de sinalização que necessita da intervenção externa da mãe.

No caso do bebé de D. Winnicott (2011 [1941]), as dificuldades respiratórias surgem num momento de tensão vivida corporalmente, mas não representada. Observadas e interpretadas, a experiência adquire significado emocional e torna-se numa experiência psíquica.

A importância do corpo do bebé como o elemento primeiro que estrutura a relação humana e permite o acesso à comunicação foi, para mim, surpreendentemente ilustrada por Freud.

C. Mawson (2017), no seu artigo «Interpretation as Freud's specific action, and Bion's container-contained», cita o texto de S. Freud de 1985, «Projecto para uma Psicologia Científica»⁴.

A propósito da incapacidade de o bebé fazer frente a uma estimulação excessiva que irá provocar uma modificação interna no seu estado, e que não se resolve por si só, diz-nos Freud: «no bebé instala-se um estado de urgência» que se manifesta através de alterações motoras, choro, agitação, alterações vasculares. Esta acumulação de tensão rapidamente se torna insuportável e só pode ser aliviada por uma intervenção externa, que Freud chama *acção específica*, porque é a intervenção duma pessoa experiente — a mãe, experiente porque traz para a relação a «sua experiência de ser humano». Dessa forma, diz Freud: «esta via da descarga (somática) adquire uma segunda função da maior importância, a comunicação». Ou seja, os sinais que o bebé envia para o exterior ao desencadear «a atenção duma pessoa experiente» adquirem qualidade psíquica e valor de comunicação.

Este «comportamento adequado» por parte da mãe não é apenas um conjunto de procedimentos para cuidar do bebé, mas implica um envolvimento afectivo que tem por base mecanismos de identificação projectiva/introjectiva, ou, como diz Mawson (2017), o modelo continente-conteúdo de Bion. Esta ideia da capacidade materna de se identificar ao bebé como ser humano permite-me passar para o segundo ponto da minha exposição.

2. A MENTE MATERNA E OS PROCESSOS DE MENTALIZAÇÃO DO BEBÉ. O NASCIMENTO PSÍQUICO

O acesso à vida mental do bebé nos primeiros tempos de vida passa necessariamente pelo significado que a mãe atribui às suas manifestações.

E esta é uma das atribuições mais importantes do aparelho de pensar da mãe: pensar as sensações do bebé — o que inclui a capacidade de as identificar, acolher, transformar em pensamento e usar como meio de comunicação (Gonçalves, M. J., 2014).

De facto, desde o início, os pais agem como se os bebés tivessem uma intencionalidade, lhes comunicassem desejos, necessidades e emoções; e, de alguma forma, atribuem-lhes a existência dum *self* à sua semelhança.

A apropriação por parte da mente da mãe dos estados do bebé (elementos beta) permite a sua transformação, devido a um processo de alfetização, no sentido bioniano, primeiro em pensamento e depois em acção, que corresponde à intervenção específica de Freud, já referida, ou ao *holding* de D. Winnicott. Estas acções, pensamentos e palavras, pela sua repetição no tempo, vão podendo ser reconhecidas e antecipadas, graças à capacidade de o bebé organizar a informação que, como vimos, D. Stern (1985) chama *self* emergente. O bebé reconhece e antecipa as sequências interactivas e as suas diferentes qualidades de ritmo, intensidade, formato, de colorido afectivo. Digamos que há uma narrativa que se constitui para cada par mãe-bebé e que desde muito cedo o bebé interioriza, como B. Beebe, F. Lachmann e J. Jaffe (1997) demonstraram.

De facto, o processo da passagem do somático ao mental só é possível se for intermediado por alguém que interpreta a manifestação corporal do bebé e lhe atribui significado simbólico e relacional, num processo de semiotização e subjectivação.

Podemos dizer, como A. Green e tantos outros, e como nós próprios constatámos, que «nenhum psiquismo se pode constituir sem se dar primeiro a pensar a um outro psiquismo» (*apud* Golse, B., 2006), ou seja, que o bebé nasce psiquicamente na mente do outro.

Vou tentar ilustrar esta premissa com vinhetas muito curtas, retiradas das observações das interacções mãe-bebé realizadas no âmbito do seminário de observação de bebés — não sem deixar de agradecer o material que me foi disponibilizado pelos participantes no seminário. Partirei do que foi dado pensar ao observador a respeito do estado do bebé e também a respeito do contacto da mãe com os estados do bebé durante a interacção.

Vejamos um excerto duma observação duma bebé de um mês e uma semana.

Observação: «A bebé ora se deixa embalar pelas carícias da mãe e mergulha no sono, ora parece ter momentos de resposta, despertando. Quando

4

Um texto por ele abandonado em 1896 na sequência da sua passagem por Paris, altura em que o seu interesse pelo funcionamento do SNC e dos neurónios foi substituído, sob a influência de Charcot, pela curiosidade pela compreensão psicológica da histeria. Este texto, só publicado postumamente em 1950, adquire actualidade com os avanços das neurociências e com o conhecimento das bases neurofisiológicas das primeiras manifestações da comunicação humana.

a bebé se espreguiça, a mãe acha graça e sorri.»

Comentário da observadora: «Sinto que a bebé está feliz, completamente relaxada. «Imagino» que poderia sentir que nenhum mal lhe poderia acontecer.»

Mais adiante: «Durante a mamada, a bebé olha o seio e depois alcança um ângulo mais alargado, olha o rosto da mãe que lhe sorri.»

Comentário: «Sinto que está tudo no tempo certo. Que a mãe tem prazer e que a bebé “sabe” que a mãe está lá.»

No fim da observação, na passagem do colo da mãe para a alfofa, com a chucha, a bebé adormece. Comentário: «volto a sentir a confiança com que a bebé se entrega ao sono».

Que foi dado observar? Observamos que a bebé passa alternadamente da vigília ao sono, mostrando, pelas suas manifestações corporais, um estado de equilíbrio interno; que se deixa alimentar pela mama da mãe; que dirige o olhar, primeiro, para o seio, fonte de alimento, e, num segundo tempo, para a mãe, que se torna no foco da sua atenção.

Que *diz* a bebé à nossa observadora? Diz que está feliz, confiante, que conhece a mãe, como fonte de segurança, ou seja, é-lhe atribuído uma experiência psíquica que podemos fazer corresponder ao sentimento de confiança básica. De facto, a bebé transmite-nos muito mais do que nos é dado observar, sendo-lhe atribuído a capacidade de reconhecer o seu estado psíquico. E como é que isto acontece?

Eu diria que a mãe se apropria das manifestações da bebé e, tornando-as suas, lhes atribui qualidade afectiva, intencionalidade e significado relacional, mantendo a comunicação através dos seus sorrisos e da sua postura de aconchego. As manifestações corporais da criança adquirem, por essa via, qualidade psíquica. Este seu pensamento é transposto/incorporado pela observadora que, contratransferencialmente, acolhe o pensamento e o estado emocional da mãe com a bebé e, identificando-se à bebé, lhe atribui os sentimentos de segurança e bem-estar.

Vejamos um outro bebé de um mês e vinte dias.

O bebé chega à sala onde está o observador, ao colo da mãe, de olhos abertos, mas pouco «vivo». Durante toda a observação, a mãe não se dirige ao bebé, que está num estado de semivigília, intercalando estados de sono profundo com sono agitado e esboço de sorrisos. A mãe, com o bebé ao colo e sem notar os sorrisos, durante grande parte da observação esfrega as mãos do filho. O bebé, por vezes, dá uns saltos e fica, segundo o observador, «como os gatos, com as mãos no ar, em modo defensivo». Esta formulação é curiosa, remetendo-nos para uma ideia de um ser que não tem, ou ainda não tem, a qualidade humana. De facto, a mãe, durante a observação, mostrou-se desatenta, não proporcionando conforto nem carinho ao

filho, persistindo nas tarefas desajeitadas a que se dedicou durante todo o tempo. Entre outras coisas, disse: «O X. não era para acontecer, foi um acidente» (e de facto, dissemos nós no grupo, parece que ainda não aconteceu). A verdade é que, como disse a mãe, «não houve muita coisa para observar, pois não?».

Não havendo um pensamento sobre o bebé, não existindo um bebé na mente da mãe, não havia um bebé humano que pudesse ter sido apreendido e traduzido na sua individualidade específica pela mente do observador. Nas palavras de Freud, o que o observador sentiu e transmitiu ao grupo é que a mãe, durante a interacção, não transmitiu ao filho a «experiência de ser humano».

Em todo o caso, e já no fim da observação, a mãe diz: «esta noite, fez aquele sorriso intencional e dei por mim a falar com ele». Esta frase animou o grupo e fez-nos pensar que estava a começar a nascer um bebé na mente da mãe.

Parafraseando Lebovici, que afirmava que o objecto/mãe era investido antes de ser visto (*perçu*), podemos dizer que também a mente ou a psique do bebé para acontecer terá de ser investida antes de ser constituída.

O ORIGINÁRIO

Aos psicanalistas, mais do que o «bebé observado» na interacção actual com a figura materna, interessa o «bebé construído», que resulta do trabalho psicanalítico e da interacção fantasmática do analisando com o seu analista.

Ao trabalho do psicanalista interessa o originário, ou seja, o conjunto de representações que se organizam na fronteira da vida psíquica, quando esta está aquém da diferenciação psique/soma, e que são do nível do irrepresentável. Estas representações mantêm-se graças ao trabalho da memória, podendo apenas ser inferidas retrospectivamente pelo método psicanalítico (Mijolla, A., 2002).

Em ambos os casos, quer a partir do bebé observado, que nos remete para o precoce e para a organização do *self*, quer a partir do bebé reconstruído, que nos põe na senda do primário e do primitivo, construímos hipóteses de trabalho que nos permitem dar compreensibilidade ao que continua a ser desconhecido: o inconsciente. E tal como a mente da mãe constrói, a partir das interacções que vai estabelecendo com o seu bebé, o chamado bebé actual, também a mente do analista, na sessão de análise, constrói com o seu paciente o bebé originário. Tal como a mãe, porta-voz dos estados do bebé, o analista torna-se no porta-voz das experiências primárias, não representadas, que estão aquém da linguagem e de que o sujeito não tem um conhecimento directo.

O originário organiza-se no encontro do imaginário materno com as manifestações do

bebé — manifestações essas a que não é alheio o conceito de pulsão e de objecto.

S. Freud (1925) postulou a existência no ser humano das pulsões, definidas como os representantes psíquicos dum quantum de energia de origem somática e situadas, por isso, na fronteira entre o corpo e o psíquico, que têm como objectivo alcançar a satisfação das necessidades — objectivo que torna vital o encontro com o objecto — e são determinantes para a organização da nossa vida fantasmática.

Deste modo, poderemos inferir a existência, no bebé, de movimentos pulsionais que alimentam as suas competências inatas e o impelem a dirigir a sua actividade para o exterior, na procura dum objecto que satisfaça as suas necessidades de contacto, bem-estar e segurança — movimento esse que, como disse J. Bowlby (1969), não depende exclusivamente da satisfação das necessidades básicas, como a satisfação da fome, mas da necessidade de segurança e conforto. Chamou-lhe pulsão de vinculação.

O imaginário materno constrói-se com base nos conteúdos mentais que se organizam à volta do recalçamento e do *après-coup*, que, melhor ou pior integrados, incluem não só a sexualidade infantil da mãe e os seus investimentos objectais ou narcísicos, mas também os elementos resultantes das suas experiências precoces pré-verbais. O que a mãe «oferece» ao bebé tem origem nesse imaginário. O bebé recebe esse, digamos, «alimento psíquico» e fica em certa medida dependente, como diz P. Aulagnier (1975), do imaginário da mãe.

Talvez também possamos inferir que os movimentos pulsionais da mãe, objectais ou narcísicos, libidinais ou agressivos, numa repetição constante das suas experiências primárias, mantidas nos traços mnésicos, e a que o processo de *après-coup* vai atribuindo diferentes coloridos, vão condicionar a qualidade e o investimento das experiências precoces do bebé e contribuir para a organização da vida fantasmática da criança. Podemos dizer que a sua organização mental fica subsidiária do bebé fantasmático da mãe, mas também que as manifestações do bebé vão modulando, transformando e alimentando o próprio imaginário materno. Vejamos o caso do bebé citado anteriormente, que, com o seu sorriso, activou o imaginário materno e transformou a qualidade do seu investimento: «dei por mim a falar com ele».

Assim, seria neste jogo de representações e de identificações primárias cruzadas entre a mãe e a criança que se construiria a matriz do originário, que os analistas trabalham com os seus pacientes.

Pondo a questão noutros termos de compreensão, diria, citando P. Aulagnier (1975), que o que dá estatuto de objecto psíquico às manifestações da criança é o índice libidinal que impregna a actividade psíquica da mãe em relação

ao bebé. Se esse investimento materno não existir ou for muito deficiente, a relação com o bebé torna-se numa série de procedimentos escassos em conteúdo psíquico e afectivo

Por seu lado, entregue a si própria, a criança vive experiências sem significado e irrepresentáveis, que se podem tornar intoleráveis e caóticas e que vamos encontrar mais tarde, como D. Winnicott (1974) descreveu a propósito do medo do *breakdown*.

CONCLUSÃO

Originário, nascimento psíquico, origem da vida psíquica: três conceitos que se constituem de acordo com diferentes paradigmas. Originário *versus* interacção fantasmática; nascimento psíquico *versus* mentalização e subjectivação da experiência; origem da vida psíquica *versus* observação directa dos bebés e das estruturas mentais emergentes.

Mas podemos olhar também para estes três conceitos do ponto de vista metapsicológico: originário como a matriz do inconsciente; nascimento psíquico como o representante do pré-consciente; e, finalmente, a observação directa dos comportamentos, que se apresenta como consciente — estabelecendo-se relações topográficas, económicas e dinâmicas entre estes três níveis de conhecimento.

Uma última questão: as teorias psicanalíticas pós-freudianas, que resultaram do trabalho dos analistas ao nível dos conteúdos pré-verbais dos seus pacientes, não terão também elas uma raiz contratransferencial? Ou seja, o pensamento teórico do analista não transportará elementos do seu próprio originário, que se infiltram e ultrapassam as brechas do recalçamento e que se organizam num discurso/pensamento/teoria que vai tentar dar compreensibilidade a vivências primitivas não pensadas?

As teorias não serão em definitivo um derivativo representável do originário não representado dos psicanalistas?

A guisa de conclusão, volto a Freud: «it is in relation to a fellow human being that a human being learns to cognize». 🐾

ABSTRACT

The author, from three areas of knowledge —the direct observation of the baby, the observation of interaction mother-infant and the retrospective psychoanalytic method— intends to describe how the first mental representations of the babies emerge and how they will constitute the basis for their future psychic organization. She will try to establish the differences between the concepts of the origin of psychic life, the psychic birth and the original. Two clinical examples are presented.

KEYWORDS: birth of mental life, mother-infant interaction, mother’s mind.

BIBLIOGRAFIA

Aulagnier, P. C. (1975). *La Violence de l’Interprétation. Du pictogramme à l’énoncé*. Paris: PUF.

Beebe, B., Lachmann, F. & Jaffe, J. (1997). «Mother-infant structures and presymbolic self and object representations». *Psychoanalytic Dialogues*, 2: 133–182.

Bowlby, J. (1969). *Attachment*. Londres: The Tavistock Institute of Human Relations.

Freud, S. (1940). «An Outline of Psychoanalysis». In *Standard Edition*, vol. xxiii. Londres: H. Press.

Freud, S. (1915). «Instincts and their vicissitudes». In *Standard Edition*, vol. xiv. Londres: H. Press.

Golse, B. (2006). *L’être-bébé*. Paris: PUF.

Gonçalves, M. J. (2003). «Observação de bebês e escuta psicanalítica». *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 24: 75–84.

Gonçalves, M. J. (2014). «Corpo do bebê/ /pensamento materno. Um encontro necessário». Conferência no XXV Encontro da APPIA, Faro, 14 a 16 de Maio.

Houzel, D. (1992) «Psicanálise e Autismo». Conferência na Sociedade Portuguesa de Psicanálise, Lisboa.

Mawson, C. (2017). «Interpretation as Freud’ specific action and Bion’s container-contained». *International Journal of Psychoanalysis*, 98: 1519–1532.

Mijolla, A. (2002). «Dictionnaire International de la Psychanalyse». Paris: Calmann-Lévy.

Stern, D. (1985). «The Interpersonal World of the Infant: A view from psychoanalysis and Developmental Psychology». Nova Iorque: Basic Books

Stern, D. (1977). «The first relationship: infant and mother». Cambridge, MA: Harvard University Press.

Winnicott, D. (2011 [1941]). «The observation of infants in a set situation». In L. Caldwell & A. Joyce (eds.), *Reading Winnicott*. Londres: Routledge.

Winnicott, D. (2000 [1965]). «La pensée chez l’enfant. Un autre éclairage». In D. Winnicott, *La crainte de l’effondrement et autres situations cliniques*. Paris: Gallimard.

Winnicott, D. (1974). «Fear of Breakdown». *International Review of Psychoanalysis*, 1: 103–107.

Este corpo é meu ou da minha mãe? — O impacto da gravidez da analista na elaboração da relação das mulheres com o corpo^{1,2}

Ana Teresa Vale³

1

Artigo recebido em 10 de Maio de 2019 e aceite para publicação em 23 de Setembro de 2019.

2

Comunicação apresentada na 32.ª Conferência Anual da Federação Europeia de Psicanálise, subordinada ao tema «Body», no dia 13 de Abril de 2019, em Madrid. Esta apresentação foi apoiada pela bolsa para apresentação de trabalhos em congressos internacionais do Instituto de Psicanálise.

3

Psicóloga clínica e psicanalista. Membro associado da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Internacional de Psicanalistas (IPA). E-mail: ana.t.vale@gmail.com

4

Ferrante, E. (2018). «One morning I looked at myself in the mirror and recognised my mother», *The Guardian*, de 25 de agosto. Consultado em outubro de 2018, disponível em: https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2018/aug/25/elena-ferrante-one-morning-i-looked-at-myself-in-the-mirror-and-recognised-my-mother?CMP=fb_gu

Nota: este artigo está escrito conforme o recente Acordo Ortográfico.

RESUMO

O corpo da mãe é o primeiro território sobre o qual são projetadas fantasias, emoções e angústias, conduzindo à construção de um conjunto de representações inconscientes acerca do interior do corpo materno e do que dentro dele acontece durante a gravidez. Ao crescer, a rapariga vai integrar estas fantasias na representação inconsciente do seu próprio corpo, as quais vão emergir de forma premente durante a gravidez da analista. Num movimento dialético, a gravidez da analista reenvia a paciente para o corpo da mãe/analista e simultaneamente para o seu próprio corpo. Deste modo, a gravidez da analista é uma oportunidade valiosa para identificar e transformar estas fantasias e emoções inconscientes, trabalho de elaboração que poderá levar a um conhecimento mais profundo da relação das pacientes com o seu próprio corpo, propiciando uma maior apropriação do seu corpo e da sua identidade enquanto mulheres.

INTRODUÇÃO

Num artigo publicado no *The Guardian*, a escritora italiana Elena Ferrante afirma:

«A secret cord that can't be cut binds us to the bodies of our mothers. [...] One morning I looked at myself in the mirror and I recognised her: she was there, in my body. And to my surprise it began to bother me less and less; slowly I discovered her in my gestures, in a particular way of showing or controlling feelings, in my voice. If it was impossible to go back inside my mother, it was very possible that she had been inside me since birth.»⁴

A construção da representação inconsciente do corpo (que chamamos de corpo fantasmático) é

PALAVRAS-CHAVE

Corpo
Gravidez
Indiferenciação
Fantasias primárias

uma tarefa complexa, ocorrendo a diversos níveis e estando incluída na construção do que Lombardi (2017) denomina o elo corpo-mente. De facto, diversos fatores estão em jogo e influenciam o resultado final: o corpo é a origem primeira das sensações, provocadas por estímulos, quer internos, quer externos, sensações essas que irão estruturar a mente. E ao mesmo tempo, o corpo é o continente da experiência subjetiva.

O objetivo deste artigo será então duplo: por um lado, compreender como é que as fantasias infantis das meninas acerca do corpo da mãe influenciam a construção da representação do próprio corpo e, portanto, a forma como as mulheres se relacionam com ele; por outro lado, observar como é que estas fantasias e emoções inconscientes emergem

no contexto da gravidez da analista e que forma tomam. Num momento particular do processo analítico como é este, os aspetos referidos emergem com maior facilidade, desencadeados pelas mudanças visíveis do corpo da analista e pelas fantasias a isso associadas. Assim, a gravidez da analista é uma oportunidade valiosa para identificar e questionar as fantasias e emoções inconscientes construídas acerca do corpo feminino (o materno e o próprio), trabalho de elaboração que, quando bem-sucedido, leva as mulheres a uma transformação da relação com o próprio corpo e com a sua identidade feminina.

O CORPO MATERNO, LUGAR DA VIDA E DA MORTE

Desde o nascimento (e ainda mais no útero), a primeira relação do bebé com a mãe passa pelo corpo. No texto de 1909 sobre «O Pequeno Hans», Freud declara que um evento crucial na vida do rapazinho é o nascimento da sua irmã, e, concomitantemente, a gravidez da mãe, e as mudanças que nela deteta.

Estes eventos desencadeiam um conjunto de fantasias acerca do interior do corpo materno — este é visto como um baú onde estão armazenados todos os bebés, onde eles falam, andam, se alimentam e onde ele próprio teria estado antes de nascer. Portanto, o corpo da mãe é um território mágico e poderoso, inexoravelmente ligado à vida e à morte. O parto é algo que, na sua mente infantil, está ligado a um certo tipo de prazer — o prazer sexual, evidentemente —, mas também é visto como um acontecimento violento, potencialmente letal.

Do ponto de vista de Klein (1928, 1930), o que ela chama de instinto epistemofílico é, antes de mais, um impulso para roubar os conteúdos do corpo materno — os bebés, o leite, as fezes, o pénis do pai, que, na fantasia infantil, aí estariam guardados. Este impulso é visto como agressivo, logo, na sua conceptualização, a curiosidade acerca do interior do corpo materno não pode ser dissociada de uma certa destrutividade e, portanto, de um determinado sentimento de culpa.

Apesar de estas duas abordagens serem diferentes, têm algo em comum: ambas representam o interior do corpo da mãe como um lugar mágico onde reside o poder sobre a vida e a morte.

Também Meltzer (1990), ao falar do conflito estético, afirma que o bebé, aquando do seu primeiro confronto com o mundo, experiencia um impacto intenso e profundo relacionado com a beleza do rosto da mãe. Este impacto conduz à necessidade de imaginar e representar o que estará por trás desse rosto.

Consequentemente, as fantasias acerca do interior do corpo e da mente maternos são muito arcaicas e são vistas como cruciais para o desenvolvimento da relação entre o bebé e a mãe. Na prática clínica, o interior do corpo materno surge representado a nível inconsciente como algo misterioso, mágico, mas também terrível e assustador. A mãe é aquela que simultaneamente tem o poder de criar

bebés, mas também de os destruir.

No caso das mulheres, todas estas fantasias referentes ao interior do corpo materno vão fazer parte da sua representação inconsciente do próprio corpo. Os aspetos mágicos, misteriosos e onnipotentes serão integrados na forma como as mulheres veem e vivem o seu corpo, e esta é uma das razões pelas quais as mulheres têm tantos conflitos à volta do seu corpo — muito mais do que os homens.

Para Balsam (2003), isto está relacionado com ansiedades muito primitivas associadas à plasticidade do corpo feminino e à sua visível instabilidade ao longo do ciclo de vida. Numa perspetiva diferente, Valdrè (2018) fala do corpo feminino como o lugar onde todos os desejos e apetites têm origem e são ao mesmo tempo destruídos.

Nesse sentido, Ferrante tem razão — todas as mulheres têm o corpo das mães dentro delas, uma vez que o modo como representamos o nosso próprio corpo integra, de uma forma ou de outra, tudo o que imaginámos acerca do corpo da nossa mãe, desde os aspetos mais gratificantes e criativos até aos mais mortíferos e angustiantes.

Na clínica, encontramos pacientes que levam esta constelação ao extremo, nomeadamente nas situações que Perelberg (2017) descreve como uma vinculação melancólica à mãe arcaica, na qual a paciente tem uma experiência fragmentada do seu próprio corpo, cuja origem se encontra numa indiferenciação radical entre o seu próprio corpo e o corpo da mãe.

A GRAVIDEZ DA ANALISTA E A EMERGÊNCIA DAS FANTASIAS ARCAICAS

Se considerarmos o que Lemma (2014) apelidou de «*setting* encarnado» (*embodied setting*), a presença do corpo da analista é em si mesma parte do *setting*. Logo, as mudanças — subtis ou, pelo contrário, muito evidentes — que apresenta irão facilitar a emergência destas fantasias e angústias arcaicas.

Assim, em ocasiões em que o corpo da analista exhibe mudanças drásticas, como é o caso da gravidez, estas fantasias inconscientes, geralmente bastante inacessíveis e muitas vezes associadas ao núcleo da patologia do paciente, podem ter oportunidade de emergir no campo e serem trabalhadas (Pearlman, L., 1986; Etchegoyen, A., 1993; Mariotti, P., 1993). Tal como Perelberg (2017) postula, o corpo da analista pode então ser internalizado e simbolizado, transformando-se numa estrutura organizadora que poderá permitir uma maior diferenciação entre o sujeito e o objeto materno.

A gravidez da analista tem, a diversos níveis, um impacto profundo na construção do feminino. Quando analisamos os movimentos transferenciais das pacientes nesta situação, um dos aspetos recorrentemente referidos na literatura é a resposta da paciente à sexualidade da analista, que fica

visível e exposta através do corpo que muda, o que espoleta fantasias e angústias de nível edipiano (McWilliams, N., 1980; Pearlman, L., 1986; Bassen, C., 1988; McGarthy, M., 1988; Deben-Marger, M., 1993; Etchegoyen, A., 1993; Balsam, R., 2003; Zeavin, L., 2005; Péretié, R., 2010; Yakeley, J., 2013).

À semelhança da situação do nascimento de um irmão na infância, a gravidez da analista põe na mesa o reconhecimento da alteridade e da sexualidade dos pais, a forma como os pacientes representam a cena primitiva, os sentimentos espoletados pela rivalidade e pela perda, o sentimento de exclusão, o conflito entre saber e não saber o que está a acontecer e o que é que isso significa (Zeavin, L., 2005).

As angústias edipianas têm um impacto muito evidente na forma como a mulher vive a sua sexualidade, sendo esta uma das dimensões da relação da mulher com o seu corpo; mas não é a única: encontramos uma outra dimensão, de nível mais arcaico, que está ligada a fantasias e angústias muito precoces em relação ao corpo da mãe. Balsam (2003) descreve a relação que a rapariga irá estabelecer com o corpo da mãe grávida e como essa experiência lhe poderá permitir imaginar-se como adulta e possivelmente grávida como a mãe. Para a autora, a perceção do corpo materno durante a gravidez é mesmo um elemento crucial na construção da imagem corporal.

Por vezes, encontramos na clínica certas mulheres adultas que, inconscientemente, ainda vivenciam o seu próprio corpo como infantil ou adolescente. Nesse caso, na sua fantasia inconsciente, o espaço interno que poderá permitir o desenvolvimento de um bebé está-lhes inacessível e parece estar reservado à mãe/analista (Mariotti escreve acerca de uma paciente que tinha esta fantasia; só depois da gravidez da analista, e com o trabalho de elaboração tornado possível devido a este acontecimento, é que a paciente conseguiu encontrar esse espaço criativo dentro dela).

Durante a minha gravidez, uma paciente que já estava em análise há vários anos começou a falar da forma como tinha vivido a gravidez do seu filho (que havia ocorrido uns anos antes de começar a análise). Já tinha anteriormente referido que sentia vergonha durante a gravidez, o que na altura tinha sido interpretado como parte de um sentimento mais geral de que a sua imagem e a sua personalidade não estariam de acordo com aquilo que os pais gostariam que ela fosse.

Em resposta às mudanças do meu corpo, este assunto voltou a surgir e deu-nos a ocasião para o aprofundar — compreendemos o seu desejo de ser invisível e que, na altura da gravidez do seu filho, sentia que o corpo chamava demasiado a atenção, sentindo isso como ameaçador. Procurando compreender melhor essa ameaça, percebemos que, no seu

mundo interno, apenas a mãe podia destacar-se, e, portanto, apenas a mãe tinha o direito de engravidar.

Dessa forma, enquanto estava grávida, sentia que estava a fazer algo errado, que não lhe era permitido — não podia estar ela própria nessa posição de poder, que era apanágio da mãe. Comigo, na transferência, perguntava-se se eu seria como a sua mãe, poderosa e descontraída com a minha gravidez — e, conseqüentemente, ela teria de se anular e as suas necessidades não seriam tidas em conta —, ou se seria como ela própria, sentindo-me envergonhada e com necessidade de me esconder?

De facto, várias autoras (McWilliams, N., 1980; Bassen, C., 1988; Deben-Margen, M., 1993) chegaram à conclusão de que uma das associações que emerge recorrentemente durante a gravidez da analista é a experiências infantil relacionada com a gravidez da mãe.

Especificamente nas pacientes mulheres, a elaboração destas experiências e das fantasias a elas associadas conduz inevitavelmente o trabalho analítico para os medos, fantasias e ansiedades relacionados com o seu próprio corpo e a sua própria sexualidade, com os seus poderes e limites.

A emergência destas fantasias pode acontecer de formas subtis, como, por exemplo, numa paciente em psicoterapia que, durante a minha gravidez e após a minha licença de maternidade, começou a focar-se mais no seu desejo de ter filhos. Isto permitiu esclarecer alguns aspetos ligados à forma como vivia a sua feminilidade, a sua sexualidade e o seu corpo feminino, interligados aos quais estavam as suas fantasias sobre a sexualidade da mãe e o que a mãe teria sentido enquanto estava grávida dela.

Num movimento dialético, a gravidez da analista reenvia simultaneamente a paciente para a sua relação com o corpo materno e com o seu próprio corpo, permitindo que o par analítico se foque nas experiências e fantasias infantis acerca do interior do corpo da mãe (e do corpo da analista na transferência) e, paralelamente, naquelas acerca do interior do seu próprio corpo (Péretié, R., 2010).

Em certas pacientes, estas fantasias emergem de formas muito violentas e não mentalizadas. Uma paciente que estava em psicoterapia há muitos anos e que tinha tendência para ter acidentes que continham um profundo significado inconsciente teve um acidente alguns dias depois de eu iniciar a minha licença de maternidade.

Quando retomámos as sessões, descobri que ela tinha estado imobilizada em casa a maior parte do tempo em que estive ausente. Além do significado mais óbvio (uma encenação do abandono e do desespero que sentiu na minha ausência), também compreendemos que neste movimento havia uma identificação inconsciente comigo (no sentido da identificação melancólica de que fala Perelberg). De facto, a paciente havia projetado em mim a sua fantasia de que ter bebés é um desastre que faz com

que a vida da mãe fique em suspenso — algo que acabou por se associar à sua explicação inconsciente para a depressão da sua mãe.

Yakeley (2013) postula que os pacientes que tiveram dificuldade em estabelecer um vínculo seguro com o seu corpo têm oportunidade de usar as suas emoções em relação à gravidez da analista para construir uma relação mais confortável com o seu próprio corpo, podendo então criar uma imagem corporal menos distorcida. Na apresentação do caso da paciente de que fala no seu artigo, é espantoso ver como ocorre, durante a gravidez da analista, uma poderosa emergência das ansiedades relativas ao corpo feminino e às suas vicissitudes, acompanhada por uma fantasia inconsciente de indiferenciação do próprio corpo com o corpo da mãe/analista.

Também no artigo de Zeavin (2005), sobre as dimensões de saber e não saber, vemos como a paciente descrita sobrepõe o corpo da analista durante as gravidezes ao corpo da mãe enquanto lutava contra uma doença oncológica. Não só fica clara na descrição do caso a indiferenciação entre o corpo materno e o corpo da analista (sendo o corpo feminino na fantasia da paciente aquele que fica sujeito a horrores como a doença, a morte e a gravidez), como ainda aparece claramente a intolerância à diferenciação da própria paciente com a analista, diferenciação essa que punha a paciente em risco de entrar em contacto com uma perda inconcebível.

Este aspeto da indiferenciação entre o corpo da paciente e o corpo da mãe/analista aparece constantemente na literatura e de facto é sublinhado por diversas autoras (Hazan, M., 1990; Mariotti, P., 1993; Péretié, R., 2010).

Na minha experiência clínica, esta dimensão também pareceu muito relevante, como, por exemplo, no caso de outra das minhas pacientes, que sempre havia tido grandes conflitos acerca do seu corpo — desde o início do nosso trabalho, descrevia um sentimento de repugnância em relação aos conteúdos corporais, nomeadamente ao sangue menstrual, e rejeitava veementemente a ideia de engravidar, apesar da pressão do marido. Anos de trabalho à volta deste tema não conseguiram tirá-la deste dilema — não conseguia decidir-se a ter um filho, mas também não conseguia decidir fechar definitivamente essa possibilidade.

Já tínhamos previamente entendido que ela associava o sangue menstrual ao sangue da mãe quando era batida pelo pai durante a sua infância — e na sua fantasia, o corpo grávido era especialmente vulnerável, tornando as mulheres alvos fáceis de todo o tipo de ataques.

Mais ainda, sendo a mais velha de uma fratria de cinco irmãos, viu a mãe engravidar e ter bebés — e à medida que o tempo passava, a mãe ia ficando cada vez mais deprimida e cada vez mais dependente do álcool. O que, na sua fantasia, significava que as gravidezes e os bebés eram

altamente destrutivos e ameaçadores.

No seu mundo interno, o seu corpo não podia ser diferente do da mãe, e, portanto, não conseguia visualizar para ela um cenário distinto do da mãe. Só depois de viver a gravidez da analista e destes aspetos serem de novo trabalhados é que foi possível diminuir o carácter destrutivo destas fantasias, o que eventualmente conduziu a uma gravidez, ao parto de um bebé saudável e a uma relação mais gratificante com o seu corpo e a sua sexualidade.

Tal como Hazan (1990) sublinha, a experiência da gravidez da analista não é uma realidade em si mesma, mas, sim, um material híbrido, condensando os aspetos da realidade do corpo em transformação com aspetos da vida mental dos pacientes que aí são projetados. Neste sentido, as mudanças físicas da analista durante a gravidez vão provocar sentimentos de medo ou de fascínio, dependentemente de essas mudanças serem vistas como deformações bizarras, mutilações monstruosas ou sinais de poder e criatividade. Portanto, obriga o/a paciente e a analista a lidar com um amplo leque de emoções: ódio, medo, inveja, admiração, entre outros.

Noutro processo analítico, a minha gravidez inaugurou uma fase dolorosa e complexa, na qual a paciente decidiu engravidar seis meses depois de eu voltar da minha licença de maternidade. Este movimento, podendo ser visto como uma forma de negar a diferença entre nós ou a dor da separação, foi também interpretado como um desejo de se identificar com uma mãe criativa e poderosa e com um casal parental adulto, capaz de criar algo novo e belo.

Contudo, apresentou-se uma situação de infertilidade que fez emergir à consciência uma miríade de fantasias, até aí inacessíveis. Nesta fase, a paciente tinha sonhos em que o corpo feminino era sentido como bizarro. No material das sessões, aparecia o medo da morte associado à gravidez e ao parto; emergia também uma ansiedade intensa à volta da ideia de matar bebés, de não ser capaz de os fazer desenvolver dentro do seu útero.

Todas estas angústias diziam respeito a fantasias infantis acerca do corpo materno, construídas em determinados momentos da sua infância, nomeadamente na gravidez da sua irmã mais nova, na qual a mãe teve de ficar de repouso durante um tempo considerável.

Por outro lado, a paciente também tinha vivido, quando era muito pequena, a morte de um irmão bebé, vivência que lhe tinha deixado sentimentos confusos e complexos, entre os quais a fantasia de que a mãe não tinha sido capaz de proteger o bebé — o que a um nível inconsciente seria equivalente a tê-lo matado. Neste sentido, foi-nos dada a oportunidade de trabalhar analiticamente esta fantasia da mãe arcaica onipotente, representação que causava terror à paciente. Este medo fazia com que tentasse sempre fugir ao reconhecimento desta figura dentro dela, ao mesmo tempo que não

podia evitar confundir-se com ela, sentindo-se a si mesma como altamente destrutiva.

Estas angústias e fantasias foram vividas comigo na transferência e elaborámos juntas diversos aspetos desta representação inconsciente acerca do interior do meu corpo, o que necessariamente tinha o seu reflexo na representação do seu próprio corpo. Por exemplo, viveu o medo que eu morresse enquanto estava grávida e durante o período da minha licença de maternidade, da mesma forma que tinha vivido no passado o medo da morte da mãe enquanto estava grávida e como vivia na fantasia o medo da sua própria morte.

De facto, o trabalho analítico esclareceu a fantasia que tinha de que o seu corpo não teria capacidade para levar a termo uma gravidez e dar à luz um bebé, interligada com a fantasia semelhante que havia tido em pequena em relação à mãe durante a gravidez da irmã mais nova. Na sua fantasia, o seu corpo iria colapsar, todos os órgãos internos iriam desligar-se uns dos outros e nada mais faria sentido no interior do seu corpo.

Ao longo de todo este período, que se prolongou por vários anos, trabalhámos, às vezes com muito sofrimento, todos estes aspetos relacionados com a feminilidade, o corpo feminino, a diferenciação do seu corpo do meu e do da mãe, lidando com angústias muito primitivas e permitindo a sua emergência sem nenhuma de nós colapsar. Isto acabou por conduzir a uma relação mais saudável e mais gratificante com o seu próprio corpo, com a sua sexualidade e com a sua identidade feminina, e a um reconhecimento mais realista das suas capacidades e limitações.

CONCLUSÃO

A relação entre o corpo e a mente e a construção da representação inconsciente do corpo é uma área de estudo muito complexa, na qual a Psicanálise se vai debruçando com maior interesse à medida que avança na sua investigação dos estados primitivos da mente.

De facto, estas fantasias e emoções sobre o interior do corpo da mãe são muito primitivas e, tal como outras experiências arcaicas, vão complexificar-se e transformar-se à medida que a mente cresce e se desenvolve. Nas mulheres, estas fantasias farão parte da representação inconsciente do seu próprio corpo, fantasias que terão a oportunidade de emergir das condições fornecidas pelo *setting* analítico.

Especificamente no caso da gravidez da analista, movimentos transferenciais intensos relacionados com a sexualidade e a morte da analista, fantasmas edipianos reatualizados no campo analítico e outras vivências e fantasmas infantis são visíveis e passíveis de serem elaborados. Além destas dimensões, aparecem também outras, mais arcaicas, que dizem respeito a fantasias primárias em relação ao corpo da mãe/analista.

Nas pacientes referidas, podemos observar como a transformação do corpo da analista durante a gravidez permitiu o surgimento de certas angústias e fantasias arcaicas acerca do corpo da mãe e acerca do próprio corpo. Nesta medida, apareceram representações do corpo feminino como vulnerável, frágil, sujeito a ataques e a agressões, conjuntamente com fantasias de morte e destruição, que parecem ter que ver com uma representação muito arcaica de uma mãe onipotente, com a qual a paciente evita identificar-se, mas ao mesmo tempo parece não conseguir deixar de se confundir.

A oportunidade dada pela gravidez da analista para trabalhar estas emoções e fantasias leva-nos a pensar que o corpo da analista apareceu como um terceiro elemento que permitiu uma melhor diferenciação entre o eu e o objeto materno, permitindo novas formas de viver e sentir o corpo de mulher. Consequentemente, abriu a possibilidade para uma melhor integração da relação das pacientes com o seu corpo feminino.

A elaboração destas angústias e fantasias será, então, uma oportunidade valiosa para transformar a forma como a mulher habita o seu próprio corpo, permitindo uma maior apropriação do seu corpo e da sua identidade enquanto mulher. Uma vez que a analista grávida estará ela própria a elaborar a sua feminilidade e a sua relação com os poderes de criatividade e de destrutividade presentes no seu próprio corpo, poderá estar mais sintonizada para estes processos nas suas pacientes, transformando o período da gravidez da analista numa oportunidade de crescimento para ambos os membros do par analítico. 

ABSTRACT

The mother's body is the first territory over which fantasies, emotions and fears are projected, leading to the construction of certain unconscious ideas about the interior of the mother's body, and what happens to and in her body during pregnancy. While growing up, the girl will integrate these fantasies in the representation of her own body. In a special event, as in the analyst's pregnancy, all these emotions and fantasies will make their way into dreams, and into the transference-countertransference field. The author discusses the way the working through of these fantasies and emotions can lead to a better and more profound understanding of the relationship female patients have with their own body. This working through will, in turn, lead to a transformation of how female patients inhabit their own bodies, and also of their unconscious body representation, allowing greater ownership of their bodies and ultimately their identity as women.

KEYWORDS: body; pregnancy; indifferentiation; archaic fantasies.

BIBLIOGRAFIA

- Balsam, R. (2003). «The vanished pregnant body in psychoanalytic female developmental theory». *Journal of the American Psychoanalytical Association*, 51: 1153–79.
- Bassen, C. (1988). «The impact of the analyst pregnancy in the course of analysis». *Psychoanalytic Inquiry*, 8: 280–298.
- Deben-Mager, M. (1993). «Acting out and transference themes induced by successive pregnancies of the analyst». *International Journal of Psychoanalysis*, 74: 129–139.
- Etchegoyen, A. (1993). «The analyst's pregnancy and its consequences on her work». *International Journal of Psychoanalysis*, 74: 141–149.
- Ferrante, E. (2018). «One morning I looked at myself in the mirror and recognised my mother». *The Guardian*, de 25 de agosto. Consultado em outubro de 2018, disponível em: https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2018/aug/25/elena-ferrante-one-morning-i-looked-at-myself-in-the-mirror-and-recognised-my-mother?CMP=fb_gu
- Freud, S. (1909 [1973]). «Analyse de une phobie chez un petit garçon de 5 ans (le petit Hans)». In *Cinq Psychanalyses*. Paris: Presses Universitaires de France, 93–198.
- Hazan, M. (1990). «La grossesse de l'analyste: Fantasma ou réalité? Ou la réalité dépasse-t-elle la fiction?». *Santé Mentale au Québec*, 15(2): 168–180.
- Klein, M. (1930 [1998]). «The importance of symbol formation in the development of the ego». In *Love, Guilt and Reparation and other works*. Londres: Vintage, 219–232.
- Klein, M. (1928 [1998]). «Early stages of the Oedipus conflict». In *Love, Guilt and Reparation and other works*. Londres: Vintage, 186–198.
- Lemma, A. (2014). «The body of the analyst and the analytic setting: Reflections on the embodied setting and the symbiotic transference». *International Journal of Psychoanalysis*, 95: 225–244.
- Lombardi, R. (2017). *Body-mind Dissociation in Psychoanalysis – Developments after Bion*. Londres: Routledge.
- Mariotti, P. (1993). «The analyst's pregnancy: The patient, the analyst and the space of the unknown». *International Journal of Psychoanalysis*, 74: 151–164.
- McWilliams, N. (1980). «Pregnancy in the analyst». *American Journal of Psychoanalysis*, 40: 367–369.
- McCarthy, M. (1988). «The analyst's pregnancy». *Contemporary Psychoanalysis*, 24: 684–692.
- Meltzer, D. (1990). «O conflito estético e o seu lugar no processo de desenvolvimento». *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 8: 5–29.
- Pearlman, L. (1986). «The analyst's pregnancy – transference and countertransference reactions». *Modern Psychoanalysis*, 11: 89–102.
- Perelberg, R. (2017). «Love and melancholia in the analysis of women by women». *International Journal of Psychoanalysis*, 98: 1533–1549.
- Péretié, R. (2010). «La grossesse de l'analyste: Un événement de vie fertile dans la relation analytique». *Revue Française de Psychanalyse*, 74: 489–506.
- Valdrè, R. (2018). *Life inside Death. Psychoanalytic perspectives about Freudian death drive*. Londres: Routledge.
- Yakeley, J. (2013). «Seeing, mirroring, desiring: The impact of the analyst's pregnant body on the patient's body image». *International Journal of Psychoanalysis*, 94: 667–688.
- Zeavin, L. (2005). «Knowing and not knowing: The analyst's pregnancy». *Psychoanalytic Quarterly*, 74: 703–735.

Psicanálise e Criação Literária¹

Maria José Martins de Azevedo²

1

Artigo recebido em 7 de Julho de 2019 e aceite para publicação em 19 de Setembro de 2019.

2

Psicóloga clínica, psicoterapeuta, psicanalista e escritora. Formadora na Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP), membro da IPA (Associação Internacional de Psicanálise), da FEP (Fédération Européenne de Psychanalyse) e da SEPEA (Société Européenne pour la Psychanalyse de l'Enfant et de l'Adolescent). E-mail: mjmazevedo@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, estuda-se a influência da literatura na construção da teoria psicanalítica no que concerne aos seguintes aspetos: enquanto método de exposição e de ensaio, enquanto objeto de inspiração e de enunciação de paradigmas psíquicos e enquanto objeto da psicanálise. Para o desenvolvimento deste estudo, relevamos o lugar que a literatura ocupou na obra do fundador da psicanálise, Sigmund Freud. Foi através da literatura e da sua ancoragem literária que o fundador efetuou na cultura a sua emergência catalisadora. É a partir desta ancoragem que emerge da ciência por ele criada, e é através dela, ainda, que vislumbramos uma das razões que justificam a atualidade da sua obra, ou seja, a circunstância da sua intemporalidade. Neste sentido, é também colocada em análise a questão da dupla faceta do mestre, a literária e a científica, para a construção da sua obra.

PALAVRAS-CHAVE

Psicanálise
Criação literária
Literatura
Dupla identidade
psicanalista-escriptor

INTRODUÇÃO

Ao lermos a obra de Freud, somos confrontados com a pergunta: poder-se-á considerar Freud um escritor, para lá de ter sido o primeiro psicanalista e o fundador da psicanálise? Que relações poderemos estabelecer entre a criação da psicanálise e a criação literária?

A criação literária interessou desde sempre a psicanálise, e o seu fundador manteve com ela, em vida, uma relação profunda de inspiração, de admiração e de conhecimento. Refiro, a título ilustrativo, escritores e poetas, como Goethe, Thomas Mann, Stefan Zweig, Mark Twain, Hoffmann, Rainer Maria Rilke, Henrich Heine, Romain Rolland, Arthur Schnitzler, que o inspiraram, tendo, com alguns deles, estabelecido uma relação epistolar (Pontalis, J.-B., 2014; Prater, D. *et al.*, 2004) ou uma confraternização na qual encontrava alento. Da criação literária, extraiu, no meu entender: um método de exposição e de ensaio, um objeto de inspiração e de enunciação de paradigmas psíquicos e um objeto de análise. Serão estes os principais aspetos que iremos abordar ao longo do presente artigo.

O GÉNERO LITERÁRIO ENQUANTO MÉTODO EXPOSITIVO E DE ENSAIO NA PSICANÁLISE

Enquanto método de exposição e de ensaio, foi a partir da cura pela fala, descoberta com o caso Anna O., que Freud estabeleceu pela escrita uma contrapartida científico-literária: a do registo do sintoma. Esta articulação com a criação literária ocorreu sobretudo desde o caso Dora, no qual evidenciou o seu dom e a sua bagagem literária de juventude. Foi a partir do tratamento dos casos de histeria e da sua narrativa que instituiu os pilares da linguagem, a oral e a escrita, como as fundações da psicanálise, e foi pela escrita do caso que se descobriu um autor inspirado, um investigador e um mestre. A clínica é, por si, apontada como fonte de saber, e a metapsicologia como uma elaboração ou uma superestrutura: «teorizar é importante, mas não impede as coisas de existirem» (Freud, S., 1969 [1892, 1905, 1917]). Esta teorização foi também realizada com mestria, e o prazer da sua leitura foi decerto decisivo na atribuição do prémio Goethe, o único que recebeu em vida, o qual, não sendo literário, deteve o nome de um imortal da literatura. Tal circunstância conduziu Pontalis (2014) a reconhecê-lo como escritor, comparando-o a Hermann Hesse e a Thomas Mann.

Nota: este artigo está escrito conforme o recente Acordo Ortográfico.

O próprio Freud parecia identificar-se secretamente com um escritor. Apoiando esta hipótese, nomeamos quatro factos: o primeiro, através de uma referência ao seu livro intitulado *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1969 [1910a]) como a obra mais bela que havia escrito; o segundo, o título inicial que havia dado à obra *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1934) era *O homem Moisés, um romance histórico* (Santos, V., 2017); o terceiro, a circunstância de ter mantido na obscuridade epistolar o facto de considerar o escritor Arthur Schnitzler como um seu duplo (Chaves, E., 2016); e o quarto, o facto de Schiller habitar o seu teatro onírico (sonhos *non-vixit*, 1900, pp. 455, 512, 545, e *Marburgo*, 1901).

Schiller representou para Freud, desde a sua adolescência, uma poderosa figura de identificação. Participante do movimento *Sturm Und Drang* — que representou uma reação ao neoclassicismo e foi um precursor do romantismo: favorecia a criatividade artística, a beleza da natureza e a subjetividade —, juntamente com Goethe, Herder e Haydn, Schiller desempenhou um papel inspirador e determinante no valor que Freud atribuiu ao belo, à liberdade e ao homem total. Identificamos Freud posicionado entre as duas pulsões, numa autorrepresentação do homem total, a imagem do artista, aquele que surge da união entre o inconsciente e a reflexão. Freud terá tido, além de Schiller, muitos duplos. O nome mais referenciado foi o do médico Wilhelm Fliess, mas foi com os poetas e os escritores que estabeleceu esta forte corrente empática e criativa, uma relação que constitui o subsolo imaginativo e fermentador da psicanálise. A eles reconheceu o «poder poético, o intuitivo e a profunda compreensão psicanalítica» (Shaeffer, *in* Freud, S., 1969 [1919], p. 260), os quais representavam, afinal, segundo a sua teoria do duplo (1919), os seus próprios poderes. A sua identidade de escritor foi, talvez, por si mantida em segredo por considerar que tal prejudicaria a afirmação da psicanálise como ciência.

A CRIAÇÃO LITERÁRIA ENQUANTO OBJETO DE INSPIRAÇÃO PSICANALÍTICA

Enquanto objeto de inspiração e de enunciação de paradigmas psíquicos, a criação literária, com as suas personagens e autores, constituiu terreno fecundo para Freud. A eles aplicou o mesmo método da investigação psicanalítica, qual Sherlock Holmes, como a si próprio se referiu numa auto-comparação (Freud, S., 1969 [1917a], p. 11). A título exemplificativo, mencionam-se, entre as muitas análises que compõem a sua obra: as do carácter de Ricardo III e de Lady Macbeth (Freud, S., 1969 [1916]), nas quais dissecou as transformações do desejo e as metamorfoses da representação materna no percurso da vida; os estudos de carácter de Hamlet, de Otelo e do seu

autor, Shakespeare, o qual o impressionou tanto que é por si citado setenta e oito vezes ao longo da sua obra, segundo o índice de Strachey; as investigações psicanalíticas de *Os Irmãos Karamazov* e do seu autor, Dostoiévski (Freud, S., 1969 [1928]), aquando do estudo e desenvolvimento dos mecanismos de enfraquecimento e de ocultamento do desejo de morte do pai; e ainda as análises dos textos de Sófocles e da figura de Rei Édipo. As personagens de Édipo e de Narciso, que deram os seus nomes aos complexos psíquicos mais conhecidos, foram soerguidos, recuperados e atualizados: de personagens da literatura clássica, cujo destino provável seria o esquecimento (Roudinesco, E., 1999, p. 154), foram convertidos a personagens atuais com função de mitos universais organizadores da mente e da metapsicologia.

A CRIAÇÃO LITERÁRIA ENQUANTO FONTE ENUNCIATIVA DE PARADIGMAS PSÍQUICOS

Freud recorre ao saber e à intuição dos poetas para elaborar as suas teorias. Aproxima-se de Schiller, citando-o, por exemplo, aquando da edificação da teoria pulsional, concretamente a dualidade psíquica da pulsão de vida e a sexual, para expressar a ideia da dominância da mente por parte dos instintos orgânicos (Freud, S., 1969 [1910b], p. 224): a fome e o amor «movem o mundo» e constituem «a verdadeira filosofia», «enquanto se espera que a razão o venha a fazer» (carta à noiva, de 1884, *in* Gay, P., 1989, p. 58; Freud, S., 1969 [1930], p. 139). Recorre a Romain Rolland para analisar o sentimento oceânico (Mijolla-Mellor, S., 2004), transportando-o da investigação da crença religiosa para a do desamparo humano.

Os coevos e seguidores de Freud mantiveram esta tradição de diálogo inspirador com a criação literária. Refiro a título exemplificativo Ernest Jones (1967 [1949]), com o trabalho sobre Hamlet e Édipo; Ella Sharpe (1967 [1929]), com o estudo psicobiográfico de Edgar Allan Poe; Maria Bonaparte (1973 [1945]), com a análise de um conto de Sade, *Histoire de Juliette, ou les prospérités du vice*, que lhe proporcionou a base para o estudo do masoquismo enquanto precursor do sadismo e da crueldade na luxúria; Otto Rank (2013), com nove livros de análise de escritores como Hoffmann, Chamisso, Dostoiévski, Poe e Maupassant; Melanie Klein, em cuja obra é possível identificar as influências das leituras de Nathalie Sarraute, de Francis Ponge e de Dante Alighieri (David, N., 2003), extraindo da tragédia grega de Ésquilo o que alguns consideram ser o «complexo de *Oresteia*» (Klein, M., 1963; Alford, C., 1990; Grosskurth, P., 1987; Jacobs, A., 2008), para a abordagem da génese do matricídio e da maior ansiedade do homem que, sendo incapaz de discernir o bem do mal, o amor do ódio, mergulha num estado confusional para, em seguida, destruir

e perder tudo o que mais ama. Também a partir da obra *If I Were You*, de Julien Green, Klein extrapolou o conceito de identificação projetiva, o qual mudou a história e a prática da psicanálise (Klein, M., 1985 [1955]; Ogden, T., 1992).

A CRIAÇÃO LITERÁRIA ENQUANTO OBJETO DA PSICANÁLISE

Enquanto objeto de análise propriamente dito, o estudo da criação literária permitiu o retorno à clínica. A análise do processo criativo, iniciada com a autoanálise de Freud e dos seus sonhos, direcionou-o para a descoberta da presença de mecanismos psíquicos comuns aos sonhos, à criação literária, aos mitos e aos sintomas histéricos, a saber: o papel do trabalho do inconsciente; a dinâmica entre conteúdos manifesto/latente; a presença das lembranças infantis, individuais/coletivas, estruturantes; e a marca do desejo que as move.

Para Freud, é através da criação (1969 [1917b]) que o artista melhor consegue iludir o conflito e ser mais bem-sucedido na realização do desejo, bem como no evitamento do desprazer. Freud considera a existência de um caminho que conduz o artista da fantasia de volta à realidade: esse é, nada mais nada menos, do que o caminho da arte (*ibidem*, p. 377). Tal capacidade deve-se a três grandes ordens de fatores. Primeiro, porque o artista dispõe de utensílios que o homem comum não possui, a saber: a arte do ocultamento poético, da qual fazem parte também a ordem estética e a de substituição. Estes utensílios permitem ao artista criador a realização do desejo, sem a emergência das emoções penosas, tais como a vergonha e a culpa, emoções associadas aos conteúdos psíquicos em causa. Segundo, porque, tendo êxito, o artista consegue alcançar através da sua criação o reconhecimento dos outros, e, por esse facto, alcançar aquilo que não imaginara conseguir na fantasia: o amor sexual, a satisfação narcísica e a resolução da angústia de castração. Terceiro, porque o artista possui, na sua constituição psíquica, maior capacidade para a sublimação e para a sua recuperação, na circunstância de aquela ter sido perdida devido à repressão que havia sofrido.

VINHETA CLÍNICA

É o caso de um jovem adulto que preenche as sessões ora com a angústia de não vir a alcançar o sucesso almejado com a sua produção literária, ora com a angústia de perder definitivamente a inspiração por causa da psicanálise. Na verdade, quando consegue enfrentar a inibição, a via da escrita oferece-lhe um escape substitutivo muito satisfatório para as suas ansiedades de impotência; quando não, só a psicanálise o afasta da ideação suicida. As sessões preenchidas com a exibição dos seus sucessos, pretendem, de um só golpe, encobrir a inferioridade narcísica e alcançar, na

relação tranfero-contratranferencial, a narcisação da identidade sexual, tarefa em cuja realização o objeto havia falhado na infância do paciente. Essas sessões complementam-se com outras, em que o estado de espírito é bem diverso: o da perplexidade e do afundamento emocional perante a rejeição de contacto físico por parte da mulher amada. Esta rejeição replica no fantasma do paciente, bem como na própria realidade, a castração primária sofrida no passado. Nestes momentos, perde a capacidade criativa, no entanto, logo que a retoma, pela escrita, o seu humor melhora. Alimenta as sessões com os relatos da sua criação, os quais representam sonhos acordados, devaneios literários que permitem não só o escape da angústia como também, pela sua representação, alguma transformação e a elaboração mais profunda.

A MULTIDETERMINAÇÃO PSÍQUICA DO FENÓMENO DA CRIAÇÃO LITERÁRIA

Assim, podemos afirmar que a criação literária, à semelhança de todos os fenómenos psíquicos, é multideterminada. Ela pode representar uma expressão da conflitualidade psíquica, um sintoma, mas também pode constituir a expressão de uma parte saudável da mente. Pode ser uma fuga autista de desrealização ou um refúgio na fantasia, um modo de gerar experiência de contacto com o *self* primitivo formado a partir da delimitação sensorial (Ogden, T., 1991), diríamos, neste caso, a escrita em substituição da vida. Mas a criação literária pode constituir ainda um modo de elaboração de um trauma através do recordar, do repetir e do elaborar, processo do qual não se exclui a ab-reação libertadora dos afetos dolorosos, de que são exemplos os relatos de casos de vítimas do Holocausto (Felman, S. & Laub, D., 1992; Frankl, V., 2006; Grimbirt, P., 2004; Waintrater, R., 2003, 2017). E pode ainda representar, no sentido *winnicottiano*, uma recriação do espaço potencial (Winnicott, D., 1975), a área intermediária entre a realidade e a fantasia, o lugar onde nos é permitido viver e expressar o nosso verdadeiro *self* através da comunicação significativa que dá sentido à vida e permite o caminho na sempre incompleta e dura tarefa da adaptação à realidade, sem que a ela nos submetamos. O conceito de espaço potencial, lugar onde pode nascer a obra literária, tem, em nosso entender, uma relação com o pensamento de Freud, quando este afirma que a obra literária, enquanto devaneio, é uma continuação, ou um substituto, do que foi o brincar infantil (Freud, S., 1969 [1908], p. 141).

A criação literária está também intimamente relacionada com a capacidade de formação de símbolos. Este aspeto é desenvolvido por Klein, Susan Isaacs e Bion, tendo encontrado um momento maior em Marion Milner (Milner, M., 1952). Diz-nos esta autora e psicanalista

que é a necessidade de reconhecer o familiar no desconhecido e o desconhecido no familiar o que caracteriza o ato criador, e que a angústia perante o desconhecido, a angústia perante a realidade da desvinculação e a angústia da separação, com todas as ansiedades a elas associadas, são ultrapassadas (Stefana, A., 2019). O ato criativo é compreendido como uma viagem que implica a tolerância à perda temporária do sentido do *self* e das suas capacidades objetivas de análise.

E, para finalizar, sublinhamos a importância da capacidade associativa para a criação literária, lembrando Freud e o método da associação livre por si estabelecido a partir da correspondência de Schiller com Körner, como base, quer para a psicanálise quer para a criação literária. Refere Freud: «Os que estão familiarizados com a literatura psicanalítica recordarão neste ponto a interessante passagem, na qual o famoso poeta e pensador recomenda a todos os que desejem ser produtivos, a adotarem o método da associação livre.» (Freud, S., 1969 [1920], p. 278)

Esta afirmação de Freud permite-nos considerar que a analogia entre as disposições recetivas e livre associativas de ambas as mentes, a psicanalítica e a poética, no devir do ato psicanalítico e no devir do ato criativo poético, a impermanência da experiência em si, assim como as marcas que perduram dessa relação nos conduzem por associação livre ao poema intitulado «das margens» do poeta António Vera: «à passagem do rio/as margens sentem/quem por elas passou/revolto ou lento//águas de toda a cor/umas de cor azul/outras de cor barrenta//margens que enquanto o bebem/ recebem os despojos/contados nos relógios/de seus tão vários tempos//horas dos campos verdes/ horas do rio sumindo/nas fendas do deserto//que tudo hão de sugar chegado o tempo//de só haver as margens/do já bebido rio/do já suspenso tempo»³. 

ABSTRACT

This article studies the influence of literature in the construction of psychoanalytic theory with regard to the following aspects: as a method of exposure and essay, as an object of inspiration and enunciation of psychic paradigms and as a psychoanalytical object. For the development of this study we highlight the place that literature occupied in the work of the founder of psychoanalysis, Sigmund Freud. It was through literature and its literary anchoring that the founder effected in the culture its catalytic emergence. It is from this anchorage that the science created by him emerges, and it is through this that we glimpse one of the reasons that justify the actuality of his work, that is, the circumstance of its timelessness. In this sense, the question of the double facet of the master, literary and scientific, is also analyzed for the construction of his work.

KEYWORDS: psychoanalysis, literary creation, literature, double identity psychoanalyst-writer.

3

António Vera (2003). *Escrito na margem*. Lisboa: Colibri, pág. 13.

BIBLIOGRAFIA

- Alford, C. (1990). «Melanie Klein and the «Oresteia Complex»: Love, Hate, and the Tragic Worldview». In *Cultural Critique*, n.º 15, 167–189, University of Minnesota Press.
- Bonaparte, M. (1973 [1945]). «Some biopsychical aspects of sado-masochism». In H. M. Ruitenbeek (ed.), *The first freudians*. Nova Iorque: Jason Aronson, 164–193.
- Chaves, E. (2016). Prefácio a *Obras incompletas de Sigmund Freud, Arte literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica.
- David, N. (2003). *Love, Hate, and Literature: Kleinian Readings of Dante, Ponge, Rilke, and Sarraute*. Chicago: University of Chicago.
- Felman, S., Laub, D. (1992). *Testimony: Crises of Witnessing in Literature*. Londres: Routledge.
- Frankl, V. (2006). *Man's search for meaning*. Boston: Beacon Press.
- Freud, S. (1969 [1892]). «Prefácios e notas de rodapé à tradução de *leçons du mardi*, de Charcot». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1905,1901]). «Fragmento da análise de um caso de histeria». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1908]). «Escritores criativos e devaneio». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1910a]). «Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1910b]). «A concepção psicanalítica da perturbação psicogénica da visão». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1916]). «Alguns tipos de carácter encontrados no trabalho psicanalítico». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1917a]). «Conferências introdutórias à psicanálise». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1917b]). «Os caminhos da formação dos sintomas». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1919]). «O estranho». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1920]). «Uma nota sobre a pré-história da técnica de análise». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1928]). «Dostoievski e o parricídio». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969, [1930]). «O mal-estar na civilização». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- Gay, Peter (1989). *Freud, uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Grimbert, P. (2004). *Un secret*. Paris: Grasset & Fasquelle.
- Grosskurth, P. (1987). *Melanie Klein: Her Word and Her Work*. Cambridge: Harvard University Press.
- Jacobs, A. (2008). *On Matricide: Myth, Psychoanalysis, and the Law of the Mother*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Jones, E. (1967 [1949]). *Hamlet et Œdipe*. Paris: Gallimard.
- Klein, M. (1985 [1955]). «Sobre a identificação». In *Obras completas de Melanie Klein*, vol. III, *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mijolla-Mellor, S. (2004). *Le Besoin de Croire. Métapsychologie du Fait Religieux*. Paris: Dunod.
- Milner, M. (1952). «Aspects of Symbolism in Comprehension of the Not-self». *The International Journal of Psychoanalysis*, 33: 181–195.
- Ogden, T. (1992). *Projective Identification and Psychotherapeutic Technique*. Londres: Karnac Books.
- Ogden, T. (1991). «Un analisis de la matriz de la transferencia». In *Libro Anual de Psicoanálisis*, Londres/Lima: The British Psycho-Analytical Society/Ediciones Psicoanalíticas Imago S.R.L.
- Pontalis, J.-B. (2014). *Freud com os escritores*. São Paulo: Três Estrela.
- Prater, D., Berlin, J., Lindken, H.-U. (2004). *Stefan Zweig Correspondencia com Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler*. Barcelona/Buenos Aires/Cidade do México: Paidós.
- Roudinesco, E. (1999). *Pourquoi la psychanalyse?*. Paris: Fayard.
- Rank, O. (2013). *O duplo: um estudo psicanalítico*. Porto Alegre: Dublinense.
- Santos, V. (2017). «Freud com os escritores» [recensão crítica a J-B Pontalis]. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 37[1]: 63–65.
- Stefana, A. (2019). «Revisiting Marion Milner's work on creativity and art». *The International Journal of Psychoanalysis*, vol. 100, 128–147.
- Sharpe, E. (1967 [1929]). «L'impatience d'Hamlet». In *Hamlet et Œdipe*. Paris: Gallimard.
- Vera, A. (2003). *escrito na margem*, Lisboa: Colibri.
- Waintrater, R. (2017). «De l'écriture comme possible réparation de l'être». Conferência na Université Denis-Diderot, em 11 de dezembro.
- Waintrater, R. (2003). *Sortir du génocide. Témoigner pour réapprendre à vivre*. Paris: Payot.
- Winnicott, D. (1975). *Jeux et réalité*, Paris: Gallimard.



AMOR DE PERDIÇÃO⁵ em AGUSTINA BESSA-LUIS¹

Celeste Malpique²

1

Artigo recebido em 18 de Setembro de 2019 e aceite para publicação em 23 de Setembro de 2019.

2

Psiquiatra. Psicanalista. Membro titular com funções didáticas da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Internacional de Psicanálise (IPA). E-mail: celestemalpique@gmail.com

RESUMO

A autora presta homenagem à grande escritora portuguesa falecida este ano, evocando três romances e uma biografia de Florbela Espanca, publicados entre 1954 e 1991, e os filmes *Francisca* e *Vale Abraão*, do grande cineasta português Manoel de Oliveira. Salienta neste artigo a fatalidade, o Amor de Perdição que a romancista imprime às relações amorosas, vínculo trágico que o Romantismo Literário da época consagra (nomeadamente Camilo Castelo Branco e Gustave Flaubert) e que a Psicanálise interpreta como a tragédia do Amor Narcísico e do permanente jogo entre Eros/Thanatos, entre pulsão de Vida/pulsão de Morte (Freud 1920, 1930).

PALAVRAS-CHAVE

Agustina Bessa-Luís
Amor de Perdição
Narcisismo
Amor narcísico
Eros – Thanatos
Suicídio
Melancolia

A grande escritora Agustina Bessa-Luís deixou-nos este ano, e não quero perder a oportunidade de a homenagear, tão grande é o meu apreço pela sua obra, e de lamentar quanto, vivendo na mesma cidade, o Porto, só tenha usufruído de breves contactos em acontecimentos públicos. Não sendo a nossa terra natal, parece que ambas nos afeiçoámos a esta cidade, da qual, melhor do que um pintor ou até um cineasta, ela nos legou magníficas descrições, pela sua sensorialidade telúrica. Talvez Manoel de Oliveira tenha percebido nesse «olhar e discurso de Agustina a autenticidade que pretendia imprimir às suas realizações e, por isso, tenha utilizado alguns dos seus romances como guião. Refiro-me a *Fanny Owen*, em *Francisca* (1980), e *Vale Abraão*, no filme com o mesmo nome (1991). Ainda que fazendo a sua adaptação cinematográfica, não poderia ter escolhido melhor, dado o profundo enraizamento familiar da escritora na região do Douro. Todavia, a sua obra é vasta, ultrapassa o regionalismo e tem uma dimensão universal no que toca à profundidade psicológica com que descreve as suas personagens.

Na escrita compulsiva a que se entregou ao longo da sua vida quase em associação livre, num estilo que tem algo barroco, quando rodopia e

mistura memórias afetivas com vivacidade pictórica, faz comentários críticos e irónicos a propósito, e chega a obrigar-nos a parar para pensar, pois nos provoca. Introduce paradoxos que não são simples jogos de palavras, pois, como diz António Lobo Antunes (1991), «tem uma implacável lógica interna» e exprime uma complexidade que só a metáfora permite.

Refiro-me a uma linguagem literária muito original com que define sentimentos, contradições, estados de alma e comportamentos em que as suas personagens se debatem e delas traça um retrato vivo. Permite recriá-las mesmo quando enigmáticas e contraditórias.

António Lobo Antunes, também grande escritor, e não por acaso psiquiatra como eu, mas muito melhor do que eu, refere «que as suas personagens não são bonecos vestidos de ideias que em lugar de pensarem sentimentos, são pensados por eles e levam-nos ao encontro do nosso caos interior, descodificando-o mostra a sua complexa simplicidade», por mais paradoxal que isto pareça. «Os livros de Agustina são um alimento difícil porque a transgressão sistemática dos nossos conceitos racionais é metodicamente eficaz, substituindo-os por uma espécie de nudez

Nota: este artigo está escrito conforme o recente Acordo Ortográfico.

primordial». Não encontrei melhor definição do que esta, dada por António Lobo Antunes no prefácio de *Vale de Abraão* (1991).

Aí, reside a profundidade e subtileza da análise psicológica das suas personagens, que, na sua aparente contradição e mistério, são vivas — e podemos reconhecê-las na sua autenticidade.

Chamou-nos particular atenção a caracterização das personagens femininas em alguns dos seus romances. Ainda que se fundamente no domínio matriarcal da tradição céltica na Península e do poder da mulher sobre o homem, por exemplo, no sedentarismo agrícola e manutenção da propriedade, na sua independência sexual com respeito ao casamento e ao divórcio, não deixa, todavia, de realçar a marca deixada na organização das famílias rurais portuguesas entre Douro e Minho, onde nasceu e cresceu e que tão bem descreve.

O advento do poder patriarcal com o domínio romano e judaico-cristão não teria apagado completamente essa marca transgeracional, e Agustina vê aí a força, obstinação e conservadorismo da mulher frente a um homem aventureiro, autoritário, mais insensato e levado pelas paixões (o sexo, o jogo, o álcool). São frequentes as narrativas em que é o morgado que, pelos seus desvarios, deixa o património em ruína. Os casamentos são por conveniência e a ligação amorosa tem, à época, um cariz transgressivo, tanto mais apaixonado quanto proibido.

Essa proibição tanto pode ser um obstáculo concreto e externo, conhecido e agido, como pode ser mais uma inibição interna, um desejo imaginário que jamais é satisfeito e leva a uma procura compulsiva. Esse sentimento de fascínio e de atração insuperável pode dar-lhe um cunho de fatalidade, de desastre, e até de ameaça de morte, e pode conduzir a comportamentos autodestrutivos, nomeadamente ao suicídio. Incluiríamos aqui o *Amor de Perdição* e é esse drama que Agustina Bessa-Luís, sem o declarar expressamente, vai narrar nos seus romances *A Sibila*, (1953), *Fanny Owen* (1980) e *Vale Abraão* (1991), e na biografia de *Florbela Espanca* (1979).

É possível que Agustina, cuja admiração por Camilo Castelo Branco era inegável e cujo estilo a seduzia, tenha sido influenciada pelo *Amor de Perdição*, embora eu saiba que ultrapassou o Romantismo Literário do século XIX e o seu estilo seja bem diferente. Camilo Castelo Branco é uma figura incontornável do Porto e não pôde ser esquecida pelos intelectuais do Norte. O próprio Manoel de Oliveira o encenou para a televisão. *Amor De Perdição* foi escrito na Cadeia do Porto, em 15 dias, enquanto estava preso por adultério com Ana Plácido.

O estilo subversivo e irónico de Agustina não deixa de ser influenciado pelo estilo e personalidade de Camilo Castelo Branco, figura incontornável na

sua época e na região Norte, onde se desenrolam alguns dos romances de Agustina. A escritora caracteriza bem a família rural burguesa, entre Douro e Minho, e não deixa de salientar as mudanças sociopolíticas da segunda metade do século XIX, por efeito da liderança do Marquês de Pombal e do ambiente de guerrilha das lutas liberais no país. O morgadio das casas senhoriais estava em declínio também pelos seus vícios libertinos (sexo, jogo, álcool e tédio) que o clima romântico favorecia. Os dramas amorosos e o fatalismo estavam na moda. Byron era apreciado e era chique ser literato; dominava o Romantismo Literário e folhetinesco no qual Camilo era mestre.

Agustina Bessa-Luís foi assídua nas tertúlias que decorriam no Diana Bar, na Póvoa de Varzim, e das quais participavam José Régio, Manoel de Oliveira e João Marques. Aliás, Agustina viveu quatro anos em Esposende antes de se fixar no Porto. *Amor de Perdição* era tema frequente de conversas, assim como *Benilde*, de José Régio, sendo este figura central dessas tertúlias — recordemos que residindo em Portalegre, onde era professor, fundaria a Casa Museu em Vila do Conde. Tanto Agustina como Manoel de Oliveira admiravam o grande poeta que foi José Régio.

Ao refletir neste tema que me propus — «Amor de Perdição» em Agustina Bessa-Luís —, não tenho pretensões literárias, mas apenas de análise psicológica, que é o âmbito em que poderia (?) dar alguma contribuição mais original. E talvez não tão original assim, dada a ênfase que a Psicanálise confere à dualidade pulsão de Vida/pulsão de Morte, Eros/Thanatos, e à componente agressiva da própria sexualidade. O vínculo amoroso implica intrinsecamente pulsões libidinais e agressivas, Amor/Ódio, Criatividade e Autodestrutividade. A Mitologia dramatizada nas Tragédias Gregas, e retomada ao longo dos séculos pela Cultura e pela Arte, não faz senão transformar e dar expressão civilizacional a essa temática.

Camilo Castelo Branco retomaria o drama *Romeu e Julieta*, que o próprio Shakespeare foi buscar à lenda italiana do amor impossível entre jovens filhos de famílias rivais e termina na morte de ambos por Amor. Fatores externos, o ódio e rivalidade dos pais e o poder da proibição, parecem dominar a narrativa, mas em qualquer deles a paixão dos jovens surge com uma obstinação narcísica que supera o medo da morte e se exprime num imaginário fusional romântico. Na idade em que se encontram, esta obstinação poderia ser ainda a realização da fantasia edipiana reativada na adolescência. No *Amor de Perdição* de Camilo, além do amor entre Teresa e Simão, aparece a figura de Mariana, que medeia a relação e que verdadeiramente ama Simão (amor objeto), e se suicida quando se atira ao mar.

Talvez não seja por acaso que o Amor Fatal

se viabiliza por um terceiro elemento no contexto relacional (um marido passivo e tolerante, um amigo, um estranho, etc.), embora tenha a consciência do perigo e fatalismo da situação.

A sedução é um fascínio imediato: pela beleza, mistério, poder, candura, risco, e tudo quanto o imaginário, narcisicamente, possa projetar na realização do desejo, que não será apenas libidinal, mas para colmatar um sentimento de incompletude ou superar um tédio *vitae*. Um fundo depressivo e nostálgico é propício a tais envolvimento. Chama-lhe os anglo-saxões to *fall in love*; em linguagem psicanalítica sabemos que resulta de uma identificação projetiva massiva.

Vejamos como Agustina Bessa-Luís narra esse «Amor de Perdição» na personagem feminina central desses romances.

Em *Fanny Owen*, Camilo, escritor e ativo folhetinista, mantém antiga camaradagem com um colega de Coimbra, José Augusto Pinto de Magalhães, morgado de Riba-Tâmega do solar Lodeiro.

Agustina prefacia o romance informando que se baseou em novelas, textos dispersos e até diários íntimos, para escrever os diálogos do filme *Francisca* de Manoel de Oliveira. Trata-se de um drama romanesco que decorre numa família rural burguesa do Douro, próximo da Régua. De salientar que são justamente os diálogos e extratos dos diários o conteúdo mais rico deste romance.

Camilo e José Augusto mantêm uma amizade um tanto ambivalente devido a grandes diferenças de personalidade: Camilo é escritor, inteligente e mordaz, dado a paixões; José Augusto morgado *dandy*, altivo, vaidoso, frio, com 23 anos e com passado amoroso instável, leitor de Byron, e, sobretudo, cheio de dívidas e interessado em fazer um casamento rico. Entram em convívio com a família inglesa do coronel Owen, que vive em Vilar do Paraíso em Gaia. O coronel está em Lisboa com o filho Hugo e pertencem à facção de D. Pedro; as duas filhas casadouras, Maria e Fanny, vivem em Vale do Paraíso com a mãe, D. Rita, brasileira que fez parte do séquito da rainha Carlota Joaquina.

As jovens inglesas são interessantes e esbeltas. Maria, a mais velha, bela e sedutora; Fanny, mais enigmática, mais tímida, com uma candura atrativa, e dizem que escreve versos e mantém correspondência confessional com Camilo, que admira.

José Augusto não está apaixonado e diz até que vê Maria como uma irmã. Camilo avisa-o de que tenha cuidado, pois uma aproximação será fatal, porque ele «não tem alma». José Augusto aluga uma casa em Vilar do Paraíso e começa a namorar com Maria, mas a relação é fria, sem interesse, e Maria queixa-se. A mãe e o próprio José Augusto aceitam que esteja presente Fanny: a três, parece que a relação melhora, mas é então que Fanny se apaixona por José Augusto e este fica seduzido pela

sua candura, vê-a *como um anjo!*

Camilo continua preocupado com este interesse e descobre que também ele está fascinado, e o modo como os dois resolvem inconscientemente a sua rivalidade e ciúme é transformar Fanny num símbolo: um anjo assexuado, o puro Amor, ascético! Todavia, Camilo acha que José Augusto é impotente, mata o desejo; é incapaz de amar. O fascínio entre José Augusto e Fanny e o mal-estar desta pelo controlo materno agudizam a paixão, e planeiam um rapto e casamento, contra a vontade da família. Tudo isso acontece em condições desastrosas, e por essa altura Camilo entrega a José Augusto as cartas que Fanny lhe escrevera. É um autêntico duelo o que esta provocação desencadeia! A partir daí, o casamento de José Augusto é um completo descalabro na intimidade: dormem em quartos separados, à inglesa, choram, evocam um amor impossível, embora se mantenham juntos. Fanny vai definhando, morre por tuberculose, e José Augusto, por acidente suicidário (*overdose* de morfina). Cumpru-se a fatalidade que Camilo anunciara!

Em *VALE ABRAÃO*, Agustina volta a retratar a família burguesa rural do Douro, com uma riqueza pictórica que a sua memória não desmerece, e vai buscar a *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, escritor contemporâneo de Camilo, e transpõe de forma plausível para a relação entre Ema e Carlos Paiva as aventuras de adultério e a tolerância passiva e conivente do marido, um médico de província, cumpridor e diligente, mas sempre fascinado pela beleza da mulher que o trai.

Ema, nessa compulsão de procurar o Amor, o prazer e ascensão social, acaba por reconhecer o tédio, o vazio e a mentira em que vive, e acaba por se suicidar.

Em qualquer destes romances, Agustina faz comentários pertinentes sobre o amor, o casamento de conveniência; põe alguma ironia e fatalismo nas palavras que atribui a Camilo, chamando a atenção para a importância das frustrações da infância (perda da mãe, violência e indiferença do pai, morte de um irmão, etc.), que deixam feridas narcísicas insuperáveis.

Incluimos, por esta época (1979), a Biografia (vida e obra) de *FLORBELAESPANCA*, uma poetisa alentejana que Agustina não admirava particularmente (achava-a demasiado chorona e histérica), mas talvez por lhe parecer interessante explorar o seu «bovarismo». É uma personalidade caprichosa, filha bastarda que o pai não perfilha, que faz três casamentos fracassados e acaba os seus dias aos 36 anos em Matosinhos, mergulhada num quadro melancólico (suicídio). «Ama perdidamente», como diz nos seus sonetos, mas é a si mesma que ama, numa procura sempre insatisfeita do Amor. Personalidade narcísica, não deixa de se vingar do próprio pai, casada com um médico pouco firme, demasiado tolerante, e, por

isso, abandonónico. Agustina faz uma análise quase psicanalítica desta sua biografada.

Resta-nos falar de *A Sibila*, o romance que em 1953 consagra a escritora e constitui uma revelação na literatura portuguesa. A personagem central deste romance é uma mulher um tanto enigmática, mas poderosa na sua obstinação e perversidade. Recusa qualquer relação amorosa e põe todo o seu projeto de vida na ambição de manter e acrescentar a propriedade que o pai e os tios deixam arruinada pelos seus excessos e desvarios (amantes, jogo, álcool). Neste projeto, é ajudada pela irmã, visto que os irmãos varões são aventureiros como o pai. A sua intuição e dotes divinatórios tornam-na conselheira das fidalgas, que a ouvem e a chamam. Tem jeito para o negócio, ganha prestígio e invejas no meio rural duriense. Biógrafos de Agustina confirmam a tia Amélia (dando-lhe o nome da sua bisavó paterna Ana Joaquina) como inspiradora desta personagem.

Por morte de uma dessas fidalgas, aos 53 anos, Quina (a Sibila) depara com um criado que fica com um filho nos braços por morte da mulher, e chora desamparado. A Sibila fica sensibilizada e pede que lhe tragam a criança. É um rapazinho muito belo, louro de olhos azuis, por quem Quina se apaixona perdidamente e adota, protege e tolera, até ao fim da sua vida, embora lhe reconheça debilidade mental. Podemos considerar que é um autêntico «Amor de Perdição», que vem colmatar o amor maternal que lhe faltou. Sibila tem uma agonia prolongada que inquieta a família quanto ao destino que ela dará à herança que o jovem adolescente suplica. Talvez, nessa agonia, ela se debata com o sofrimento de o decessionar ou de o perder pela morte, de não o levar consigo. Todavia, a lucidez e firmeza de Quina mantêm-se até à morte, e, com realismo e justiça, preserva o património familiar e deixa o futuro do rapaz acautelado.

Agustina Bessa-Luís debruça-se nas personagens femininas, que analisa em profundidade, captando-lhes a beleza, a intuição, a perversidade na sua obstinação e desejo de poder, que lhes permitem uma liberdade e independência que, tradicionalmente, não são apanágio do sexo feminino. No contexto conjugal e amoroso, todavia, considerando a sedução e fascínio que exerce sobre o homem, a mulher impõe-se, muitas vezes, pela sua determinação e talento.

Permito-me admitir que Agustina Bessa-Luís, como mulher e como escritora, teve muitas destas características. Pelo seu talento e independência, deixa uma obra de vulto. Conseguiu-o também pelo casamento harmonioso que fez, com um companheiro que soube escolher e manter, com admiração recíproca. Um «par criativo» (Agustina Bessa e Alberto Luís) bem diferente do «Amor de Perdição» que descreve. 🐾

ABSTRACT

The author pays tribute to Agustina Bessa-Luís a remarkable portuguese writer, reading with attention the profound analysis she creates in her books-novels and biography about deadly love where some relationships falls. Romantic love is sustained by narcissistic relations within endless struggles between Eros/Thanatos, Life/Death impulses that sometimes ends in suicide.

KEYWORDS: Agustina Bessa-Luís, deadly love, narcissism, narcissistic love, Eros/Thanatos, suicide, melancholy.

BIBLIOGRAFIA

- Antunes, A. L. (1991). «Prefácio». In Agustina Bessa-Luís, *Vale Abraão*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Bessa-Luís, A. (1991). *Vale Abraão*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Bessa-Luís, A. (1980). *Fanny Owen*. Lisboa: Guimarães & C^a.
- Bessa-Luís, A. (1979). *Florbela Espanca (a vida e a obra)*. Lisboa: Arcádia.
- Bessa-Luís, A. (1954). *A Sibila*. Lisboa: Guimarães & C^a.
- Castelo Branco, C. (1861). *Amor de Perdição*. Alfragide: Leya, SA.
- Flaubert, G. (2017). *Madame Bovary*. Lisboa: Clube do Autor.
- Freud, S. *Obra completa* – S.E.



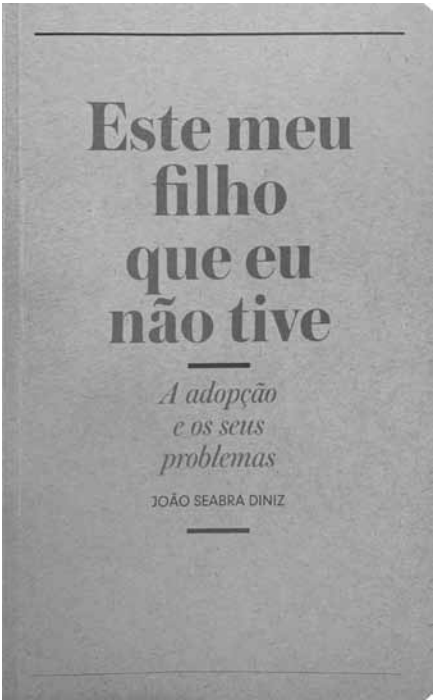
Recensão

ESTE MEU FILHO QUE EU NÃO TIVE: A ADOÇÃO E OS SEUS PROBLEMAS

Ana Catarina Duarte Silva¹

FICHA TÉCNICA

Título
Este meu filho que eu não tive: adoção e os seus problemas
Autor
João Seabra Diniz
Edição
Freud & Companhia,
2019 [3.ª edição]



É com muita honra que redijo estas linhas acerca da reedição deste pequeno grande livro de João Seabra Diniz, 26 anos após a sua primeira edição, agora com a chancela da Freud & Companhia, editora portuguesa que se tem preocupado em promover o pensamento psicanalítico português e à qual damos as especiais felicitações por este seu importante feito. Esta reedição constitui-se como uma homenagem ao autor, e um privilégio para todos nós pela hipótese de a ler, de perceber a necessidade de se repensar a densa e complexa questão da adoção sobre a perspectiva psicanalítica.

João Seabra Diniz, reconhecido pela sua grande cultura humanista e invulgar discrição, é membro titular e didacta da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, reconhecido pela Associação Psicanalítica Internacional como psicanalista de crianças e adolescentes. É ex-presidente da SPP e do IP, foi director do Serviço de Acção Social da Misericórdia de Lisboa, onde trabalhou na área de apoio às crianças e suas famílias, salientando-se o seu papel no processo das adoções. Destaco, de entre as suas várias actividades, a sua colaboração como supervisor no departamento de Saúde Mental Infantil no Hospital da Estefânia e no Hospital São Roque e o seu (ainda actual) papel de formador de psicanalistas, candidatos e futuros candidatos a

psicanalistas, bem como de outros profissionais de saúde. Transmitir o seu saber e a sua compreensão do que entende ser a natureza das relações que caracterizam o ser humano no seio da sua história e da sua cultura tem sido uma das suas grandes preocupações, atribuindo à teoria psicanalítica a melhor forma de perceber o humano a partir de si mesmo, a partir das relações afectivas que o caracterizam: «Nesta perspectiva, a compreensão futura das relações familiares primárias revela-se duma riqueza que parece inesgotável para a compreensão do homem e das sociedades por ele formadas e organizadas. Perceber o que é uma mãe, o que é um filho, o que é um pai, perceber como eles se relacionam e interagem, é um desafio fascinante que se coloca a todo o ser humano que quiser compreender-se a si próprio e à história da sua cultura.» (Diniz, S., 2019, p. 17)

De facto, a complexidade do pensamento de Seabra Diniz é de imediato evidenciada pela escolha do título, *Este meu filho que eu não tive: a adoção e os seus problemas*, o qual é munido de uma carga emocional imensa e desconcertante, oriunda do encontro entre a ausência e a impossibilidade de ter um filho e, ao mesmo tempo, a possibilidade do seu preenchimento pela adoção. Este livro traduz a longa experiência do autor nesta área, que com a sua inteligência e sensibilidade é capaz de nos transmitir fora do jargão psicanalítico e de uma forma simples, viva e muito pessoal, isenta de sentimentalismos e/ou idealizações, a sua compreensão do tema da adoção à luz da teoria psicanalítica, concebendo-se então esta obra como um livro de psicanálise.

Começando pelo fim, é curioso pensar na sua bibliografia «circunstancial» ou «pessoal», como refere o próprio autor. Esta, não muito extensa — «Mas é evidente que devo muito aos autores da escola psicanalítica, que há muitos anos estudo com assiduidade.» (*ibidem*, p. 19) —, é constituída por 23 elementos, pelo número de letras que compõem o alfabeto português (o qual é construído a partir do alfabeto latino original), o que me leva a considerar que podemos pensar neste livro como uma nova gramática, uma nova linguagem, que integra o amplo conceito da adoção, importante não só para todos aqueles que se interessem por esta questão mas também, e sobretudo, essencial para todos os que trabalhem na área das crianças

¹
Membro associado da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Internacional de Psicanálise (IPA). E-mail: anacatarinaduartesilva@gmail.com

e suas famílias adoptadas e adoptantes.

De realçar é também o apêndice e a forma como o apresenta, explicando que se trata de uma síntese da problemática da adopção enaltecendo a sua importância: «Para os que dispõem de pouco tempo, poderá ser um instrumento de trabalho útil» (*ibidem*), evidenciando-se aqui mais uma vez a sensibilidade e a sapiência que tão bem caracterizam a pessoa de Seabra Diniz.

O prefácio do juiz Armando Gomes Leandro, figura proeminente nacional no que concerne aos direitos e à protecção das crianças e jovens em risco, consiste também numa homenagem ao autor e ao livro. Nele, explicita as conceituações jurídicas da adopção, de como esta se constitui como um direito da criança e de como a formação a este nível se torna crucial: «Este livro da autoria do Dr. João Seabra Diniz, vem responder a essa exigência de informação e de formação de qualidade.» (*ibidem*, p. 11) Mais à frente, prossegue: «Acredito que a leitura e a reflexão crítica deste livro irão estimular procedimentos que permitam uma mais clara, segura e atempada definição das situações e das respostas, e a consideração equilibrada e justa dos interesses e direitos das personagens que integram o triângulo adoptivo: a criança, a família adoptiva e a família natural. Será, assim, mais um passo para o enraizar de uma cultura que facilite a realização quotidiana da concepção da criança como sujeito autónomo de direitos.» (*ibidem*, p. 15).

O livro é composto por nove capítulos que se interligam entre si, atravessados por um fio condutor que assenta na importância das relações emocionais precoces para o bom desenvolvimento da personalidade, da consciência que cada um tem de si e do outro, interno ou externo. Ao longo destes capítulos, o autor vai expondo de forma clara e simples a importância do determinismo psíquico na construção da ideia do que é isto de ser filho, de ser mãe e de ser pai, constructos mentais que se começam a pronunciar desde muito cedo. E consegue esta proeza de forma subtil, porque só alguém tão verdadeiramente capaz de entrar em contacto com o mundo interno da criança pode entender como o sonho, o desejo e a fantasia estão presentes desde os primeiros tempos da construção desta representação interior, do que é isto do desejo de ser um filho e de ser um pai, ou seja, do direito à pertença a uma família que toda a criança deve ter.

Seabra Diniz, a partir da sua longa experiência de vida e de psicanalista e tendo sempre em vista o interesse da criança, compreende sem hesitações a importância da família e de, para crescer e se desenvolver num ambiente salutar, a criança estar inserida num ambiente familiar estável, regular e com continuidade: «o desejo do filho surge no quadro da normal evolução do processo edipiano, partindo da convicção de que o prazer passa pela identificação com o pai do mesmo sexo e pela possibilidade de

fazer como ele fez, isto é, escolher e investir um objecto de amor da mesma geração» (*ibidem*, p. 84). Só assim conseguirá um bom nível de identificação aos pais de forma que se promova a edificação de bons objectos internos e de boas relações intra e interpessoais, decisivas para as posteriores relações com o mundo que o rodeia. Nunca é demais dizer como as boas representações internas constituem o suporte basilar de todo o bom desenvolvimento da personalidade, como tantas vezes ouvi Seabra Diniz dizer: «enquanto o bebé mama no colo da mãe, o importante é o olhar. O leite, esse, escorre por acaso».

É nesta toada emocional que desenvolve as suas ideias, que reflete a perspectiva da constelação triangular entre adoptados, adoptantes e técnicos, dirigindo-se sobretudo a estes últimos para que se consciencializem destes determinantes inconscientes na adopção de uma criança. «A adopção não é um daqueles temas de que se fala desapaixonadamente [...] Tem a ver com a infância, com o sentimento de pertença a uma família [...] Acorda assim as mais precoces e intensas experiências emocionais [...] Parece-me indispensável que o técnico que trabalha neste campo seja capaz de clarificar os princípios a que se refere, que fundamentam a sua prática e as decisões que é levado a tomar.» (*ibidem*, p. 20). E trata deste tema sem rodeios ou torneios, sem idealizações ou preciosismos, oferecendo-nos uma ideia muito real da adopção, num jeito muito próprio e comovente, onde a empatia, o amor, a disponibilidade, a escuta e, por fim, não menos importante, o «bom-senso» predominam, constituindo-se como ferramentas fundamentais. Considera ainda que não há uma patologia da adopção: «Resumindo numa frase a minha forma de pensar a este respeito, direi que sou levado a acreditar que os filhos adoptados não terão especiais problemas se os pais adoptivos tiverem ultrapassado razoavelmente os seus» (*ibidem*, p. 97), e acredita profundamente na irreversibilidade afectiva e social de se ter um filho, quer natural quer adoptivo, pois «Quem poderá avaliar bem o prejuízo de um sonho que se desfez?» (*ibidem*, p. 142).

São palavras que nos tocam e permanecem num eco inquietante, que nos levam a pensar no destino destas crianças, destes pais e destas famílias, de como a sociedade e as políticas governamentais se encontram ainda tão distantes do que realmente importa para que se minimizem os danos emocionais das crianças e jovens em risco, e de todos os elementos a eles associados.

Por tudo isto que nos escreve e por muito mais que nos conta e que está ainda por escrever, é com gratidão que me pronuncio sobre o quão fundamental é *Este meu filho que eu não tive: a adopção e os seus problemas*, e de como se inaugura como uma obra ímpar, imprescindível para tentarmos entender as raízes emocionais e tão precoces do muito inquietante e apaixonante tema: a adopção! 📖

Recensão

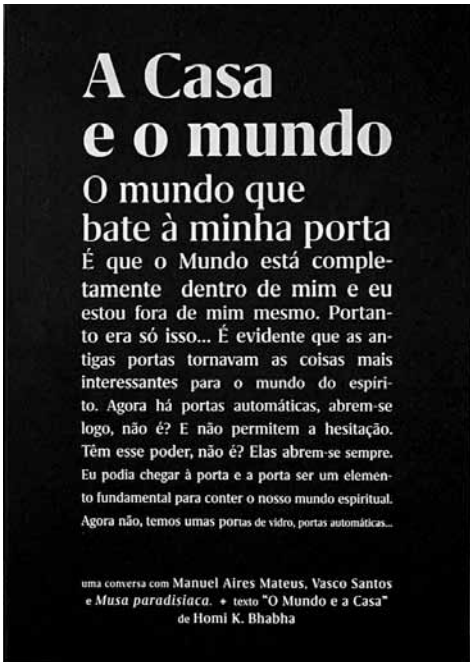
A CASA E O MUNDO

A arquitectónica da psicanálise e o pensamento da arquitectura¹

António de Castro Caeiro²

FICHA TÉCNICA

Título
A Casa e o Mundo
Autores
**Manuel Aires Mateus,
Vasco Santos e Musa
Paradisiaca**
Edição
**Luísa Sol (org.)
e Ana Teresa Ascensão,**
Lata edições, 2019



Em *A Casa e o Mundo*, encontram-se Manuel Aires Mateus (arquitecto), Vasco Santos (psicanalista) e os Musa Paradisiaca (artistas) para meditarem, a partir das suas práticas, sobre os substantivos que constam no título do livro. O ponto de partida, tal como a introdução deixa claro, não é uma determinação positiva do que quer que possamos pensar serem os referentes para «casa» e «mundo». O resultado não é também uma elaboração do significado geral com que compreendemos *ser* «uma casa», *ser* «o mundo». Se assim fosse, poder-se-ia antecipar uma eventual melhoria da compreensão do que já entendemos ser aqueles dois objectos. Ficariamos, assim, a conhecer melhor e mais pormenorizadamente o que estes especialistas da arquitectura e da psicanálise concebem literal ou figuradamente como o *ser casa*. Não importa aqui se a reflexão da arquitectura é a literal ou a figurada, nem se apenas podemos atribuir à psicanálise competências exclusivas no sentido figurado. O elemento comum às duas disciplinas é existirem por serem capazes de produzir uma projecção concreta, seja ela à letra ou figurada, real ou virtual. A compreensão simbólica, a expressão artística, o desenho, o material, o olhar e o habitar,

o poder e não poder, o ser e não ser capaz de morar numa casa, seja ela a casa do sentido, seja ela a nossa morada física, esboçam ligações indissociáveis entre todos estes terminais. Além disso, a própria representação da casa, a ideia que fazemos do ser casa, entronca na própria ideia que temos do mundo, na representação do mundo em que vivemos.

O ponto de partida das reflexões que resultam da conversa mantida entre os interlocutores é negativo, se assim se pode dizer. Não se trata de uma negação adjectiva. O processo reflexivo que medita a partir da especificidade do agente arquitecto e do agente psicanalista tem como laboratório a própria casa, a nossa relação com a casa ou as casas, em que queremos viver, em que vivemos, que projectamos física ou virtualmente.

Ser casa e ser mundo encontram-se assim num horizonte que tem como limites as condições mínimas da — e suficientes para a — sua habitabilidade. Há também um limite que, uma vez ultrapassado, impossibilita a habitabilidade da casa, o nosso-ser-em-mundos. Os níveis de habitabilidade e da sua impossibilidade não se reduzem obviamente à deterioração dos materiais, à vizinhança, à utilização ou não do edifício. Uma casa pode tornar-se impossível porque não conseguimos ter quotidiano nela, por motivo da presença nela de alguém e também por motivo de ausência de alguém nela. Fazer a experiência de não ter casa e de não ter mundo pode ser interpretada de diversas maneiras, mas essa vivência é tanto mais premente quanto se dá na própria perda de casa e de mundo. Não ter casa para habitar e não ter mundo para existir têm múltiplos significados, tal como «habitar», «viver» e «existir» são verbos de sentido polissémico.

Este pequeno livro acentua o relevo simbólico dos substantivos, mesmo quando, ou sobretudo quando, a elaboração do sentido é feita a partir das práticas diferentes configuradas pelo ser arquitecto, ser psicanalista, ser artista. O mote da reflexão é precisamente o horizonte de sentido em que se faz a experiência expressa pela palavra alemã «Unheimlich», que quer dizer em sentido literal:

1
As citações das páginas referem-se ao livro em questão. O que se segue não é uma recensão, mas a reacção a uma leitura possível. É dessa leitura que aqui ficam algumas notas.

2
NOVA FCSH/IFILNOVA.

«não estar em casa». A palavra denota um sentido espacial e geográfico. Mas conota outras realidades originariamente figuradas.

Nenhum alemão diz ao telemóvel, por exemplo, «não estou em casa» com as palavras «ich bin unheimlich» ou «es ist mir unheimlich». Diz «Ich bin nicht zu Hause». «Unheimlich» — que os ingleses traduzem por «uncanny» em textos de pendor psicanalítico ou filosófico — tem um campo semântico completamente diferente. Pode, sim, descrever um estado de espírito de inquietude, mas, de facto, quer dizer na sua origem «inóspito». «Inóspito» não apenas no sentido passivo de «não acolhedor», mas também activo «que expulsa», «que põe na rua», «despeja». Uma vez mais, o que possa ser pensado com estas expressões admite um sentido literal, mesmo até referindo-se a estados de espírito, e um sentido figurado, não necessariamente simbólico.

Ser inóspito, estar fora de casa, ser despejado, ser expulso apontam para uma situação de desprotecção, ausência de segurança, sem abrigo, em que a existência se pode converter. Não ter casa não é viver no mundo. Pode ser exactamente o contrário. Ter o mundo inteiro, quando não se tem casa para morar, é ter o mundo como o «nenhures» em que se existe. Pode acontecer que em lado nenhum do mundo alguém se sinta em casa. O mesmo é dizer que alguém pode não estar em lado nenhum em casa. Porque sentir e estar ou ser é a mesma coisa.

O «desarraigamento» descreve o processo de ser e estar desarraigado em diversas dimensões: fora de casa, ser exilado, estar desterrado, fora do território onde se faz a experiência da protecção e da segurança que é estar em casa. Estar em casa opõe-se a estar fora de casa. Fora de casa não pode ser compreendido objectivamente a partir das coordenadas geográficas ou geométricas da experiência comum: «dentro/fora», «próximo/distante»; mas a sua inteligibilidade e compreensibilidade radica no fundamento disposicional: acolhedor/inóspito, nacional/estrangeiro, familiar/estranho.

As hipóteses interpretativas pressupõem uma compreensão tácita do ser casa, e para tal consideramos que a casa está acabada, pronta a habitar, já com os acabamentos feitos e mobilada. Mas e se «a casa nunca está acabada», se «a casa em si não se termina»? Ou pode «a casa acabada quando é habitada» pôr problemas ao modo de a habitar (p. 13)? E o mundo está já feito e pronto para «sermos nele» ou vai-se construindo ou alterando convulsiva e descontinuamente? Estará o mundo sempre em construção ou podemos ter do mundo uma representação teórica cabal? Ou será a representação ou ideia que temos do mundo o que confere uma suspensão da sua dinâmica como o congelamento fotográfico?

O mundo é o estrangeiro na sua totalidade. Perceber a sua vastidão não implica a dispersão ou a pulverização por todos os cantos do mundo, mas a detecção da fronteira, aquém da qual demarcamos o íntimo. As fronteiras podem ser longínquas como a abóbada em que se converte o céu, em abóbada celeste. É a partir de todos os raios, do exterior limite para o seu interior, até ao nosso ponto de vista que se constitui o horizonte da habitabilidade. O que é para lá pode ser sondável, mas é definido na indeterminação determinável da transcendência.

«Em psicanálise precisamos de uma fronteira para o íntimo. Sem isso não seria possível termos uma relação com o exterior» (p. 17) Assim se perfila a casa esboçada pelo psicanalista. «Nos sonhos, a casa é o elemento mais constante.» (p. 18) A casa é «uma entidade feminina», «a habitação primeira», «o lugar da primeira gestação do ser humano». A arquitectónica do sentido, a pedra angular do horizonte do humano, portador na sua existência do lugar universal de todo o ser, é a infância. «Somos os únicos animais que têm uma infância.» A neotenia é a condição suficiente para a possibilidade de constituição de uma psicanálise, porquanto «a criança é o pai do adulto». A mulher é o próprio interior da existência humana, não metafórica, mas «real». O interior necessariamente inexpugnável, mas precariamente vulnerável, estende-se com Freud à «cidade», à «fortaleza».

Ainda que os lugares interiores não estejam, pela sua geometria peculiar, protegidos e escondidos, podem naturalmente arruinar-se e colapsar sobre si próprios, implodir para dentro de si próprios. A história pré-natal até ao nascimento, o desenvolvimento no tempo, não é um progresso positivo nem uma evolução. Não, nem do ponto de vista da psique, nem do ponto de vista do corpo. O próprio nascimento foi desde sempre interpretado como o princípio da tragédia. «Mal saias do ventre da tua mãe comes a morrer» (Santo Agostinho), como se o tempo pré-natal na «barriga da mãe» fosse o único que admitisse progresso, evolução, crescimento, ainda que tal não seja também verdade por necessidade.

A casa é assim como o «ventre feminino», a «barriga da minha mãe», o horizonte em que temos cabimento ou não temos cabimento, como dizemos em português que «algo faz sentido» e «tem cabimento» ou «algo é descabido» e «não faz sentido nenhum».

O humano não está geometricamente «dentro da casa», «no interior» das quatro paredes, como uma peça de mobiliário. Morar numa casa e habitá-la é viver nela, nela ter a existência. E a existência não dá folga espacial ao lugar em que se encontra. Da mesma forma que nos confundimos com o céu azul, estrelado, nublado ou limpo. Não estamos circunscritos ao espaço que a nossa anatomia

revestida pela epiderme nos reserva. Assim, também habitar uma casa é ir e «estar ido» aos sítios mais recônditos da sua geometria na sua totalidade (divisões onde não estamos, sítios onde guardamos roupa e coisas, gavetas, armários, cofres) e aos tempos aparentemente esquecidos, mas que constituem as memórias presentes de um futuro a haver ou não, com ou sem sentido numa casa.

As alegrias e as tristezas, dias de nascimento e comemoração de aniversários, dias de triunfo, dias de reencontro com familiares e amigos, mas também dias de doença, despedida para sempre afectiva ou física, dias de funeral. Todos os dias com tudo o que se passou a cada instante quando todos estávamos vivos e quando já posso só eu restar fazem-se sentir anonimamente de algum modo na casa que habitamos. Todas as casas, por mais que sejam aquelas em que vivemos, no país e no estrangeiro, com pessoas ou sozinhos, têm sempre o horizonte inaugurado pela relação enquanto relação entre nós e a casa.

A relação do humano com a casa projecta o sentido em todas as suas dimensões sobre a realidade objectiva das paredes e o seu interior e a realidade subjectiva que é cada um de nós como se encontra, está e é.

Somos portadores da primeira casa, «o seio como entidade simbólica», não, como «mama». O seio é a sede do sentido. Somos acolhidos no seio, não, na «mama» do sentido.

O quotidiano é «por defeito» o resultado da negação da situação em que cada um de nós se encontra pessoal e colectivamente, na sua geração e em todas as gerações passadas e vindouras. De facto, se não houvesse o véu da vida de todos os dias que nos permite «estar em negação» relativamente à estranheza e inospitalidade do «meio», fariamos a experiência da presença intolerável do desconhecido, que, ainda que determinável, nos surge como angustiante, nos expulsa para fora de nós, obriga a uma expropriação contínua do «si». «O estranho é o retorno do recalçado.»

A nossa condição será compreendida quando nos encontrarmos no exterior com saudades do interior, alienados, mas com ânsia da pátria, expropriados, e, ainda assim, cheios de vontade de ser os próprios. O modo como vivemos no mundo e habitamos a casa, o mais das vezes e primariamente, é como se o chão do lar estivesse já assegurado, o mundo fosse um local acolhedor. Mas nem o mundo é a Terra, nem a casa são quatro paredes, nem tão pouco, talvez até, a sua dimensão seja estática e espacial, quando ela é fundamental e cronicamente temporal.

A casa e o mundo são «criaturas» ou «seres» mutantes que acontecem no tempo. Tal como a Terra, que não esgota o que é o mundo, quando está exposta às estações do ano, e na passagem

de uma para a outra se reveste de roupagens completamente diferentes, assim também a casa é diferente na infância, juventude, idade adulta e velhice, tardes de Agosto e vésperas de Natal, dias felizes e tristes, quando é bom estar em casa e quando se precisa de sair dela para apanhar ar.

Projectar uma casa implica uma antecipação intrínseca do horizonte da sua habitabilidade. A projecção como antecipação da habitabilidade acontece de diversas maneiras. Quando vemos casa para arrendar ou comprar, quando nos mostram a casa que vamos habitar nos próximos meses no estrangeiro, quando começamos a morar numa casa, projectamos diversas possibilidades na nossa imaginação, procuramos definir os polígonos ortogonais ou prismas paralelepípedicos em divisões específicas pelas quais se distribuem as nossas necessidades e as funções que exercem para nós: sala de jantar, sala de estar, quartos de dormir, de hóspedes, gabinetes de trabalho, etc. Estas são aproximações à situação em que o arquitecto se encontra quando lhe é pedido que «faça» uma casa. «Projectar» é «escrever», como «redigir» um recado, como se «imaginar» (p. 27) uma casa fosse dar um recado a quem o sabe ler para edificar o que está traçado numa planta, bidimensionalmente no papel ou a quatro dimensões.

O traço, por mais sofisticada que seja a sua concepção, é uma indicação do que está por vir, é já uma antecipação da realidade física dos materiais com a sua resistência, bem como da ligação de cada divisão às restantes, e, se for caso disso, do apartamento com os outros do mesmo andar e cada andar com os restantes e o prédio com o bairro e o bairro com a cidade.

O interior da casa não é a geografia pura do que está dentro por oposição ao que está fora. O que delimita o interior do exterior pode ser apenas a percepção da possibilidade do fora. Um quarto sem janelas deixa adivinhar corredores e outras divisões, a rua e as ruas contíguas.

São naturalmente janelas e portas que fazem a fronteira complexa entre dentro e fora, que permitem espreitar para dentro e olhar janela fora, entrar e sair, fechar e abrir, prender e soltar. Há portas e portões que nos estão interditos ou podem estar abertos. Abrimos ou não a porta da nossa casa. Mas portas e janelas têm dimensões multifacetadas, como os portais virtuais do tempo passado e do tempo fantástico do sonho e da imaginação.

Apenas há acesso ao «interior» da casa «a partir da percepção da intimidade do interior» (p. 28). A casa não está apenas inserida na natureza que a acolhe: piso, andar, monte, colina, ravina. Só existe humanamente quando ela começa a inserir-se, a enraizar-se na intimidade do humano. Demora muito tempo a estar-se em casa, tanto quanto demora a sentirmo-nos em casa.



A essência da casa é a intimidade do humano. A intimidade do humano não existe em nenhuma geometria esboçada até à data. O acesso à intimidade da casa é o acesso que o humano pode ter à sua intimidade. A intimidade da casa é de alguma maneira a intimidade do humano e não é perscrutável por quem nela não viva ou para quem se tenha já tornado noutra e diferente de quem era.

Só o sonho pode como hipótese psicanalítica sintonizar e canalizar essa dimensão perdida para a memória de uma casa e das nossas vivências dela, distribuídas ao longo do tempo. «O sonho seria uma espécie de elevador que iria buscar, de forma alucinada, essa geografia perdida.» (pp. 38–39) O que o sonho faz viver oniricamente como irreal não deixa de surtir efeito, de accionar afectivamente o horizonte de sentido que se projecta sobre todo e qualquer conteúdo real, transformando-o, metamorfoseando-o.

O trabalho do analista é, «no fundo, um trabalho de tradução». Se por defeito o quotidiano se encontra em «negação» relativamente ao estranho, inóspito, angustiante, ou melhor, se o quotidiano produz «recalcamento», é necessário encontrar vestígios, muitas vezes avulsos e mascarados, que nos ponham na pista da dimensão profunda da existência, ou, como os platónicos lhe chamam, do outro mundo, ideal, mas mais verdadeiro do que mundo da realidade física. As portas de abertura encontram-se esporadicamente e requerem não apenas atenção, mas um trabalho de elaboração hermenêutica.

Se o quotidiano provém de e acaba numa psicopatologia, o quotidiano é a superfície de uma profundidade. A neutralização do *pathos* permite um vislumbre para o horizonte habitualmente interdito ou proibido. É o que podemos indiciar através do «equivoco» do «lapso ou acto falhado», compreendido como fenómeno de descontinuidade. O quotidiano é por defeito um horizonte de negação relativamente a esse outro mundo. O quotidiano constitui um contínuo psicopatológico. Para rompermos para fora desse campo de forças, é necessária a formação de verdadeiras fissuras ou fendas, portais de entrada no que a psicanálise chama «inconsciente», que o é tão pouco que nos acontece por sua visita, talvez. (p. 43)

Habitar a casa e ser no mundo não são comportamentos teóricos nem cognitivos. Não, pelo menos nas suas dimensões decisivas. A casa não é para o humano o ninho ou a toca no reino animal. O humano encontra a caverna não porque ela exista na natureza, mas porque ele vai à sua procura baseado na necessidade de protecção e segurança, contra as forças da natureza e os seus inimigos. Ser no mundo e habitar a casa depende da experiência que fazemos do nosso corpo como sendo o instrumento para a nossa encarnação nas mais diversas situações.

Se o corpo fosse o terminal impermeável de cada um de nós, não teríamos acesso ao mundo nas suas mais diversas dimensões: frio, quente, húmido, seco, próximo, longínquo, debaixo e em cima, coberto, desprotegido. Não conseguiríamos manipular máquinas, jogar jogos nos seus campos, lutar, dançar, estar remetido para o corpo do outro e compreender o outro a encontrar-se remetido para o nosso.

Não é o corpo que habita a casa, mas cada um de nós dimensiona a casa à sua medida. A medida do acesso é o corpo em que nos encontramos connosco. «O poder do corpo» não é reduzido ao que é «completamente físico» (p. 47). «O corpo é imanente», «mas as várias dimensões do corpo são muitas coisas juntas». O corpo é «a medida que mede a arquitectura» (*ibidem*). Pessoas altas em casas baixas, pessoas grandes em casas pequenas, pessoas que gostam de habitar espaços vastos e despovoados em casas pequenas e cheias de tudo, não fazem a vivência do espaço da casa do mesmo modo que outras pessoas que se possam dar bem em casas baixas e pequenas.

Cada divisão pode oferecer múltiplas situações que se constituem consoante as actividades que nelas se praticam, funções que exercem. Podemos trabalhar, tomar refeições, estar com pessoas e sozinhos, numa mesma divisão da casa. A divisão é a mesma, mas as actividades que nela têm lugar criam dimensões impermeáveis entre si: servem de gabinete, sala de jantar, ginásio, sala de espectáculos, etc.

A verdadeira elasticidade da casa é a que tem como limites a possibilidade e a impossibilidade de a habitar e de nela morarmos. O acesso à casa não é o acesso ao objecto casa, à substância casa, à casa real ou de sonho.

Estamos de cada vez desde sempre já no mundo e, contudo, o mundo pode não ser para nós. Podemos nunca sair de casa, por não termos interesse em ir ao mundo e a nossa vida pode ser rica ou pobre. Há pessoas que já não saem e outras que nunca estão em casa.

As portas para a intimidade de uma casa não são portas físicas, portões, cancelas. Quando vamos à casa de alguém pela primeira vez, podemos ter a noção de que estamos a ver o que estamos a ver, mas não nos apercebemos como a nossa perspectiva está esgotada no momento da apresentação. É o que podemos perceber também quando alguém vai a nossa casa pela primeira vez. Essa pessoa pode estar a ver com mais pormenor e atenção a nossa casa no momento em que nela entra, mas não tem acesso à sedimentação sentimental que reveste paredes e o espaço entre paredes.

Apenas cada um de nós tem acesso efectivo ao horizonte afectivo que inunda imperceptível e anonimamente o espaço entre paredes. A dimensão temporal é o horizonte sob cuja dependência existe

a afectividade. O espaço afectivo distribuído no tempo existencial tem tantos protagonistas quantas as pessoas que habitam o espaço geográfico da casa. O interior da casa é o espaço complexo definido pelo ser com outros nessa casa, o sermos uns na presença dos outros ou o sermos uns sem a presença dos outros, tal como a casa é para eles sem nós diferente da casa connosco *lá*.

O tempo da casa é o tempo das pessoas que habitam a casa, o tempo em que a casa é habitada e o tempo em que a casa está vazia temporária (nas férias, nas horas de expediente) ou permanentemente (divórcio, morte, partida das crianças para estudarem). As diversas fases das diversas épocas da vida para todas as pessoas que viveram numa casa desdobram-se sucessivamente umas atrás das outras desde o primeiro momento em direcção ao futuro ou desde o último momento possível que está já a fazer-se sentir quando lá nos encontramos pela primeira vez.

As fases simultâneas ou desfasadas do tempo da vida formam-se num transcurso temporal, convergem umas na direcção das outras ou divergem umas para fora das outras, sempre na estrutura originária da sequência, ou melhor, da passagem irreversível do tempo. Só que só vemos o interior das quatro paredes. Não vemos o tempo no seu decurso tal como não vemos nele pendurados os dias com as suas vivências, como fotografias presas com molas a uma corda estendida num quarto escuro de revelação.

E, contudo, temos de adivinhar a existência desta dimensão irreal. Ela tem de se fazer sentir de algum modo. Cada divisão de uma casa e cada casa tem de ser transfigurada. Cada divisão tem a sua cave ou deve metamorfosear-se na cave que alberga o segredo, o subterfúgio, o inquilino inóspito, o esquecido.

A dimensão obscura da passagem irreversível do tempo junta o tempo de vida de todas as pessoas que foram e viveram numa casa, sintetiza em si todas as heranças afectivas, patrimónios emocionais, todas as biografias de vidas passadas presentes e futuras. Para aceder a essa dimensão irreal, invisível, mas que pode fazer-se sentir de alguma maneira, requer sermos catapultados para a geografia peculiar do sótão. Subir ao sótão é aceder «à parte consciente ou pensante». Na verdade, é reconduzir a cave inconsciente ao sótão consciente. 🐉

Recensão

DESENHO INFANTIL: ESPELHO DO MUNDO INTERNO DA CRIANÇA

Maria Fernanda Gonçalves Alexandre¹

FICHA TÉCNICA

Título
*Desenho Infantil:
Espelho do Mundo
Interno da Criança*
Autor
Orlando Fialho
Edição
Colibri, 2019



A publicação deste livro abre um importante espaço, tão raro entre nós, de investigação e reflexão sobre o mundo interno da criança e do adolescente, através duma narrativa que se expressa a partir do desenho. O autor, Orlando Fialho, depois dum longo trabalho de pesquisa através dum estudo longitudinal, examina a evolução do desenho infantil em crianças do período da latência. Desta forma, a pesquisa do conteúdo manifesto e latente dos desenhos da família, nesta amostragem, confirma «que existem vários processos de funcionamento intrapsíquico, extremamente dinâmicos e em constante mutação».

A leitura deste livro fez-nos pensar que o desenho condensa, tal como no sonho, diferentes processos que se interligam em distintas qualidades de relação de objectos internos, mas que se configuram em constantes movimentos e mudanças. Esta transformação constante pode ser influenciada por factores biológicos, afectivos, assim como por estímulos externos que «modificam de forma aleatória todo o processo de funcionamento intrapsíquico» e que o autor designa como «caos psíquico». Pareceu-nos que o autor nos quer mostrar, sobretudo no trabalho clínico, que fazer um desenho pode mobilizar fantasmas internos contraditórios que trazem, por vezes, turbulências pulsionais que podem evadir e desorganizar o espaço psíquico interno, assim como externo. Mas, como o autor sublinha, este funcionamento caótico também pode ser transformador, sobretudo quando estamos perante um desenvolvimento psíquico normal, ao contrário das situações patológicas onde as mudanças são mais difíceis.

Este livro, sobre uma investigação do «Desenho infantil, como espelho do mundo interno», lê-se com gosto e leva-nos a pensar que existe, de algum modo, uma ligação estreita entre a construção do desenho da criança e a forma como se produzem os nossos sonhos. Na verdade, também é através do processo primário que se assiste à transformação dos espaços internos em imagens mesmo antes de terem acesso à consciência. A transformação do pensamento em imagens é uma das características

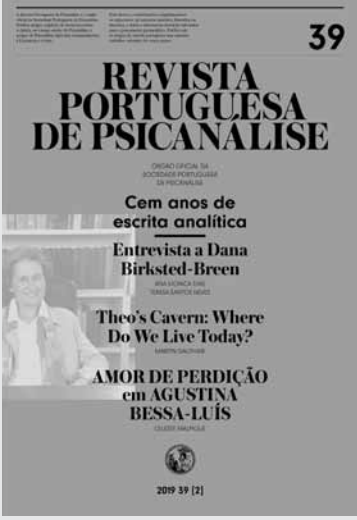
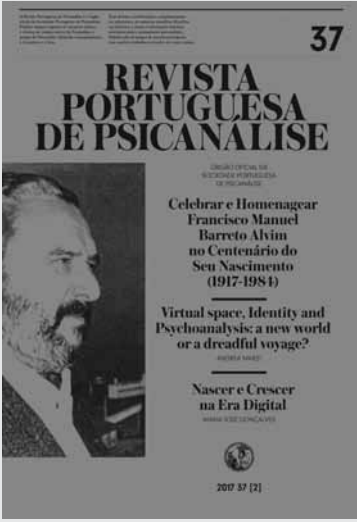
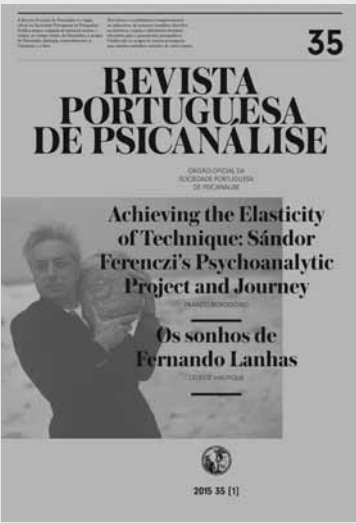
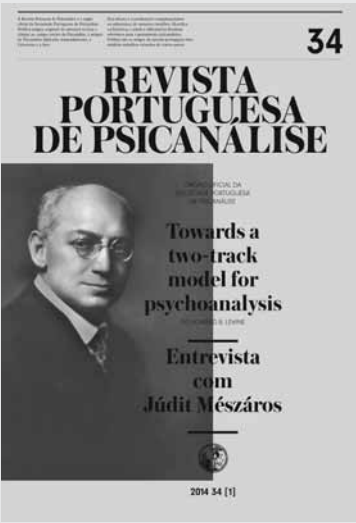
¹
Psicóloga clínica e da saúde.
Psicoterapeuta e psicanalista.
Membro titular, com funções
didácticas, da Sociedade
Portuguesa de Psicanálise
(SPP) e da Associação
Internacional de Psicanálise
(IPA). Directora da Revista
Portuguesa de Psicanálise.
E-mail: mfaalexandre@mail.
telepac.pt

do inconsciente. Assim, os desenhos, modo de produção do inconsciente, podem também ser configurados, de acordo com as diferentes formas de pensamento que se exprimem por imagens e que mostram ser da mesma natureza e qualidade do sonho. Tal como no sonho, o desenho condensa muitos espaços e tempos de épocas diferentes, mas que coexistem entre eles numa aparente harmonia. Um desenho, tal como no sonho, funciona como um espaço que condensa e figurabiliza diferentes qualidades de afectos. Igualmente, podem surgir também uma miríade de distintas cores que representam os diversos estados psíquicos da mente da criança. Nas crianças muito pequenas, as manchas coloridas colocadas sobre o papel condensam histórias e afectos que ainda não podem ser contados e representados, mas somente sentidos e vividos. Nestas circunstâncias, como sublinha o autor, «é através do afecto que o ser humano reage aos estímulos, quer internos como externos, e, desta forma, organiza o caos psíquico, permitindo uma harmonia ao longo de desenvolvimento».

Orlando Fialho, neste trabalho, não se limita a investigar o desenho, mas, mais do que isso, debruça-se nas diferentes qualidades de «expressão do mundo interno da criança». O autor, a partir dum estudo longitudinal, constatou que o desenho da família condensa — tal como no sonho — vários tipos de relações objectais que percorrem o desenvolvimento, mas que o aqui e agora capta a qualidade da internalização da organização familiar. Nesse sentido, como sublinha, citando Corman (1990), é através do desenho que o investigador contacta e capta a representação do sujeito sobre si próprio, assim como as qualidades das suas relações com os diversos elementos da família. Este trabalho de investigação mostrou, como assinala o autor, que pode haver permanentes alterações ao nível da projecção da posição do próprio em relação aos outros elementos da família. Este trabalho indica, também, que pode haver uma flutuação ao nível da representação dos desenhos, mas que a qualidade dos afectos se mantém.

Este livro de Orlando Fialho, cuja leitura é agradável, condensa, por um lado, o seu próprio pensamento como psicanalista de crianças e de adolescentes, em diálogo interno com diversos autores da língua inglesa e francesa, mas, ao mesmo tempo, enriquece-o através dum longo trabalho de investigação sobre o desenho da família. Como o próprio autor sublinha, este trabalho de investigação surpreendeu-o «perante um mundo interno vivo e criativo, com todas as crianças da latência assim como com os adolescentes observados».

Este livro, que nos faz pensar, cria um espaço de debate e de reflexão sobre a enorme diversidade e riqueza do mundo interno da criança e do adolescente, captado através da sua projecção no desenho. Mostra, também, que cada fragmento do material e cada instante condensam toda a realidade psíquica da criança, assim como assinalam a representação que ela faz do seu mundo interno e externo. É um livro que nos informa, nos interroga e nos permite aproximar do mundo interno da criança. 📖





LISBOA

Avenida da República, n.º 97, 5.º
1050-190 Lisboa
T (+351) 217 972 108
F (+351) 217 936 224
E sppsicanalise2013@gmail.com
institutopsicanalise@gmail.com

A Revista Portuguesa de Psicanálise é uma publicação bianual. Ao assinar a revista no formato papel, receberá os dois números publicados por ano, que serão enviados pelo correio, bem como a versão digital de cada número. Estão também disponíveis os números publicados anteriormente. Para evitar interrupções da entrega, a renovação de assinatura deverá ser solicitada em Dezembro de cada ano. No sítio da SPP (<http://www.sppsicanalise.pt/>), é possível ter acesso a esta ficha de assinatura e fazer o *download*, assim como comprar a revista directamente na loja.



SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICANÁLISE

FICHA DE ASSINATURA REVISTA PORTUGUESA DE PSICANÁLISE

Assinale a(s) opção(ões):

- ☐ Assinatura anual da *Revista Portuguesa de Psicanálise* formato papel + digital: 29 € (+portes envio)
- ☐ Assinatura anual da *Revista Portuguesa de Psicanálise* formato digital: 17 €
- ☐ Assinatura da *Revista Portuguesa de Psicanálise* formato papel + digital por dois anos: 57 € (+portes envio).
- ☐ Assinatura da *Revista Portuguesa de Psicanálise* formato digital por dois anos: 33 €
- ☐ Solicitação de números anteriores formato papel (formato digital a partir de 2016 inclusive) referentes aos anos _____: 15 € cada número (+portes envio).

Portes de envio: Portugal e Ilhas + 3 €; Europa + 5 €;
Outros continentes + 8 €.

FORMAS DE PAGAMENTO

- ☐ Cheque nominal via correio, juntamente com esta ficha preenchida, endereçado a:
Sociedade Portuguesa de Psicanálise,
Avenida da República, n.º 97, 5.º, 1050-190 Lisboa
- ☐ Transferência bancária para Sociedade Portuguesa de Psicanálise, NIB: 0010 0000 0706 7870 0015 2
Enviar comprovativo de transferência, juntamente com esta ficha preenchida, para Sociedade Portuguesa de Psicanálise, e-mail: sppsicanalise2013@gmail.com

IDENTIFICAÇÃO

NOME/INSTITUIÇÃO

ENDEREÇO

TELEMÓVEL _____ E-MAIL _____

DADOS PARA PREENCHIMENTO DA FACTURA/RECIBO (NOME E NIF):



INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Inserido na SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICANÁLISE (SPP), o INSTITUTO DE PSICANÁLISE (IP), fundado em 1975, é uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social) sem fins lucrativos que desenvolve duas áreas de actividade no campo da Psicanálise — uma clínica e outra formativa.

Na sua actividade clínica, o INSTITUTO DE PSICANÁLISE (IP) proporciona, através da CLÍNICA PSICANALÍTICA — IP, o acesso a preços reduzidos, a tratamentos psicanalíticos para todas as pessoas que desejem uma melhoria no campo da sua vida pessoal e afectiva. Estes tratamentos são realizados por sócios da SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICANÁLISE (SPP).

COMO CONTACTAR-NOS PARA MARCAR UMA CONSULTA?

Para marcar uma consulta inicial e (para) ser orientado para o tratamento psicoterapêutico mais adequado para si, contacte Carla Rodrigues através do telefone (351) 217 972 108, de segunda a sexta-feira, das 9h00 às 12h00 e das 13h00 às 17h30.

MORADA

Av. da República, n.º 97, 5.º, 1050-190 Lisboa, Portugal

CONTACTO ONLINE

<http://sppsicanalise.pt/>

e-mail: institutopsicanalise@gmail.com



INSTITUTO DE FORMAÇÃO E TERAPÊUTICA PSICANALÍTICA DO PORTO (IFTP)

O INSTITUTO DE FORMAÇÃO E TERAPÊUTICA PSICANALÍTICA DO PORTO (IFTP), órgão da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, é uma IPSS sem fins lucrativos criada em 1999 e que, como a sua designação deixa supor, desenvolve actividades no âmbito da formação psicanalítica e da prestação de cuidados terapêuticos especializados em psicanálise.

Em relação a este último ponto, a Clínica de Psicanálise do IFTP proporciona tratamento psicanalítico a preços reduzidos a adultos, adolescentes e crianças com alterações de comportamento e adaptação social, perturbações psicoafectivas e queixas somato-funcionais persistentes. As consultas de diagnóstico e orientação e as intervenções psicoterapêuticas são assegurados pelos sócios do IFTP/SPP, de acordo com elevados padrões de qualidade técnica, precisão clínica e rigor ético.

Se pretender marcar uma consulta na Clínica de Psicanálise do IFTP, deverá entrar em contacto telefónico com a secretária do IFTP, Dulce Teixeira, através do telefone (351) 226 067 511, entre as 12h00 e as 14h00, de segunda a sexta-feira, ou deixar gravado o seu pedido de consulta em *voicemail*, que será respondido com a maior brevidade possível.

MORADA

Rua Júlio Dinis, 825, 4.º esq., 4050-327 Porto

CONTACTO ONLINE

<http://sppsicanalise.pt/>

e-mail: iftp.porto@gmail.com

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

REVISTA PORTUGUESA
DE PSICANÁLISE

NÚMERO

39 [2] – Julho a Dezembro
de 2019

EDITOR

VS-Vasco Santos Editor, Lda.
Trav. do Carmo, 1, 1A
1200-095 Lisboa

REVISÃO DE TEXTO

Carina Correia

ISSN

30-03-2016

OFÍCIO ISSN

58/2017

DEPÓSITO LEGAL

XXXXXXXXX

DESIGN

Joana Monteiro

MODELO GRÁFICO

Clube dos Tipos

IMPRESSÃO

Papelmunde

TIRAGEM

350 exemplares

PREÇO PVP

20 euros

DEZEMBRO DE 2019

© 2019 SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE PSICANÁLISE
DIREITOS RESERVADOS



A Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) é uma associação científica, sem fins lucrativos, que tem por missão a investigação, a divulgação e a promoção da prática da Psicanálise, bem como a relação com outros ramos do conhecimento. Está filiada na International Psychoanalytical Association (IPA) e na Federação Europeia de Psicanálise (FEP).

LISBOA

Avenida da República, n.º 97, 5.º
1050-190 Lisboa
T (+351) 217 972 108
F (+351) 217 936 224
E sppsicanalise2013@gmail.com
institutopsicanalise@gmail.com

PORTO

Av. de França, 256, 2.º, Sala 2.5,
Edifício Capitólio, 4050-276 Porto
T (+351) 226 067 511
E iftp.porto@gmail.com

